



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA

“NÉ HOMEM NÃO?” – RETRATOS DAS
MASCULINIDADES: entre as singularidades e a
hegemonia.

Programa de
Pós-graduação em Psicologia
- UFPE

Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, 9º andar - Recife/PE
CEP 50670-901
Fone: (81) 2126 8730

www.ufpe.br/pospsicologia

RECIFE

2016

JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA

“NÉ HOMEM NÃO?” – RETRATOS DAS MASCULINIDADES: entre as singularidades e a hegemonia.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.

RECIFE/PE

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

G185n Gama, Juliana Fonsêca de Almeida.
“Né homem não?” - Retratos das masculinidades : entre as singularidades e a hegemonia / Juliana Fonsêca de Almeida Gama. – 2016.
f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2016.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia. 2. Homens. 3. Masculinidade. 4. Identidade de gênero. 5. Performatividade. I. Fonseca, Jorge Luiz Cardoso Lyra da (Orientador). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-198)

JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA

**“NÉ HOMEM NÃO?” – RETRATOS DAS MASCULINIDADES:
entre as singularidades e a hegemonia.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 03/02/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca. (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Campinas

À minha voinha Ayde, por amor e saudade...

AGRADECIMENTOS

Àquela esperança de inspiração divina que me protege a cada passo e que me traz o conforto que preciso para acreditar em dias cada vez melhores – *Deus!*

Aos *meus pais* por serem minha base forte, minhas fontes de amor, de coragem, de admiração e meus maiores incentivadores. Ao *meu pai*, por ser pai e mestre na vida, por ser diferente de mim e ao mesmo tempo minha cópia fiel, meu pai segurança e de amor. À *mamãe*, meu anjo, minha amiga, meu ouvido, meu porto seguro, aquela que sempre acreditou em mim e que é motivo de muito orgulho. Vocês são os donos do meu mais profundo amor!

Aos *meus irmãos*, que são os meus maiores e melhores amigos, que são minha proteção firme e meus grandes amores. Como teriam sido esses anos sem ter vocês por perto a cada volta para casa? Meus xodós, agradeço muito à vocês pelas discussões e risadas ao longo dessa vida e pelo orgulho que sempre tivemos uns dos outros.

À *minha Vovó Elita*, sempre tão estudiosa e organizada. A senhora é luz na minha vida, é a minha amiga mais sábia, é a minha maior professora do amor e da vida. Sempre interessada nos meus passos, rezava para eu fosse e voltasse bem de cada viagem a Recife e batia palmas a cada nova página escrita. Obrigada, voinha!

À *minha Otília*, avó torta que me embriaga de amor com pudins deliciosos, abraços fortes e risadas largas. Te amo!

À minha grande família, *tios, tias, primos, primas e cunhada*, que me incentivam e me inspiram a ir em busca dos meus sonhos.

À *Mário*, meu companheiro de uma vida inteira e minha calma, sempre disposto a me escutar, sobretudo ao longo desses dois anos em que falei tanto. Obrigada por acreditar em mim e em nós dois e por fazer questão de me lembrar que sou capaz.

À *Neném* que, mais do que amiga da minha avó, se tornou minha mãe durante os três meses em que estive na mobilidade. Obrigada por todo conforto, paciência e saudade que deixou em mim. Espero um dia voltar e retribuir cada incenso aceso para minha proteção e todo amor que recebi.

Aos *amigos* que a vida me deu e, em especial, às minhas amigas de infância, que são parte de mim e sempre me esperam de braços abertos.

Às minhas primeiras companhias fora de casa, minhas florzinhas, *Mirela, Dany e Emily*, que vibraram comigo a cada novo alcance no primeiro ano do mestrado e que foram também o meu lar.

À minha *turma do mestrado*. Foi muito bom conhecer cada um de vocês e compartilhar, a cada mês que passava e a cada prazo que se esgotava, as angústias de ser mestranda. Hoje sabemos, mais do que nunca, o prazer que envolve toda essa formação e, mais ainda, o quanto é bom poder contar com um amigo ao lado. Em especial, agradeço a *Ana Paula Pimentel, Luiz Braúna e Aida Carneiro*, porque sei que fomos mais fortes quando estivemos juntos. Obrigada pelas risadas, planos e sonhos compartilhados.

À *Jorge Lyra*, meu professor e orientador, obrigada por ter me aceitado e por ter acolhido minhas sugestões e inexperiências. Nunca irei esquecer daquele primeiro contato que deu início a uma longa jornada de saudade. Levarei comigo, aonde eu for, todos os ensinamentos e conselhos que me concedestes. Gratidão sempre, por sua torcida para que chegássemos aqui, pelo cuidado na escolha das palavras e pelo carinho com minhas dificuldades. És um exemplo.

Aos amigos que Recife me trouxe, em especial, *Ana Luísa Cataldo, Ana Paula Pimentel, Celestino Galvão, Luiz Braúna, Marianna Almeida e Thaissa Machado*. Tudo ficou mais tranquilo quando vocês me tomaram pela mão e me apresentaram um mundo de possibilidades. Obrigada por todos os compartilhamentos e por terem me feito parte desse ninho de carinho.

À *Patrícia Porchat*, minha professora e parceira nas aventuras de gênero com psicanálise. A ela registro toda a minha gratidão pelo acolhimento, tanto a mim, quanto às minhas ideias, durante a mobilidade. Agradeço também pelas inúmeras caronas, pelas viagens inesquecíveis, por ter me feito sentir em casa quando estive longe e por ter preenchido minha bagagem com boas lembranças e muito afeto.

Ao *Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE* e a todos os professores que o fazem. Sou grata pela disponibilidade que tiveram ao compartilhar todos os conhecimentos em sala e fora dela. Em especial, agradeço aos professores *Jorge Lyra, Karla Galvão, Renata Lira e Benedito Medrado*, professores das disciplinas que tive o prazer de cursar. Meu muito obrigada! Levarei vocês comigo.

Ao professor *Benedito Medrado* agradeço pelos inúmeros ensinamentos. Ainda me lembro do primeiro encontro que tive com o GEMA; o mesmo dia em que você escolheu me dar voz e me escutar falar sobre quem eu era. A partir daquele momento passei a me sentir próxima e foi dada a largada para a transformação em carinho do que para mim era, até então, desconhecido. Muito obrigada por essa e por outras oportunidades.

À professora *Rose*, por compor o programa de pós-graduação, mas principalmente, por sua disponibilidade a ler um pouco sobre minha longa jornada de dois anos e por topar dar novas cores as minhas palavras e novas lentes aos meus olhares, através da leitura e dedicação ao meu trabalho. Muito obrigada, Rose!

Aos *alunos da graduação*. Sou muito grata a vocês por terem feito da minha primeira experiência em sala de aula um sonho para a vida inteira. Vocês me acolheram e depositaram em mim, além de uma professora, um sentimento amigo. Também levarei vocês comigo...

Ao *grupo de extensão “Atenção à diversidade”*, coordenado pela professora Patrícia Porchat na UNESP-Bauru, eu gostaria de dizer mais do que obrigada, por terem me dado apoio no momento em que perdi uma das luzes da minha vida, minha voinha Ayde. Lembro do dia em que cheguei, dos dias em que fiquei e do dia em que vim embora. Em nenhum deles faltou atenção, carinho e respeito. Em todos eles me senti importante e mais ainda, me senti parte do que estava sendo feito. Foram dias ótimos! Não vou esquecer que, com vocês, Bauru virou uma Campina Grande de afeto.

Ao *GEMA*, que mais do que um grupo de pesquisa virou meu aconchego recifense. Com vocês tive grandes encontros, grandes alegrias e muito conforto. Cada abraço que recebi, cada sorriso que dei, fizeram desses dois anos um tempo amigo. Sou grata por terem me acolhido, por terem escutado minhas inquietações e respeitado meus pensamentos, tantas vezes diferentes. Vocês estão não apenas na minha história, mas agora, também, nas minhas palavras e junto a mim, em coração e pensamento, aonde vou. Meu agradecimento mais profundo a cada um.

Em especial, agradeço a todos que fizeram o grupo *Projeto Paternidade*. Foram muitas tardes de reunião e do melhor cafezinho com biscoito. Nunca haverá como esquecer de vocês e das nossas produções. Obrigada por tudo!

À *Patrícia Caetano* e *Rodrigo Lira* que, sempre presentes, me apoiaram, me ensinaram e o mais importante, tornaram-se meus amigos. Amigos de pesquisa e de muita admiração. Muito sucesso a vocês!

Ao *Instituto PAPAI*. Admiração e inspiração são palavras que remetem bem ao que sinto diante do trabalho que é realizado por vocês. Parabéns pela iniciativa, pelas lutas e pela garra diária. Ter feito parte disso foi muito importante para mim. Obrigada!

Aos *interlocutores da pesquisa*, especialmente aos homens que me contaram suas histórias. O que seria desse trabalho sem a participação de vocês? Obrigada pelo respeito e pela confiança em todos os momentos.

À *João*, secretário da Pós-graduação. Antes mesmo de eu chegar, já haviam me dito que eu encontraria um anjo disposto a ajudar todos os alunos. E foi mesmo o que encontrei. João, parabéns pelo profissional que és. Obrigada por todas as soluções que me apresentastes.

À *FACEPE*, pela grande oportunidade que me deu para ir em busca de novos conhecimentos, ares e abraços. Obrigada pelo investimento feito em mim.

À *CAPES*, pelo investimento em minha formação e por tornar tudo isso possível.

A todos vocês e aos outros que guardo em meu coração, meu muito obrigado!

RESUMO

Ao longo dos últimos anos, os estudos sobre masculinidades foram adquirindo maior visibilidade na literatura científica brasileira e os homens, como tema de estudos, passaram a ter maior incidência nas pesquisas. Contudo, até recentemente, eles passavam como representantes do sujeito universal, não marcados por atributos de gênero. Dessa forma, foram ocupando lugares simbólicos nas relações sociais e institucionais que, reforçados como uma condição do ser homem, produziam sujeitos e segregavam outros de acordo com o que era entendido como estando dentro ou fora da norma. Atualmente, estudiosos/as como Judith Butler (2013) propõem que ainda que ajamos como se “ser homem” ou “ser mulher” fosse uma realidade interna, trata-se de um fenômeno produzido e reproduzido nas relações sociais todo o tempo. Visando promover um diálogo entre essa perspectiva e a temática homens e masculinidades, analisamos e refletimos criticamente acerca dos modos de subjetivação masculinos através de entrevistas narrativas com cinco homens de classes populares, residentes no bairro da Várzea da cidade de Recife/PE. As análises foram pautadas na proposta de análise do discurso de Michel Pêcheux (2008), baseada na interlocução entre sujeito, linguagem e história, tomando como objeto o próprio discurso, e também em algumas inspirações psicanalíticas de orientação lacaniana. Diante dos resultados, pudemos sentir que as masculinidades encontram-se e desencontram-se na construção de subjetividades singulares, ampliando a arena de possibilidades. O modelo hegemônico de masculinidade, portanto, reapareceu em todas as narrativas, mas reinventou-se e mesclou-se, permitindo o encontro com infinitas masculinidades possíveis.

Palavras – chave: Homens. Masculinidades. Gênero. Performatividade.

ABSTRACT

Over the past few years, studies on masculinities have acquired greater visibility in Brazilian scientific literature and men now have higher incidence on researches. However, until recently, they spent as representatives of the universal subject, not marked by gender attributes. Thus, they were occupying symbolic positions in social and institutional relationships that strengthened as a condition of being human, subject produced and segregated others according to what was supposed to be understood as "normal" or "abnormal". Currently, scholars such as Judith Butler, propose that we act as if "being a man" or "being a woman" was an internal reality, but this is a phenomenon produced and reproduced all the time. To promote a dialogue between this perspective and thematic men and masculinity, we analyze and reflect critically about the male modes of subjectivity through poor men living reports in the Várzea neighborhood of the city of Recife / PE. The survey included narrative interviews with five men in Recife / PE. The analyzes were guided by the Pêcheux' speech analysis (2008) based on dialogue between subject, language and history, taking as object the discourse itself, and also in some psychoanalytic inspirations of Lacanian orientation. With the results we have achieved that masculinities are and clash in the construction of individual subjectivities, expanding the arena of possibilities. The hegemonic model of masculinity thus reappeared in all narratives, but he reinvented himself and mingled, allowing the encounter with infinite possible masculinities.

Key-words: Men. Masculinities. Gender. Performativity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartaz da IV Jornada e o II Simpósio Internacional de Psicanálise da Unesp.....	53
Figura 2 - Mapa que compreende a extensão do bairro da Várzea e de bairros circunvizinhos.....	57
Quadro 1 - Quadro analítico para as entrevistas individuais	65
Quadro 2 - Quadro síntese com informações sobre os homens colaboradores.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do discurso

APA - American Psychological Association (Associação Americana de Psicologia)

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco

GEMA - Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBS – Unidade Básica de Saúde

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

US – Unidade de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. ENTRE HOMENS E MASCULINIDADES NA HISTÓRIA.....	25
2.1 AS MASCULINIDADES NO CONXTETO DE INVENÇÃO DO NORDESTE E DO NORDESTINO.....	34
3. CONSTRUINDO REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	39
3.1 DO SEXO AO GÊNERO: LANÇANDO A DISCUSSÃO.....	39
3.2 PROBLEMAS DE GÊNERO E A QUESTÃO DA PERFORMATIVIDADE EM BUTLER.....	44
4. DETALHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	51
4.1 OBSERVAÇÃO E AMBIÊNCIA: CONHECENDO O TERRITÓRIO.....	57
4.2 CONVERSANDO SOBRE NARRATIVAS E ENTREVISTANDO HOMENS.....	58
4.3 CAMINHOS PARA A ANÁLISE.....	60
4.4 SOBRE A QUESTÃO ÉTICA.....	65
4.5 SOBRE ELES. SOBRE CADA HOMEM.....	66
5. “NÉ HOMEM NÃO?” - ADENTRANDO NAS NARRATIVAS E ANALISANDO OS DISCURSOS.....	73
5.1 FRANCISCO - “ESPÍRITO NÃO TEM SEXO, ENTÃO O QUE EU FALEI NÃO EXISTE”.....	74
5.2 RAFAEL – “NÉ HOMEM NÃO?”.....	84
5.3 CARLOS – “MAS EU NÃO SOU ASSIM”.....	91
5.4 BRUNO – “MINHA MÃE É A FIGURA EM QUE EU ME VEJO, SABE?”.....	100
5.5 PEDRO – “EU SEMPRE TINHA AQUELE MEDO DE SER HOMOSSEXUAL”.....	105
6. À GUIA DAS (IN)CONCLUSÕES.....	113
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A: PROJETO: PATERNIDADE E CUIDADO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE.....	125
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	127
ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	128
ANEXO B: TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE.....	131

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, os estudos sobre masculinidades foram adquirindo maior visibilidade na literatura científica brasileira. Contudo, refletindo sobre o percurso que eles foram trilhando e nos deparando com as produções acadêmicas, vemos que foi apenas na década de 60 que se abriu um primeiro espaço para pensar, compreender e interpretar a dinâmica que envolve as relações entre o masculino e o feminino, e assim, as relações de gênero.

Foi então, neste tempo, que os estudos sobre masculinidades ganharam, segundo Enrique Gomáriz (1992), uma maior ênfase. Apesar disso, Benedito Medrado; Jorge Lyra (2008) apontam que, aqueles trabalhos que trazem as masculinidades como objeto de estudo propriamente dito, tiveram início apenas no final da década de 1980. E, só mais recentemente, a partir da segunda metade da década de 1990, é que teria começado a busca por sistematizar as produções já realizadas sobre homens e masculinidades.

Os homens – organismos, comportamento e valores socialmente atribuídos ao gênero masculino – foram capturados pela especulação científica. Até recentemente, tudo se passava como se os homens, na qualidade de representantes do indivíduo universal, fossem seres humanos não marcados por quaisquer atributos de gênero. E por isso aparentemente menos “objetificáveis”. [...] É possível postular a correlação entre a emergência do masculino como objeto de reflexão das ciências humanas e a dissolução de alguns dos privilégios sociais que a identidade de gênero historicamente assegurava aos homens. Provável reflexo de uma suposta “crise” imposta à identidade masculina a partir dos anos 60, provocada pela segunda voga feminista e pela emergência do movimento homossexual. [...] A masculinidade começa a ser mais claramente percebida como culturalmente específica, variando entre distintas sociedades e no âmbito de um mesmo contexto social, segundo diferentes períodos de sua história. (HEILBORN, 2010, p.109-110)

Antes, portanto, os homens eram tomados como seres “neutros”, como o elementar e já conhecido, devido a naturalização instaurada através de princípios religiosos, científicos e morais que foram edificando esse lugar e tirando-os das lentes dos estudos e do diálogo. Daí em diante, as hierarquias socialmente estabelecidas como verdades foram se encarregando de transmitir e fortalecer essa sensação de permanência e incontestabilidade às questões humanas e se enraizando na cultura inconsciente de cada sujeito que era apresentado a ela, seja ele homem ou mulher.

Com este marco temporal e as novas lentes que foram sendo postas sobre os homens, tornou-se possível ver um número crescente de publicações dedicadas ao tema. Sobre isso,

Adriana Adrião (2005) expõe que, ao se fazer um apanhado dos trabalhos mais recentes neste campo é possível perceber que muitos estudos vêm buscando discutir e compreender, por exemplo, as angústias dos homens contemporâneos e como os valores atribuídos a eles afetam a constituição de suas subjetividades, o que representa uma mudança no olhar anteriormente e, ainda hoje, insistentemente empregado. E é seguindo essa mesma linha que realizamos esta pesquisa.

As motivações que me trouxeram até aqui alcançam, sobretudo, dois eixos: um que representa as minhas motivações pessoais-profissionais e outro que toca as motivações teórico-conceituais e políticas. Começarei, então, falando um pouco sobre as minhas motivações pessoais-profissionais,

Inserida nesse contexto contemporâneo de estudos e trato das masculinidades, penso que elas me atravessaram em um momento pontual: o da minha entrada na pós-graduação, junto ao auge do meu processo analítico, embora, antes disso, a temática tenha circundado toda a minha formação familiar e também minha relação com as dinâmicas de gênero.

Meus pais tiveram três filhos, dois homens e eu, uma mulher. Durante toda a nossa criação e até os dias de hoje, as diferenças tradicionalmente atribuídas aos gêneros¹ foram nos marcando com permissividades e proibições específicas a cultura ocidental e familiar, além dos adendos nordestinos. Contudo, apesar de nos depararmos diariamente com discursos socialmente arraigados que foram, aos poucos, nos formando e nos abrindo espaços, havia o que fazíamos com tudo isso. Havia três pessoas, três sujeitos ativos, pensantes, críticos, criativos e envolvidos por inconscientes peculiares a cada um. Foi nesta trama que, frente as permissividades e proibições que surgiam a nossa frente, tentei, ainda na infância, fazer a barba em um processo identificatório com o meu pai e me deparei com olhares e ouvidos atentos dos meus irmãos às palavras doces que eram direcionadas a minha “delicadeza feminina”, ao passo que à eles cabiam as paqueras, os jogos de futebol, machucados e cabelos suados na volta do colégio.

Fomos crescendo e relembando tudo o que nos trouxe ao que somos e ao que cremos ser e, aos poucos, hoje, vamos pensando nas coisas que reproduzimos acreditando serem nossas.

¹ Sobre o uso do termo “gênero” no plural, “gêneros”, cabe esclarecer que é a forma como Judith Butler (2013) utiliza. Sendo assim, por ser seu desenvolvimento teórico a base do nosso trabalho, optamos por tomar o mesmo seguimento. Além disso, a pluralidade do termo vai de encontro a proposta que também abraçamos, de abordar as masculinidades inesgotáveis.

Foi em um destes momentos com meus irmãos que tive o meu primeiro encontro com as questões de gênero de uma forma mais dialogada e que vi o sofrimento que pode ser gerado pelos discursos hegemônicos a todos os sujeitos. Vi que não só eu tinha sofrido por ser vista como mulher e enquadrada nas possibilidades que esse lugar me trazia. Meus irmãos, homens, também tinham passado e vinham passando por isso: por serem vistos como homens e assim serem cobrados. Mas foi aí também, que vi as inúmeras saídas e construções que são possíveis por meio de modos particulares de subjetivação. E foi assim que minha curiosidade em compreender os modos de subjetivação masculinos, com destaque as possibilidades desse processo, cresceu e tomou forma com respaldos e aprofundamentos teóricos, para além da minha própria experiência de vida.

Adentrei então na pós-graduação quando a questão de pesquisa *“Quais relações se estabelecem entre os discursos arraigados sobre a masculinidade e a construção das masculinidades próprias de cada sujeito?”* se tornou o meu foco de pesquisa. Guiada por ela, tive a visão psicanalítica muitas vezes como orientadora das minhas reflexões, devido aos aprendizados que obtive e as leituras que realizei durante a graduação em Psicologia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), além do meu trabalho e percurso com a clínica. Neste meio tempo, também, foram lançadas reportagens nos mais variados meios de comunicação trazendo propostas de abordar a temática “homens e masculinidade(s)” a partir da ideia contemporânea da “crise do masculino” e da consequente emergência de um “novo homem”.

Cada vez mais, portanto, foram aparecendo, e se apresentando aos meus olhos, edições direcionadas ao público masculino, seja por meio de reportagens e entrevistas que tratavam do tema, ou mesmo através de uma grande quantidade de propagandas que apresentavam produtos específicos para este público, na maioria das vezes, inclusive, reproduzindo a noção do masculino fortemente arraigada no discurso social hegemônico, como necessariamente vinculada a virilidade, ao poder e ao sexo.

Naquelas reportagens, temas que englobavam a vaidade e os cuidados com o corpo, a separação conjugal e a entrada em outros relacionamentos, as relações de trabalho e o controle do capital, o exercício da paternidade, a impotência sexual e o consumo de produtos legitimadores de certo poder, eram veiculados com frequência; todos eles, geralmente, tocando e reforçando as diferenças entre os sexos. Não sendo suficiente, como destaca Adriano Beiras

(2007), essas apresentações ainda eram realizadas de forma superficial, com excesso de conselhos, como manuais de autoajuda e de estímulo ao consumo de uma masculinidade-mercadoria.

Diante de todo este contexto, que demonstra a atualidade do tema e a importância de discussões acadêmicas a respeito dos homens e das masculinidades, me interessei ainda mais por explorá-la sob um enfoque transdisciplinar, que envolvesse tanto minha trajetória, quanto o que se apresentava para mim como novo e grandioso – os estudos de gênero. E aqui, começo a falar sobre as motivações teórico-conceituais e políticas.

Considerando a intenção transdisciplinar, tomamos como base para as discussões a teoria de gênero de Judith Butler, além de algumas inspirações psicanalíticas². Acreditamos que uma, assim como a outra, aponta para e trabalha com um mesmo ponto mutável, reflexivo, complexo e único, qual seja, o sujeito inserido no âmbito social e atravessado por trocas constantes entre ele e o meio, e ele e o outro; trocas estas que produzem sentido a partir dos modos de subjetivação, ou seja, a partir do modo singular como processo essas relações. Compreendemos, pois, que as Teorias de gênero e as inspirações psicanalíticas se encontram e podem colaborar entre si possibilitando análises profundas.

Com base nessa linha de pensamento buscamos, como objetivo geral da nossa pesquisa, analisar e desenvolver uma reflexão crítica acerca dos modos de subjetivação masculinos na contemporaneidade através de relatos de homens de classes populares³, residentes no bairro da Várzea da cidade de Recife/PE. Para tanto, tomamos como objetivos específicos: identificar, a partir dos discursos dos homens interlocutores, as concepções produzidas sobre homens e masculinidades na contemporaneidade; investigar as implicações que as concepções vinculadas

² Com “inspirações psicanalíticas” faço referência, como já mencionei, a minha formação que teve base lacaniana. Trago essa colocação por acreditar que meu lugar de fala atravessa os meus dados e a minha relação com a pesquisa, embora o aporte referencial psicanalítico não seja o fundamento teórico da dissertação.

³ O recorte “homens de classes populares”, que será melhor esclarecido nos capítulos seguintes, foi feito pela vinculação da nossa pesquisa a um projeto mais amplo, já mencionado, “Paternidade e cuidados nos serviços de saúde”, cujos interlocutores possuíam esse marcador. Ainda assim, cabe esclarecer aqui, que consideramos a linha de pobreza baseada em frações do salário mínimo. Esse critério representa um dos principais utilizados no Brasil. Por meio dele, fica estabelecido que um sujeito pode ser considerado pobre se possuir renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a meio salário mínimo. Além disso, os homens que foram entrevistados são usuários, ou potenciais usuários, dos serviços de atenção primária à saúde (Programa de Saúde da Família - PSF e Programa de Agentes Comunitários de Saúde – PACS) que, em sua maioria, são pessoas em condição reconhecidamente baixa.

ao modelo hegemônico de masculinidade⁴ constroem nos discursos desses sujeitos; e analisar como estes homens vêm produzindo a própria masculinidade.

Segundo Robert Connel⁵ (1995), diferentes masculinidades são produzidas ao mesmo tempo, diante de um complexo processo que envolve uma negociação ativa em relações sociais múltiplas. Neste ponto, de forma complementar, pensamos junto com Butler (2013) que, para além de uma esfera estritamente social, é preciso pensar no que cada sujeito faz com aquilo que lhe é ofertado. Antes de ser cultural, social, biológico ou psíquico, pensemos nas relações de poder e nos efeitos dessa lógica relacional que carrega em si o peso de cada um desses elementos.

Essa construção nos conduz a um posicionamento similar ao de Connel (2000), quando na revisão que realizou em seus apontamentos acerca da concepção de masculinidade hegemônica. Ele afirma que não existe apenas uma masculinidade na sociedade, o que dá sustentação ao uso deste termo no plural – “masculinidades” – indo ao encontro dos nossos objetivos e da nossa abordagem com relação aos “modos de subjetivação”, que embora singulares, são fatalmente atravessados por um todo, como reforça Butler (2013) e por formações discursivas⁶, como discute Pêcheux (1990) com base em Foucault.

Sobre os modos de subjetivação é preciso reconhecer que essa não é uma discussão e uma consideração que sempre existiu e se legitimou como possibilidade. Em verdade, a produção de discursos da ordem do universal sobre o ser humano partia, no início da história, de uma só esfera: a da consciência sobreposta a uma subjetividade plena e única, imersa no poder e na subserviência a um rei e/ou poder absoluto.

Quando Foucault (1990) se dedicou ao estudo das formas de subjetivação vimos, portanto, que foi ao longo da história que passamos a nos voltar para nós mesmos, na busca por

⁴ “Masculinidade hegemônica” é uma denominação que foi cunhada pela cientista social australiana Raewyn Connel, embora já revisada, no sentido de ampliar a concepção para a ideia de que existem “masculinidades hegemônicas” no plural. Esta denominação parte da compreensão de que haveria, em cada cultura, um padrão de práticas que determinam o ideal social de masculinidade, a exemplo da noção de dominação dos homens sobre as mulheres na cultura ocidental, ainda que esse padrão ideal não se coloque, necessariamente, como um padrão comum na vida diária de meninos e homens. O modelo hegemônico combina, pois, a pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre elas, produzindo exemplos de masculinidades a partir de construções históricas que passam por processos constantes de reconstrução e reinvenção (CONNEL, R., 2013).

⁵ Sobre a Raewyn Connell, aqui nomeada como Robert W. Connell, convém esclarecer que utilizamos o nome de acordo com o registro feito em cada texto na época de sua publicação. Dessa forma, utilizamos Robert e o determinante masculino, para nos referirmos as obras escritas antes do seu processo de transexualização e que foram assim assinadas.

⁶ A noção “formações discursivas” será discutida mais adiante.

nos deciframos, nos reconhecemos e nos confessamos como sujeitos do desejo, ou seja, como sujeitos em potencial de produção, de singularidade, e também de grupo, de reflexão, reelaboração e constantes deslocamentos. Foi através da história da humanidade, com suas inquietações e demandas crescentes, que o sujeito foi tornando-se centro de sua própria existência e se dando conta de que é alvo de seu contexto.

A subjetividade não se confunde com o conceito de identidade ou com a individualidade [...] A subjetividade de um indivíduo diz respeito menos à identidade e mais à singularidade, a possibilidade de viver a existência de forma única, no entrecruzamento de viver os vetores de subjetivação. Por outro lado, a singularidade não está circunscrita somente ao indivíduo, mas há singularizações presentes nos grupos ou em instituições. Portanto, a subjetividade de um indivíduo é marcada menos por uma etiqueta identificatória do que pela diversidade, pela heterogeneidade dos modos que ela pode assumir (MIRANDA, 2000).

Segundo Joel Birman (2000), Foucault revelou que a subjetividade não se configura como um dado, mas antes como uma produção complexa, como um devir que nos remete ao trabalho de constituição do psiquismo múltiplo e do plural.

Quando vivemos nossa própria existência, nós a vivemos com as palavras de uma língua que pertence a cem milhões de pessoas, nós a vivemos com um sistema de trocas econômicas que pertence a todo um campo social, nós a vivemos com representações de modos de produção totalmente serializados. No entanto, nós vamos viver e morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento (GUATTARI; ROLNIK apud MIRANDA, 2000).

É a partir dessa compreensão, a respeito da subjetivação, portanto, que tomamos a ideia de modos de subjetivação para pensar as masculinidades, entendendo-as como produções complexas e plurais, que dizem respeito a um constante devir em diálogo com o singular, ou seja, com o modo como cada um elabora aquilo que recebe, buscando se reconhecer e se confessar, mas também, com o modo como se configura o tempo, o espaço e as condições dessas passagens.

Sobre isso, encontramos respaldo no livro “Homens, masculinidades e políticas públicas”, desenvolvido pelo ProMundo, quando coloca que,

Optamos por nos referirmos a homens e masculinidades no plural porque existem diferentes masculinidades que se vinculam a diferentes formas de ser homem, e que constituem ao mesmo tempo uma experiência subjetiva e uma experiência social e culturalmente construída. Esta pluralidade não se refere somente a possíveis diferenças individuais, mas particularmente a diferentes categorias de masculinidade [...] Algumas masculinidades se sobrepõem a outras. [...] Dessa maneira, entendemos a masculinidade como uma construção

social, permeada por códigos, valores e simbolismos, atrelada a outras dimensões da vida social como classe, raça/etnia, geração, orientação sexual, e reproduzidos e reconstruídos por várias instituições sociais como a família, a escola, o Estado, o local de trabalho, entre outros (2009, p.9).

Tanto Connell (2000), quanto o trecho do ProMundo (2009), trazem e ressaltam a importância de não se ver e de não se tentar apreender as masculinidades como algo isolado, mas sim como um conceito em constante relação, por exemplo, com os fatores sociais, econômicos, culturais e/ou relacionais, de forma macro, e também, no âmbito particular, com os fatores familiares, pessoais, sexuais.

De acordo com Beiras (2007, p.14), nessa mesma direção, Connell (2000) acredita que a construção das masculinidades deve ser pensada como um projeto tanto coletivo, como singular. Em especial, portanto, foi o projeto de estudo das masculinidades no campo da singularidade que nos conduziu neste trabalho, embora sempre reconhecendo e buscando discutir e apontar o peso das influências e contribuições sociais nas produções de cada um.

Nesse entrecruzamento e desenvolvendo um pouco as noções que buscamos abordar, é relevante colocar novamente que, sobre a teoria de Butler (2013), tocamos apenas a noção de gênero desenvolvida pela autora e a noção de performatividade. Sobre a ideia de gênero butleriana, posicionamo-nos de acordo com a ideia de que ele é politicamente construído, assim como os limites dos corpos. E, assim sendo, é envolto por discursos que silenciam aquilo que buscam delimitar, fazendo existir e aparecer um cenário de poder nas relações de modo geral.

Para Butler (2013), então, o sujeito, o corpo e o gênero estariam, como efeitos do poder, representados por instituições, por categorias, pela linguagem, que lhes dão sentido e que permitem entender o outro ao longo do tempo e das particularidades da história. É a partir desse poder, que as noções usuais de gênero, segundo Patrícia Porchat (2014, p. 81), permitem trabalhar apenas com gêneros “inteligíveis”, ou seja, com aqueles em que os quatro elementos que constituem o gênero para Butler (2013), quais sejam: sexo anatômico, identidade de gênero, desejo e prática, apresentam-se de forma “coerente” e correlata ao tomado como “normal” e “moral” pelo discurso social.

É com base nessa discussão que compreendemos que não se constrói gênero, são as normas que o produzem, constituem e desconstituem ao longo do tempo, marcado pelo território e pelas questões de raça, classe, geração, etc. Ele é um efeito, porque ele o é em função de algo, e assim sendo,

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a *aparência de substância* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização *performativa* em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença (BUTLER, 2013, p. 200. *Grifos da autora*)

Aqui passa a se delinear o conceito de *performatividade*, que põe em cheque aquilo que se acredita como “homem” e “mulher” verdadeiros sob o viés da naturalização, encontrando nossa discussão sobre “masculinidades” que escapam ao que se coloca como substância. Butler (2013) vai além da substância e explica que foi “a repetição e sedimentação das normas de gênero que, ao longo do tempo, terminaram por criar a ilusão de uma substância ‘mulher’ e de uma substância ‘homem’ numa aparente a-historicidade” (PORCHAT, 2014, p. 90).

O que se quer dizer é que o sujeito não é anterior ao que ele expressa, mas um efeito. O gênero, portanto, é algo que produzimos e não o que necessariamente somos. Ele vai se performando no dia-a-dia e, por repetição, tomando forma de essência como se fosse intrinsecamente “eu”.

Roupas, gestos, olhares, falas, define-se um conjunto de estilos corporais que aparecem como formação natural dos corpos que, por imposição das normas de gênero, se dividem. Constrói-se a coerência para ocultar a descontinuidade, mas, como denuncia o conceito de “performatividade”, todo esse aparato só alcança uma falsa estabilização de gênero (PORCHAT, 2014, p. 90).

Apesar dessas categorias e engessamentos propostos pelo poder, contudo, aparece certa *descontinuidade* na repetição. A questão aqui, e para Butler (2013), é então, que há sempre algo que escapa a essas determinações e conduzem às limitações daquilo que busca conter o humano; que busca conter os gêneros.

Butler coloca em *Problemas de gênero* (2013, p. 201), que os gêneros não podem “ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados”. Ao mesmo tempo não sendo esses atributos, mas portando-os, eles podem ser “incríveis”, trazendo aí a ambiguidade

do termo, na possibilidade de superar as próprias possibilidades (incríveis), mas também como algo não-crível (in-crível).

Neste ponto, encontro minhas inspirações psicanalíticas indo ao encontro da noção central de inconsciente⁷ que, em Lacan, é tomado como estruturado como uma linguagem e compreendido como mais do que o oposto a consciência. Com esta colocação, Lacan (2008, p. 27) ratifica o conceito de sujeito como aquele submetido à linguagem, uma vez que submetido e formado também pelo seu inconsciente, e fornece ao inconsciente um significado que é único: um estatuto de conceito, como algo que já traz em si alguma coisa de anticonceitual, já que entre o conceito e a coisa conceituada há um espaço, certa distorção, conclusão à qual chegou também Pêcheux em sua proposta de análise do discurso.

O inconsciente, então, é trabalhado em sua descontinuidade característica, como sendo da ordem do irreduzível, para o que não há cura, apenas possibilidades. O conceito de inconsciente é evidenciado, portanto, não como uma regularidade, mas como alguma coisa que descontinuamente quer se realizar⁸, assim como a noção de gênero butleriana, segundo a qual não se escolhe o próprio gênero, mas se produz em um devir constante, não-fixo e sempre em referência a um outro, trazendo algo que falha e não apenas reproduz, que é causa do estranhamento, e também do singular.

⁷ O inconsciente trata de uma instância psíquica caracterizada e conceitualmente ancorada na perspectiva psicanalítica fundada por Sigmund Freud. Ao mencionar e propor a noção de inconsciente, Freud apontou sua necessidade e legitimidade no campo de estudos da subjetividade, afirmando que “[...] a suposição do inconsciente é necessária e legítima, e possuímos várias provas da existência do inconsciente. Ela é necessária, porque os dados da consciência têm muitas lacunas [...] nossa experiência nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós” (FREUD [1915], 2010, p.101). Desde o início, então, Freud apostou na existência e na evidência de conteúdos que escapariam da consciência, estando calcados em outra instância – o inconsciente – frente a sua carga afetiva traumática ou não, para o sujeito. Segundo Freud, “todos [aqueles] atos conscientes permanecem desconexos e incompreensíveis se insistimos na pretensão de que através da consciência experimentamos tudo o que nos sucede em matéria de atos psíquicos, mas se inscrevem numa coerência demonstrável se neles interpolamos os atos inconscientes inferidos” (FREUD [1915], 2010, p.102). No inconsciente, pois, estariam conteúdo e afetos recalcados em favor da estrutura psíquica durante a formação do sujeito. Lacan, seu seguidor e ampliador de sua obra, propôs uma releitura do inconsciente freudiano, trazendo-o como uma instância que, tal como a linguagem, nos escapa e possui leis e regras próprias no funcionamento do psiquismo. É esta última compreensão, ancorada na freudiana, que nos remetemos neste trabalho.

⁸ De acordo com a teoria freudiana, os conteúdos recalcados no inconsciente intencionam, insistentemente, sua chegada à consciência, a fim de liberar a energia que os representa, ou associar-se a uma nova representação. Tais escapes, geralmente, se dão sob a forma de sonhos, atos falhos, chistes, etc. Contudo, mesmo nessas formas, o inconsciente finda por escapar, sobretudo, sob através da linguagem, nas suas diversas possibilidades, sendo uma deles o gênero como performance.

É com essa base que atentamos para as transformações que, certamente, ocorreram, tanto no âmbito social, quanto cultural, ao longo da história, e que possibilitaram o espaço que a temática “homens e masculinidades” vem adquirindo nas pesquisas. Nesse processo, atentamos também para as esferas individual e relacional, influenciadas por aquilo que falha e que nos conduz a um íntimo de gênero indizível. Consideramos assim, que pensar gênero é pensar no que é dito, mas também no atravessamento inconsciente e na noção de fantasia entre a criação e o criado, entre o que sou e o que dizem que devo ser.

Esse espaço que se produz é que nos apresenta o discurso singular e dá lugar ao que em nós não se esgota e em que, muitas vezes, cabemos apenas temporariamente. É esse não caber, também, que torna possível a aparição de algo novo sempre e que conduz Bulter (2013) à ideia psicanalítica de *pulsão*⁹. Mas não vamos nos aprofundar nesse ponto, apenas trazê-lo conosco como pano de fundo para dialogar com os homens e também com Pêcheux, que elaborou sua teoria apostando no sujeito do inconsciente.

Falando em Pêcheux, é preciso dizer que junto a esses conceitos brevemente apontados, trabalhamos, na análise do material que produzimos, com a Análise do Discurso francesa desenvolvida por ele. Essa linha de análise propõe que se considere as questões de sentido que se inserem nas relações entre sujeito, linguagem e história, tomando como objeto o discurso. Com o suporte dessa teoria de análise foi possível desenvolver uma investigação sobre os sentidos atribuídos por homens a sua própria masculinidade. “Sentido” aqui é entendido, assim como em Beiras (2007, p. 17), a partir de Eni Orlandi (1999), como sendo “uma relação determinada do sujeito – afetado pela linguagem – com a história” e “determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas”.

Assim sendo, com referências à análise de discurso, não pretendemos nos instituir como especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos (KRONKA, 2003); pretendemos, pelo contrário, expor nosso olhar leitor e co-construtor com relação à ação

⁹ Freud (1916) define pulsão como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático; como o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo e alcançam a mente; como uma exigência feita à mente em consequência de sua ligação com o corpo. Sobre a pulsão, portanto, Freud fala sobre aquilo que movimenta a economia psíquica, o que conduz Lacan (1998), anos depois, a afirmar que “a pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com ele mascara sua ignorância, através de uma suposição de uma moral na natureza”. Explica-se, portanto, que muito de nós não é instinto, mas a pulsão nos movimentando sempre a algo.

discursiva estratégica de alguns sujeitos. O que nos propusemos, portanto, foi a refletir, de acordo com os nossos objetivos e a partir das narrativas produzidas por nossos interlocutores, sobre as questões de pesquisa: *quais os sentidos que os homens atribuem a masculinidade? Quais as relações que estabelecem entre estes sentidos e a construção de suas próprias masculinidades?*

Por fim, ratifico que procurei centralizar a investigação desta pesquisa em figuras masculinas, homens recifenses, e naquilo que diziam sobre masculinidades, além de como viam a sua própria, considerando, para tanto, o caráter flexível dos gêneros, ou seja, como afirma Lyra (2008), que as definições de masculinidade estão mudando constantemente, sobretudo por ela não ser um código genético, ou algo que apenas flutua em uma corrente coletiva, mas sim algo que é subjetivado por cada um e pela história.

2. ENTRE HOMENS E MASCULINIDADES NA HISTÓRIA

“Os homens não são objeto de estudo original, pois toda a história da humanidade, até período recente, foi escrita por eles. Mas é de homens sexuais e não universais que vamos tratar” (PRIORE; AMANTINO, 2013, p.10).

Iniciamos nossa argumentação com essa afirmação das historiadoras Mary Del Priore e Marcia Amantino (2013) para chamar atenção para o questionamento que nos atravessa diante dos “Caminhos dos homens”¹⁰: *como pensar os homens e as masculinidades como sujeitos de gênero?* Essa questão se coloca, sobretudo, quando tomamos como ponto de partida o momento recente da história, em que os homens eram considerados seres possuidores de corpos naturalmente autoexplicáveis e sem complexidade; quando pensamos no momento da história em que o homem e a masculinidade eram reconhecidos como universais e sem muitas possibilidades, abrindo aqui um espaço para a singularização dos termos “homem” e “masculinidade” devido ao tempo ao qual estamos nos referindo.

Até recentemente, portanto, os homens passavam como representantes do indivíduo universal, não marcados por quaisquer atributos de gênero, por isso aparentemente menos “objetificáveis”. Um respaldo para essa ideia é encontrado quando pensamos na própria linguagem e no uso das expressões no mundo ocidental, com destaque a língua portuguesa. Nela, a palavra “homem” pode indicar, tanto o sexo oposto ao da mulher¹¹, quanto a própria espécie humana, evidenciando o espaço de neutralidade ainda ocupado pelos homens, como se vê na definição da palavra proposta pelo dicionário Aurélio (2004): 1. **Mamífero primata, bípede, com capacidade de fala, e que constitui o gênero humano**; 2. Indivíduo masculino do gênero humano (depois da adolescência); 3. **Humanidade, gênero humano**; 4. Cônjuge ou pessoa do sexo masculino com quem se mantém uma relação sentimental e/ou sexual.

A partir dos movimentos feministas, LGBT e dos estudos de gênero, contudo, esse cenário foi e vem sendo questionado, não só com base na ideia de que a mulher não estaria contemplada ao ser representada pela palavra masculina, mas também com a visão e intenção

¹⁰ Expressão inspirada no livro “Caminhos de Homens: gênero e movimentos”, organizado por Strey, Mühlen, Kohn (2014).

¹¹ A esse respeito Strey, Mühlen, Kohn (2014, p.9) afirmam que “em muitas academias de suporte à linguagem formal, acadêmica oficial já aparecem tratados, manuais ou meramente recomendações de não se usar o termo ‘homem’ como indicativo de ser humano. Essas recomendações costumam ser consideradas como ‘linguagem não sexista’”. As autoras citam como exemplo o manual de publicação da APA (American Psychological Association, 1996).

de provocar os pensamentos e os estudos com a particularização do homem dentro da classe humana, reconhecendo sua diversidade¹² – daí o uso dos termos no plural, homens e masculinidades – e de conduzir o entendimento do masculino como algo além do homem, chegando as relações de gênero.

Sendo os homens tão plurais, diversos e diferentes entre si quanto o são as mulheres entre si, falar ou escrever “homem” no singular fica insuficiente para abarcar essa diversidade. Escrever ou falar “homens” é também uma tentativa de visibilizar que os homens são diferentes entre si. Outra associação relativa aos homens é o fato de serem pessoas do sexo masculino, enquanto as mulheres são pessoas do sexo feminino. E aí começa o assunto a ficar cada vez mais complexo [...]. De uma maneira geral, no que se lê, ouve e fala, a palavra “masculino” é associada a palavra homem, como, por exemplo: “os hábitos masculinos” (com sentido de “os hábitos dos homens”). Daí a usar “masculinidade” como sinônimo de “homem”, o passo é pequeno. Colocando a questão no plural [...] concordamos com Connel e Messerschmidt (2007) quando enfatizam que “masculinidades” não é o mesmo que “homens”. Falar de masculinidade é falar de relações de gênero, ou seja, sobre as posições dos homens em uma ordem de gênero: as práticas com as quais homens e mulheres (mas principalmente os homens) se engajam nessas posições ditas masculinas. (STREY, MÜHLEN, KOHN, 2014. p.9)

Não problematizados até recentemente, os homens e as masculinidades foram ocupando, assim como as mulheres e as feminilidades, lugares simbólicos nas relações sociais e institucionais, reforçados no processo de internalização daquilo que supostamente era tomado como uma condição do ser homem. Nesse sentido, a experiência de poder e a negação daquilo que soava inconsistente à masculinidade ao mesmo tempo que permitia a ocupação de espaços de sociabilidade e a noção de dominação compreendida, de forma geral, como uma atividade de frente positiva, causava sofrimento e, em certa medida, o distanciamento e a alienação com relação aos sentimentos e afetos humanos.

Foi, então, a partir do reconhecimento dessas causas que chegou-se à ideia de que os homens e o dito “universo masculino” vêm mudando nas últimas décadas¹³, impulsionados,

¹² Segundo Kohn (2014), a historiadora Elisabeth Badinter conta que foi através da antropóloga Margaret Mead que os caminhos para a ideia de multiplicidade das masculinidades foram abertos, bem como sobre os variáveis papéis de homens e mulheres. Logo foram constatados vários “modelos” de ser homem e suas diferenças conforme épocas, lugares, classe, raça e idade.

¹³ De acordo com Monteiro (2013, p.336), a ideia de um “novo homem” não é exatamente nova. Debates sobre mudanças nas relações entre os gêneros emergem de tempos em tempos, e nesses períodos debate-se a mudança de comportamento dos homens. Ainda segundo o autor, pode-se especular sobre o que leva a essas discussões, mas o que se sustenta como uma das principais inspirações em tempos recentes é o *feminismo*, sobretudo, em sua segunda onda, que começou nos anos de 1960. “É nesse momento que grandes mudanças sociais, culturais,

sobretudo, pelas profundas transformações socioeconômicas inspiradas no sistema capitalista e pelos movimentos feministas e LGBT que tiveram, e ainda têm, como proposta “trazer os homens, o universo masculino e a construção histórica e cultural das masculinidades para a arena das discussões de gênero, problematizando o androcentrismo e a dominação masculina” (RIBEIRO, 2014, p. 33).

O feminismo, principalmente, questionou a clássica distinção entre público e privado e pôs em discussão a diferença sexual argumentando que homens e mulheres faziam parte de um mesmo grupo. A partir desses debates e da compreensão de que estudar a mulher implicava remeter-se ao homem, os estudos feministas evoluíram para abordar as relações de gênero (HONÓRIO, 2009, p.5).

Assim sendo, da mesma forma que a emergência do feminismo associa-se ao surgimento de uma teoria feminista, como defende Marco Monteiro (2013, p.339), as implicações e reflexões teóricas a respeito das masculinidades, acompanhadas dos questionamentos feitos acerca das relações de gênero desiguais, da subordinação das mulheres, e do machismo, também se aliaram ao pensamento feminista, que deu base ao *men's studies*¹⁴.

Podemos dizer que foi no contexto dos movimentos feministas e gay, movimentos estes que levaram os homens a refletirem sobre seus comportamentos e posicionamentos diante das relações sociais [...] e do seu lugar hegemônico na sociedade, que a masculinidade começou a ser intensamente discutida, principalmente nos Estados Unidos, com o surgimento dos *men's studies*. O homem, categoria naturalizada por séculos, se vê questionado em sua posição enquanto sujeito, confrontado com o surgimento de novos discursos e novos sujeitos que estavam se constituindo. Dá-se início a uma discussão em torno da diferenciação da masculinidade a partir da classe, da raça, da idade, da preferência sexual, o que possibilita pensar em masculinidades múltiplas. (HONÓRIO, 2009, p. 5)

Todas essas mudanças findaram por agregar ao masculino novas posições e aos homens certa reconfiguração e/ou (des)construção dos papéis, até então, necessariamente associados a eles. Nesse sentido, esse novo olhar, juntamente às bibliografias resultantes, sobretudo, pós anos 60, estimulou as discussões e debates sobre as necessárias ressignificações das

econômicas, demográficas e políticas acontecem no Brasil, e as novas masculinidades começam a se delinear de forma mais clara” (MONTEIRO, 2013, p.336)

¹⁴ O objetivo dos *men's studies* era romper com esse esquema da diferenciação sexual, que contrapõe masculino-feminino, macho-fêmea e que se estende para a vida social, definindo o privado – feminino, mulher – e o público – masculino, homem; uma complementarização dos sexos e uma hierarquia; uma prática discursiva que legitima uma posição dominante dos homens e uma subordinação da mulher (HONÓRIO, 2009, p. 5).

masculinidades históricas e contemporâneas, reforçando a ideia de que gênero é uma questão que deve ser analisada de forma relacional.

No contexto brasileiro, os estudos sobre masculinidades, que passaram a ganhar contornos a partir de 1960, foram se aprofundando conforme crescia a discussão no âmbito internacional, sobretudo, em países europeus e norte-americanos, de forma que, a masculinidade

passa a ser incorporada ao discurso crítico sobre gênero e desigualdades, em lugar de ser exclusivamente o sujeito universal e invisível da cultura e da política. Ainda que inspirados por autores estrangeiros, autores brasileiros passam a se preocupar com problemas ligados à realidade local, como a construção de representações do homem na sociedade e na história brasileiras, a violência associada a ideais de virilidade, os riscos e vulnerabilidades trazidas por práticas específicas ao homem, ao corpo masculino, inclusive a ligação do gênero com a economia, entre muitos outros temas (MONTEIRO, 2013, p. 340).

A partir dos anos 60, portanto, com destaque ao espaço de tempo transcorrido entre 1960 e 1990¹⁵, ainda de acordo com Monteiro (2013, p.335), assistimos o delinear histórico de mudanças importantes nas representações e práticas de gênero no Brasil e no mundo, relacionadas tanto a maior inserção das mulheres na esfera pública, como ao início do debate nacional sobre masculinidades (e feminilidades) dissonantes. Além disso, foi também nesse período que aconteceu, como resultado desses processos, uma pluralização da experiência da masculinidade, incluindo aí o que se diz do “novo homem” e que ganhou destaque mais recentemente nos anos 2000.

O que se vê, então, é que os debates acerca do masculino aconteceram e ganharam força em um cenário de profundas transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais que impactaram a realidade social e que não se restringiram à esfera pública, mas interferiram profundamente nas relações do mundo privado, produzindo transformações no plano das subjetividades (NASCIMENTO, 2014, p.76). Mas o que é ser homem afinal?

¹⁵ No Brasil, de acordo com Honório (2009, p.7), as discussões em torno da temática masculinidade foram ganhando um contorno mais definido na década de 1980, a partir da realização de um “Simpósio do Homem”, quando apontou-se para uma crise do homem provocada por transformações no comportamento das mulheres, na moral sexual e por um questionamento da posição de dominação masculina na sociedade. Contudo, essa crise se deu, restritamente, nos homens de camadas médias, intelectualizadas, de uma determinada faixa etária, que contestaram valores herdados por seus pais e que vivenciaram os movimentos de contracultura das décadas de 60 e 70 do século passado (LISBOA, 1998).

Como coloca Élisabeth Badinter (1993), ter um cromossomo Y e possuir órgãos sexuais masculinos não basta. É com essa ideia que se proliferam, cada vez mais, noções que ultrapassam o que convencionalmente se entende, como inerente aos homens e às masculinidades, a exemplo dos referenciais de força e virilidade, confirmados pelo lugar de provedor, chefe da família, agressivo, pouco afetuoso, vinculado a esfera pública.

Assim, abrem-se portas para pensar o masculino e outras maneiras de “ser homem” em sua multiplicidade, pondo em cheque o *aparentemente natural*, que *muitas vezes* se põe visível, mas outras vezes não, como afirma Pierre Bourdieu (2003, p.67): “ser homem é também um conjunto de disposições *aparentemente naturais*, *muitas vezes visíveis* na maneira peculiar [...] de uma atitude, uma postura, às quais corresponde uma maneira de pensar e de agir, um *ethos*, uma crença, etc” (*grifo nosso*).

Parece consenso entre os estudiosos de gênero, em especial do *Men's studies*, que se construir como homem é um projeto permanente que requer muitos cuidados (RIBEIRO, 2014, p.34). Ou mais, nas palavras de Connel (1995), que se trata de um projeto sujeito a muitas voltas e reviravoltas; um projeto que envolve encontros e desencontros e que pode ser assumido ou refutado por muitos. Ser homem, enfim, apesar de também estar inscrito no corpo (RIBEIRO, 2014, p.34), é portar “um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, ser homem é estar em constante processo de construção” (VALE DE ALMEIDA, 2000, p.18).

Existem, portanto, muitas formas de ser homem e masculino, seja dentro de uma mesma sociedade, entre sociedades diferentes, ou no âmbito particular, subjetivo de cada um. No entanto, ainda que haja toda essa diversidade, são construídos modelos ideais de masculinidade que são tomados como um padrão através do qual todos se medem.

Afirmo que um homem pode ser “masculino” ou “feminino”, sendo homem igual. No entanto, existem normas não escritas que oferecem modelos de como deve ser um homem. Esses modelos variam muito, mas existe e indicam aquilo que em determinada época (década de 1980, século XX) começou a ser chamada de masculinidade hegemônica (STREY, MÜHLEN, KOHN, 2014. p.10).

Esses modelos são construídos a partir de narrativas que se formam e são reproduzidas ao longo do tempo na cultura, informando como os homens devem ser, como devem se comportar, do que devem gostar, do que devem se aproximar ou devem se afastar. Narrativas

que pressionam meninos e rapazes a agirem e a sentirem de acordo com essas condutas (RIBEIRO, 2014, p. 35).

As convenções sociais de gênero impõem um conjunto de referenciais de conduta apropriados aos homens, sob a pena de julgamento e condenação [...] Vários autores mostram a produção de um “idioma de masculinidade” que abarca “o que, como, quando e com quem” dizer ou fazer algo. Esse idioma não se traduz somente em “discursos”, mas também nas “performances” condizentes com o modelo idealizado de “homem de verdade”. (NASCIMENTO, 2014, p.78)

Vê-se, então, que das masculinidades confrontadas com os padrões fixos e determinantes do comportamento, até as representações do que era e do que parece “ser homem” para a sociedade ocidental, o percurso é longo e vem acompanhado por signos e símbolos construídos sócio-culturalmente, que afetam a vida de todos. É com esse reconhecimento que iniciaremos aqui uma caminhada ao longo dos séculos (do século XVIII ao século XXI), buscando reconhecer o que se considerava como condição do homem e do masculino no decorrer da história.

Até meados do século XVIII, predominava no ocidente o modelo do sexo único, a partir do qual se supunha nos homens e nas mulheres os mesmos genitais, embora os órgãos da mulher fossem acreditados como uma versão interior do corpo do homem: a vagina era vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos (LAQUEUR, 2001; HONÓRIO, 2009). Sobre isso, Badinter (1993, p. 8) cita Diderot: “a mulher tem todas as artes do homem, a única diferença existente é uma bolsa pendente do lado de fora e uma bolsa voltada para dentro”. Apesar dessa ideia, os corpos masculinos e femininos já eram organizados a partir de certa hierarquia.

Posteriormente, esse pressuposto do sexo único foi sendo substituído pelo modelo de sexos distintos, chamado de dimorfismo sexual, diretamente influenciado por questões reprodutivas. Segundo Thomas Laqueur (2001), essa mudança de percepção sobre o corpo foi fundada por uma série de transformações políticas e ideológicas que acometeram as sociedades ocidentais, a exemplo da reforma protestante, do iluminismo, das ideias de Locke a respeito do casamento como um contrato, da divisão sexual do trabalho, dos ideais da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade), do fortalecimento do feminismo, dentre outras, que repercutiram, de acordo com Porchat (2014, p.24), em termos de gênero.

Foi nesse momento, em que se procurava por critérios que firmassem a diferença entre os sexos, que se começou a utilizar a denominação “masculinidade”, do latim *masculus*, visando delimitar espaços que deveriam ser ocupados pelos homens. A partir de então, como coloca Pedro Paulo Oliveira (2004), a assimetria de poder exercida pelo homem com relação às mulheres começou a provocar uma separação entre os sexos e a favorecer a autonomia do masculino em detrimento da submissão do feminino.

Neste ponto da história, vemos tomar a cena uma masculinidade idealizada a partir da imagem do guerreiro medieval, fortalecendo símbolos mais ferrenhos, resvalados sobre os homens até os dias atuais. Neste tempo, o duelo e a iniciação sexual ainda na tenra idade passaram a fazer a passagem do homem para o mundo adulto, tornando-o “macho”. Apesar da sobrecarga desse rótulo, a legitimidade masculina ainda fazia necessárias outras marcas sociais, levando os jovens ao domínio público da interação e do exercício do mando.

Com o passar do tempo, a masculinidade afirmada através de sinais externos foi adquirindo uma representação social ainda maior. Para ser considerado na roda que simbolizava o poder, era preciso vestir-se de forma específica e portar espadas. Neste tempo, as masculinidades fortemente marcadas já não podiam abrir espaços para questionamentos ou dúvidas. Essa “era uma sociedade em que o pai informava não o nascimento de um menino, mas sim que havia nascido um macho. Uma sociedade em que as mães de meninos com muito orgulho diziam ‘prendam suas frangas que o meu galo está solto’” (SCHNOOR, 2013, p.95).

Na passagem do século XVIII para o XIX o que se vê é uma estagnação das noções de masculinidade. Com a proclamação da independência em 1822, iniciaram-se no Brasil longos debates em prol da construção de uma identidade nacional, que tocava a discussão sobre estratégias destinadas a forjar o corpo e o espírito do brasileiro. Nessas discussões, e adotando inspirações europeias, passou-se, progressivamente, à valorização do tipo físico forte e dominador.

Com esta valorização, começaram a se estabelecer no Brasil do século XIX, novas obrigatoriedades com relação a performance dos homens. Tais performances, rotularizadas e rotinizadas, segundo Melo (2013), começaram a ultrapassar a esfera da interação social e a estruturar o nexos exigido entre o físico e o social. Com isso, as práticas corporais começaram a englobar a ideia de masculinidade que deveria dar provas de heroísmo e de valentia.

As práticas corporais institucionalizadas ofereceram para os homens como poucas outras atividades, a alternativa de exercitarem simultaneamente o autocontrole corporal e a demonstração pública de desempenho, resultados de um processo de disciplina e de submissão a condições de privação, que estabelece não só parâmetros de diferença com as mulheres, como também de identificações intrínsecas ao mundo dos machos (afinal, *boys don't cry*): “Não é somente no contraste com o corpo feminino que a masculinidade é elaborada, mas no contraste com os outros homens, outros corpos, a partir de parâmetros tidos (e negociados) como masculinos” (MELO, 2013, p.130).

Com a chegada do século XX e seu contexto envolto por guerras, vê-se crescer e serem forjados ainda mais fortemente padrões masculinos pautados na coragem e na bravura como regras, onde o medo se caracteriza como um sentimento não masculino. Exige-se, mais do que nunca, um homem viril e igualmente incansável, sem falhas, veloz e bem-sucedido socialmente.

Com o passar dos anos, veio o impacto da imprensa, meio fundamental para agregar novos caracteres aos seres e as masculinidades, trazendo à tona um “novo homem”. Além disso, o movimento gay se estabeleceu e os metrossexuais se apresentaram com lançamentos de revistas masculinas e a ampliação da oferta de serviços que se propunham a cuidar do corpo masculino. Isso tudo afetou não apenas o físico, mas também o imaginário social, o que, como colocam Priore; Amantino (2013, p.13), multiplicou a preocupação com a diversidade e trouxe a questão: “*quantos homens cabem num só?* ”.

Tomando, enfim, a chegada do século XXI, em que nos deparamos com a era da liquidez sócio relacional, encontramos-nos com a hipótese lançada por Lyra (2008), de que a vulnerabilidade de alguns homens estaria mais aguda, ou intensa, ou generalizada neste momento atual em que se vê um poder masculino ser posto em discussão. A associação da masculinidade ao poder e à violência não é mais única. Percebeu-se, ainda conforme Lyra (2008), que ela é construída e que se reproduz nas relações sociais, históricas e culturalmente datadas, na divisão social do trabalho, na socialização da família e em outras, que são, em certa medida, exigidas para que haja interação.

A ideia de que as masculinidades estão em crise ganhou força, enfim, no século XXI, ainda que essa conclusão parta do pressuposto contraditório de que haveria um conjunto estável de referências da masculinidade, passando ao largo da historiografia, que mostra sucessivas e constantes crises desde pelo menos meados do século XVII¹⁶, segundo Monteiro (2013, p. 343).

¹⁶ De acordo com Monteiro (2013, p. 343), uma primeira crise da masculinidade ocorreu na França, entre 1650-1660, e na Inglaterra, entre 1688 e 1714. Na França, houve o questionamento “feminista” das preciosas, que

O que percebemos é que ser homem ou tornar-se homem corresponde a saber quais comportamentos adotar no tempo em que se está inserido. Ainda assim, historicamente falando, mesmo que haja um conjunto de delegações majoritárias, convém falar em *masculinidades*, que convivem, que têm pontos de divergência e que são afetadas pelas construções sociais de gênero.

Os homens não são natural e inatamente violentos, mas aprendem a ser. A associação entre masculinidade, guerra, força e poder é uma construção cultural, tanto quanto são a paz, a emoção e a vocação para cuidar enquanto qualidades consideradas “naturais” da mulher. Hoje em dia muitos homens já descobriram que há diferentes maneiras de “ser masculino”, e que também podem ser eles cuidadores e promotores da paz sem sentirem-se despersonalizados (WINCK; STREY, 2007, p.248).

Hoje, entendemos por masculinidades a pluralidade nos modos de vivenciar as relações de gênero e o masculino, para além de identidades fixas e segmentarizadas. Quando pensamos em masculinidades, pensamos também em desnaturalizar os papéis de gênero e em formas diversas de ser homem e de ser mulher. Pensamos que os homens são muito diferentes entre si e que as masculinidades são múltiplas, embora ainda vistas como uma característica exclusiva dos homens.

Diante do reconhecimento fatídico dessa multiplicidade, a crença em um princípio universal da masculinidade, pautado na naturalização e na diferença sexual, passa a ser contraditória, de forma que, quando pensamos, como coloca Maria das Dores Honório (2009, p.4), nas imposições diariamente postas aos homens através de expressões do tipo “seja homem”, “prove que você é homem”, ou ainda, na pergunta e provocação “né homem, não?”¹⁷, vemos a urgência de se falar sobre o assunto. Como afirma a autora, é como se o homem

discutiam a maternidade e o casamento por conveniência. Nesse processo, apareceram os preciosos, homens que aceitaram de certa forma as críticas à masculinidade tradicional e adotaram costumes mais “femininos”, na cultura de elite. Na Inglaterra houve o mesmo processo. Houve uma crise entre os anos 1871 e 1914 aproximadamente. Dessa vez, atuaram como força, ao lado de um renovado questionamento das mulheres que já se intitulavam feministas, a Revolução Industrial e a modernização das estruturas produtivas. Ao lado das feministas surgiram também os homens efeminados, os dândis e homossexuais, que renegaram a masculinidade tradicional e ressaltaram na sua vida existencial valores mais tradicionalmente femininos (MONTEIRO, 2013, p. 343).

¹⁷ Convém esclarecer o emprego da expressão “*Né homem, não?*” no título dessa dissertação. Após algumas pesquisas e de termos nos deparado com seu uso frequente, vimos que ela nos possibilitaria um duplo alcance. Além de podermos falar e nos remeter às implicações diárias da temática homens e masculinidades, essa expressão nos permite tal leitura ambígua: 1. Ironicamente, ela põe em cheque a ideia de ser homem de forma confrontadora, implicando cada um em seu próprio ser, reputação e valor, como atributos vinculados ao ser macho e a a masculinidade, a partir de ideias pré-concebidas; 2. Ao mesmo tempo é possível fazer outra leitura a partir deste trabalho: *e esses, dos quais falamos, não são homens não?* O uso da expressão “*Né homem não?*” aparece aqui, portanto, como uma implicação direta sobre “*O que afinal é um homem?*”.

tivesse que provar constantemente a sua masculinidade, a sua virilidade “natural”, como um valor social. A masculinidade é assim delineada sob uma luta diária com atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados (HONÓRIO, 2009, p.4), em um processo de constante produção, que se diferencia ao longo do tempo, entre as classes sociais e de um sujeito para o outro, requerendo sacrifício e deveres cumpridos.

2.1 AS MASCULINIDADES NO CONTEXTO DE INVENÇÃO DO NORDESTE E DO NORDESTINO

Feitos alguns esclarecimentos sobre os homens ocidentais¹⁸ ao longo da história, bem como sobre as masculinidades na trama dos gêneros, achamos necessário adentrar um pouco mais no universo e no território dos nossos interlocutores¹⁹ nordestinos, também historicamente forjados. Buscaremos discorrer, ainda que de forma breve, como fomos chegando a ideia do nordestino como o “cabra macho”, embora, muitas vezes, não nos reconheçamos dessa forma.

É comum, sobretudo na mídia, encontrarmos o Nordeste do Brasil sendo tratado e referido como uma região diferente das demais, seja através da representação de personagens, do destaque de imagens estereotipadas ou referências ao sotaque “engraçado”. Aos poucos, foi se construindo e se legitimando o nordestino como esse outro distante não apenas territorialmente, mas distante como aquele diferente de mim, com diferenças entendidas, em vários casos, como algo inferior.

De acordo com Andrade (2008), estudos realizados sobre o homem nordestino²⁰ na cinematografia nacional, por exemplo, afirmam que quando ele não é representado como um macho viril e rude, ele aparece como um malandro cômico e covarde, geralmente sem

¹⁸ Reconhecemos que dentre os homens ocidentais há uma larga diversidade e que não houve especificações quanto a isso no que discorremos. Dentre as especificações possíveis, podem ser demarcadas as diferenças quanto às vivências e as exigências das masculinidades que se colocam para homens brancos e negros, que diferem expressamente umas das outras. É nesse sentido que entendemos que há uma limitação no percurso histórico que realizamos, podendo ser este ponto melhor discutido e desenvolvido em trabalhos posteriores.

¹⁹ Falaremos mais especificamente sobre eles no capítulo metodológico, assim como descreveremos todo o processo que favoreceu os nossos encontros e a produção do nosso material. Por enquanto, trataremos de um modo mais geral sobre o nosso tema de pesquisa, que historicamente já trazemos conosco.

²⁰ Convém esclarecer que não estamos nos referindo, quando falamos em “homem nordestino”, a uma generalização do discurso humanista que emprega “homem” como sinônimo de “ser humano”. Antes, estamos nos referindo ao homem como um ser masculino, embora que, assim como ele, as mulheres, no Nordeste, também sejam masculinizadas – “*Paraíba masculina, Mulher macho, sim Senhor!*”.

escolaridade. Dessa forma, é que uma forte tendência a naturalizar e a agregar à masculinidade do nordestino expressões como macho, violência, virilidade, virou costume. Mas não é bem assim. Essas representações, assim como os binarismos homem-mulher; masculino-feminino; macho-fêmea; público-privado, foram construídas em um determinado momento histórico e em um determinado contexto social e cultural do qual vamos falar.

A região Nordeste foi sendo produzida ao longo do tempo e ao que explica Denis Bernardes (2007), a formação do que viria a ser essa região está diretamente ligada à história do espaço colonial brasileiro. Essa relação pode ficar mais clara se elencarmos alguns pontos de expressões populares listadas por Honório (2011), tais como, o *maracatu*, típico do estado de Pernambuco, um folguedo em que os integrantes dançam em cortejo; o *frevo*, também típico do estado de Pernambuco, um gênero musical e uma dança composta por movimentos frenéticos de perna; o *bumba-meu-boi*, um drama folclórico cujo protagonista é um boi mágico; a *literatura-de-cordel*, romance produzido em formas populares poéticas, exibidos em cordéis, com material e ilustrações específicas; a *ciranda*, uma dança de roda e o *pastoril* um auto natalino.

Todas essas manifestações culturais têm sua base referendada na cultura do colonizador português que primeiro desembarcou no território. Além dessa influência, é possível mencionar ainda algumas conexões africanas e ameríndias, embora estas tenham sido profundamente transformadas pelo mesmo colonizador português através da imposição da sua cultura, da sua religião, dos seus objetivos políticos e econômicos.

Foi assim, com esses referentes, que a expressão Região Nordeste do Brasil ganhou forma. Além das características geográficas diferenciadas, como a caatinga, algumas outras imagens contribuíram para a formação dos contornos nordestinos, a exemplo do vaqueiro e das características sociais ligadas ao coronelismo, ao cangaço e às formas arcaicas de relações sociais e econômicas (HONÓRIO, 2011, p. 5).

Durante o período colonial, não existia, contudo, a ideia de região. Essa segregação começou a se delinear, segundo Durval Albuquerque Jr. (2013), no final do século XIX e durante o século XX, como consequência também, da divisão do Brasil em capitanias hereditárias, governadas por capitães ligados à Coroa Portuguesa. E só a partir de 1930, quando o Estado Novo, regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas, caracterizado pela

centralização do poder e nacionalismo, ganhou espaço, é que o Nordeste se constituiu, de fato, como uma região com delimitações oficialmente determinadas.

Para Albuquerque Jr. (2013), o tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX, ele surgiu quase ao mesmo tempo em que o recorte regional Nordeste começou a ser delimitado, por volta de 1910. Neste tempo, o termo *nordestino* era empregado para nomear habitantes dos estados que iam de Alagoas ao Ceará, sendo as vezes aplicado também, para nomear habitantes do Piauí e do Maranhão. Apesar desses primeiros contornos que foram se firmando de forma lenta, passa-se a ver uma afirmação definitiva, dirigida pela elite, com a chegada da década de 1920 e, sobretudo, dos anos 30. Já entre as camadas mais populares, essa afirmação parece mais evidente no fim da década de 30.

O nordestino, assim como a região nordeste, tomou formas a partir de práticas regionalistas e de um discurso político intenso, caracterizado por uma ampla militância intelectual e cultural, no sentido de definir tanto a região, quanto o seu povo.

O termo Nordeste, que inicialmente designava, apenas, a área de atuação da Inspetoria de Obras Contra as Secas, simples ponto colateral, vai ganhando, nos discursos destas elites, conteúdo histórico, cultural, econômico, político e até artístico. O Nordeste é então inventado como espaço regional. Inicialmente o termo aparece sempre vinculado aos dois temas que mobilizam as elites desta área do país, naquele momento, e que fizeram emergir a ideia de Nordeste: a seca e a crise da lavoura [...] Já o tipo regional nordestino vai sendo elaborado, ao longo dos anos 20, na confluência de um discurso político e de um movimento cultural regionalista, que tem como centro a cidade do Recife, para onde acorria grande parte dos filhos das elites agrárias dos Estados que eram identificados como Nordeste (ALBUQUERQUE JR., 2013, p.138-9).

Com o andar da história, o regionalismo²¹ passou a ser a forma pregada, e da qual se dispunha, para pensar a realidade nacional. Nesse contexto, o termo Nordeste foi ganhando conteúdo e somando fundamentos para a elaboração de um tipo regional nordestino fortalecido, enquanto a imigração estrangeira modificava profundamente a cultura do Sul do país.

Dadas as condições diferenciadas de colonização²², o Nordeste supostamente teria desenvolvido, desde muito cedo, uma condição regional de expressão cultural, o que favoreceu

²¹ A proposta do regionalismo na época era traçar um perfil do homem da região, dar uma personalidade, uma fisionomia. “[...] que viéssemos a nos conhecer, a respeitar nossa índole ao nos expressar culturalmente. Seremos corajosamente nós mesmos, seguindo as sugestões diretas do meio em que vivíamos” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 145).

²² Em seu livro “Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940)”, Durval Albuquerque Jr. (2013) menciona que o Nordeste, em especial, teve seu desenvolvimento dado em áreas apartadas do território nacional o que, diante da ação regionalizadora dos movimentos de colonização portuguesa,

sua constituição como representação do que havia de mais brasileiro. Essa lógica é reforçada quando no século XX, através de um discurso político e de um movimento cultural regionalista, Gilberto Freyre, em Recife, congregou políticos e intelectuais de Pernambuco, além dos demais estados identificados como nordestinos, para lançar a proposta de fechar ainda mais o perfil do homem da região por meio do resgate das tradições. Daqui em diante, o Nordeste será inventado e definido em traços físicos e psicológicos, em grande medida, por meio da produção cultural e artística estimulada pelo movimento.

Para eles, segundo Honório (2011, p.7), era preciso definir um novo homem, que preservasse as tradições e os costumes; que resgatasse o modelo de masculinidade e virilidade, que fosse capaz de reagir à feminização da sociedade frente a absorção do “simbolismo francês” que parecia encantar; que garantisse a predominância econômica e política que a região havia perdido²³.

O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir desta militância regionalista e tradicionalista. Este será definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passo patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade matriarcal, efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, áspers, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 150).

Além das motivações já mencionadas, a emergência de um tipo regional nordestino parece também ter ligação com as mudanças que se operavam no âmbito das relações de gênero. Com a ampliação das influências, começou a haver certa interlocução entre os lugares socialmente definidos como sendo respectivamente de homem e de mulher. Nesse contexto, o nordestino apresentou historicamente uma reação conservadora, inventando-se como “macho por excelência, encarnação do falo. A relação entre masculinidade e poder fica assim

da escravidão desenvolvida nesse espaço, resultou em um combate frente à formação de uma consciência nacional de colônia, instaurando uma luta mais intensa para a manutenção de características típicas do encontro entre as nacionalidades simultaneamente.

²³ Essa perda faz referência ao fato de que o Nordeste foi, em certo período da história, o maior produtor de insumos agrícolas, sobretudo, açúcar e algodão. Contudo, por divergências de interesses, essa predominância foi sendo perdida pela abolição dos escravos e pelo crescimento do mercado do café no Sul do país. O regionalismo pareceu, então, inevitável na defesa dos interesses de cada estado.

explicitada, ou seja, a feminização do espaço regional significava, segundo estes discursos, a perda do poder em nível nacional, a impotência” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 152)²⁴.

Com esse conservadorismo e buscando representar “o macho por excelência” foram sendo agregados, ao que ficou conhecido como nordestino, ainda outras figuras como: o cangaceiro, o senhor de engenho, o jagunço, o caboclo, o retirante, o matuto, o vaqueiro, o coronel, o brejeiro, o praieiro, o sertanejo. É importante mencionar que todas essas forças empregadas na consolidação da imagem do nordestino somam-se às influências positivistas, de forma que essa construção oscila entre enunciados naturalistas e culturalistas. “O nordestino, portanto, seria fruto de uma hereditariedade cultural” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 174).

Chegando a um momento mais recente, com o início do século XXI, todas essas relações começaram a se tornar assunto público, assunto da mídia, prescrevendo as práticas até então admitidas. Passaram a ser produzidos novos espaços para as relações de gênero, embora ainda muitos vigiadas, descritas e analisadas. Ao mesmo tempo em que permanecemos recuperando essas memórias, elas parecem se perder na literatura, e como bem assinala Albuquerque Jr. (2013), passa-se a reconhecer que “não se fazem homens como antigamente”. O nordestino parece ser cada vez mais um homem comum.

O nordestino é, pois, um ponto de encontro entre certo número de acontecimentos históricos. É fruto de um conjunto de operações de construção de um sujeito histórico, de um sujeito regional, de um personagem extremamente importante para a história política e cultural do Brasil. Hoje, esse estudo se mostra tão importante quanto sempre foi; importante, sobretudo, para desconstruir a ideia de que não existem outras formas possíveis para ser homem e ser mulher no Nordeste para além do macho e da submissa.

²⁴ Ao fazer essa colocação, Albuquerque Jr. (2013) esclarece que parte da concepção de que masculinidade e feminilidade são construções históricas de lugares de sujeitos, de identidades e de papéis que são aprendidos pelos sujeitos em seus processos de socialização. Essa visão corrobora com a que estamos empregando nesse trabalho, embora pensemos os gêneros mais vinculados a uma lógica de produção do que de construção, conforme discute Butler (2013). Quanto a este último ponto, o retomaremos de forma mais detida no capítulo seguinte.

3. CONSTRUINDO REFERENCIAIS TEÓRICOS

Por que trabalhar com os homens? Por que estudar as masculinidades?

A atenção que aqui será dada aos desdobramentos dessas questões nos conduzirão ao que insistiu ao longo da pesquisa através de cada nova palavra pronunciada, de cada gesto realizado, de cada história contada. Todo esse percurso nos mostrou que não há caminhos definidos quando se busca estudar o homem, o masculino e as masculinidades. Por mais que tentemos (e aqui fizemos isso, tentativas) sistematizar o conhecimento e a história em termos da experiência humana, o que acontece, como coloca Pedro Nascimento (1999, p.32), é que nos deparamos com o fato de que nada está dado a priori; com o fato de que, em nosso caso, há tantas possibilidades para as experiências dos homens com as masculinidades, quanto crenças arraigadas sobre uma suposta condição masculina de ordem natural.

Pensar e refletir sobre as interrogações que colocamos, implica, sem dúvida, em considerar o esforço que pesquisadores têm feito nas últimas décadas para mostrar que aquilo que aparece como óbvio, "o homem tem que ser homem", é resultado de uma elaboração cultural engenhosa que investe de significados corpos biológicos diferenciados (NASCIMENTO, 1999, p.32). Adiantamos aqui, que nesse processo de pesquisa, de vida e de tentativa de sistematização do conhecimento, adotamos uma perspectiva sobre o corpo que ultrapassa, embora não negligencie, a dimensão biológica, sustentando leituras cotidianas de gênero e de performatividades. Falemos sobre isso.

3.1 DO SEXO AO GÊNERO: LANÇANDO A DISCUSSÃO

Antes de partirmos da temática homens e masculinidades em direção ao processo de desnaturalização dos corpos, falemos de como fomos e vamos deixando de falar em "sexo como um dado natural inelutável, que tinha feito homens e mulheres tais como os vemos, e passamos a falar em gênero [...] para entender como tínhamos chegado a ser o que somos" (NASCIMENTO, 1999, p.33).

Longe de ser uma tarefa simples ou nova, já que muitos estudiosos o fizeram, a exemplo de Barbieri (1991); Heilborn (1992); Scott (1993); Vale de Almeida (2000), historiar gênero, ainda que brevemente, se faz relevante para que possamos delimitar nosso lugar de fala e localizá-lo. Sem nos preocuparmos, porém, em refazer historicamente todo o caminho dessa reflexão, buscaremos construir um pensamento que nos conduza a um panorama geral das

teorias de gênero e que nos permita refletir, a partir disso, como o masculino e as masculinidades foram sendo, ou podem ainda ser introduzidas neste debate.

De acordo com Nascimento (1999, p.33), a importância do conceito de gênero para a compreensão da complexidade da vida social tem sido cada vez mais reconhecida pelas ciências humanas de forma geral, ainda que permeada por discussões conflituosas que o colocam na classe das construções que mais têm suscitado debates.

Sobre o cenário de inserção desse conceito sabe-se que, no Brasil, embora também tenha sido assim em outros países, as reflexões foram marcadas, desde o princípio, pela perspectiva da mulher, equivalente a uma perspectiva do feminino e da feminilidade, falada a partir de etiquetas que insistiam na distinção entre os sexos.

Apesar dessa insistência, a busca por enfatizar o conceito de gênero em detrimento do uso corrente do termo “sexo” procurava mostrar que as ditas diferenças entre homens e mulheres eram diferenças construídas e firmadas na cultura ao longo da história, que se pautava na distinção radical entre os sexos e os gêneros sob a “realidade” biológica da reprodução, arraigando o binarismo e aprisionando corpos e gêneros em leituras e classificações específicas. O reconhecimento desse fato e a luta “contra normas e convenções que restrinjam as condições da própria vida, como respirar, desejar, amar e viver” (PORCHAT, 2014, p.18), tornou o conceito de gênero fundamental para o avanço das relações.

Nos adiantando um pouco historicamente, vemos que os estudos que passaram a trabalhar com uma perspectiva de gênero começaram a ganhar força a partir da década de 1970²⁵, com o fortalecimento do movimento feminista e da luta contra a subordinação das mulheres. Já nesta época, de acordo com Thiago Pinheiro; Márcia Thereza Couto (2008, p.56), as mulheres organizavam suas críticas contra as forças políticas dominantes que impunham justificativas para a conformação de seus corpos a partir do modelo biomédico.

Esse movimento feminista foi tomando proporções cada vez maiores e ganhando espaço nas discussões acadêmicas sob a forma de “estudos das mulheres”, que pretendiam, dentre

²⁵ Apesar do fortalecimento recente, as discussões sobre as relações entre os sexos se originaram muito antes do que passou a ser chamado de movimento feminista, como aponta Medrado (1997, p.23), inspirado nos estudos de autores(as) como Badinter (1993) e Gomáriz (1992). Segundo eles, o registro do movimento de defesa das mulheres e seus direitos pode ser localizado até mesmo nas obras das poetisas gregas que identificavam, de um modo ou de outro, a dominação que sofria seu sexo, além das discussões entre os pensadores(as) iluministas e revolucionários(as) dos séculos XVII e XVIII sobre a condição feminina.

outras coisas, introduzir o conceito de gênero como uma categoria de análise, tendo como foco o estudo e as críticas a divisão de trabalho baseada em categorias de público e privado e a investigação da restrição da mulher ao espaço doméstico. Nesse mesmo contexto, podemos mencionar a teoria da construção social desenvolvida por Foucault e outros autores, que deram força aos objetivos mencionados, se propondo a lançar olhares para as questões relativas à sexualidade. A partir dela, teciam-se críticas à biologia, a distinção entre sexo e gênero e certa oposição às teorias essencialistas, como menciona Porchat (2014, p.23):

“Gênero” tem uma história e se transforma dentro do campo feminista. Surge em oposição a “sexo”, como um recurso para superar concepções que consideravam as diferenças sexuais biológicas como fator fundamental na compreensão dos aspectos constituintes do comportamento e da personalidade [...] (PORCHAT, 2014, p.52).

Apesar do histórico da luta, foi apenas na passagem para os anos 80²⁶ que essas reflexões se projetaram como argumento forte e capaz de desconstruir a “naturalização” das assimetrias e desigualdades entre os sexos (PINHEIRO, COUTO, 2008, p.57), chegando ao ápice com a mudança de perspectiva: dos “estudos de mulheres” (por mulheres, sobre mulheres, para mulheres) para os “estudos de gênero” (MEDRADO, 1997, p.24).

Nesse contexto, embora a denominação “gênero” tenha passado a ser utilizada, seu uso trazia certo caráter descritivo e ainda restrito às mulheres.

Assim, a história da origem da perspectiva de gênero está ligada aos posicionamentos críticos da explicação do lugar da mulher na sociedade. Essa perspectiva surge no final daquela década, de forma incrustada no interior do pensamento/teoria feminista, a partir da apropriação do termo “gênero” do campo da linguística. Tomando-se por base as contribuições das Ciências Sociais, gênero, como categoria de análise, busca superar a matriz explicativa dos “estudos de mulher” que tinham como premissa a categoria de “papéis sexuais”. A então nova categoria forma-se duplamente frente à anterior, seja por sua demarcação mais incisiva contra o determinismo biológico, seja pela superação da ideia de esferas separadas para um e outro sexo [...]. Ao trabalharem a perspectiva de gênero, nessa acepção, as feministas intentam

²⁶ Segundo estudiosos, antes de advir a ideia do sistema sexo/gênero proposta por Gayle Rubin, em meio aos debates no ano de 1975, já se usava a mencionada expressão “estudos da mulher” com a intenção de discutir sobre as divergências entre algumas visões, como a biologicista e a sócio-cultural, mas havia ainda muitas restrições e pouca repercussão. Sobre o sistema sexo/gênero, pode-se dizer que diz respeito a um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas. O sistema sexo/gênero representa para Gayle Rubin, portanto, um aparato social sistemático que recorre à matéria corporal e transforma-a em um produto generificado e desigual.

marcar a separação entre as diferenças anátomo fisiológicas dos sexos e as construções sociais a respeito deles (PINHEIRO, COUTO, 2008, p.57).

Ainda que, inicialmente, essa mudança pareça ter se configurado, segundo Medrado (1997, p.24), como uma mera substituição de termos, no qual gênero era empregado como sinônimo de mulher, ela possibilitou um maior alcance desses estudos gerando novas discussões, embasando novas lutas e construindo um campo próprio para sistematização teórica mais consistente, até o ponto em que se passou a adotar, de forma mais intensa e ampla, a noção de gênero como uma categoria capaz de abranger as características e os fatores que concepções reducionistas vinculadas a noção estrita de sexo não davam conta.

Dando respaldo a história do termo gênero, acredita-se, ainda que não haja uma concordância entre os estudiosos, que foi no trabalho do psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, datado de 1964, no qual apareceu pela primeira vez uma abordagem mais próxima das atuais²⁷. Pelo menos, segundo Porchat (2014, p.16), foi ele quem introduziu a noção de “gênero” na psicanálise há aproximadamente 40 anos com seu estudo sobre “transexualismo”²⁸. Neste trabalho, Stoller cria a “identidade de gênero” ou “gênero”, como é mais usado, para diferenciar sexo, no sentido anatômico, da identidade, no sentido social ou psíquico (PORCHAT, 2014, p.16).

O movimento e a adoção da denominação “gênero” ao longo do tempo, mais do que uma simples mudança terminológica, portanto, chama a atenção para o fato de que a forma de conceber homens e mulheres dentro das relações sociais que, por sinal, se organizam em função das diferenças e/ou desigualdades, é uma produção sócio histórica e cultural, além disso, discursiva, que a respeito dos homens, os fez permanecer, na maior parte do tempo, como o parâmetro normativo de um “modelo natural” sem especificidades. Esse dado justifica o fato de que foi apenas mais recentemente, sob a ótica de gênero e da produção das masculinidades, que o lugar do masculino passou a ser problematizado.

²⁷ Sobre esse trabalho, Medrado (1997, p.26) detalha que Stoller observou crianças que, devido a problemas anatômicos congênitos, haviam sido educadas de acordo com um sexo que não era fisiologicamente o delas. A partir disso, ele percebeu que as crianças mantinham os padrões de comportamentos do sexo para o qual foram educadas, mesmo depois de serem informados que sofriam de mutilação acidental ou má formação de seus órgãos genitais externos. Foi então que, com esse resultado, ele buscou estabelecer uma distinção nítida entre gênero e sexo.

²⁸ O uso da denominação “transexualismo” justifica-se, neste caso, por ser similar ao emprego feito pelo próprio Robert Stoller em sua obra original. Apesar desta escolha, sabemos e concordamos que há, nos dias atuais, o reconhecimento de que esse termo denota certo caráter patologizante condizente com as classificações biomédicas.

Embora já na década de 70, feministas chamassem a atenção para a necessidade de incluir os homens ou a masculinidade na reflexão e até já existissem estudos sobre masculinidade, estes foram obscurecidos pelo discurso feminista sobre a mulher e a feminilidade. O estudo das "relações de gênero", que se apresentou como uma nova fase nos estudos de gênero, não conseguiu este feito com facilidade. O que se pode notar foi a perspectiva da mulher ou o feminino em "relação" ao homem: este continuou mais um meio para se falar da mulher ou de sua submissão e menos um dos elementos a serem compreendidos em sua especificidade, passíveis de serem investigados, bem como fundamentais para a compreensão da anunciada "relação". Dizer que "gênero é uma categoria relacional" funcionou, durante muito tempo, mais como um projeto a ser alcançado do que como uma real modificação na forma de conduzir a discussão (NASCIMENTO, 1999, p.34).

Ainda que tenham ficado em suspenso alguns pontos no início dos estudos e do entendimento de gênero e que não haja ainda posições teóricas homogêneas neste debate, não se pode negar a grandiosidade daquilo que foi alcançado, a exemplo de interesses comuns que ampliaram as possibilidades de convivência, e a consolidação da ideia de que, mais do que anatomia, o gênero é “construção histórica, social e cultural do que é ser homem e do que é ser mulher que afeta a vida de ambos” (PROMUNDO, 2009). Tudo isso deu espaço para novas discussões como a elencada por Medrado (1997, p.25), de que existem machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é definida em termos de um contexto sócio histórico mais amplo em que é preciso atentar para outras categorias, tais como raça, idade e classe social.

Contudo, também é preciso estar atento as críticas. Uma delas é que tem tido alcances relevantes no campo dos estudos de gênero é a crítica feita por Butler (2013), de que o feminismo parece criar, muitas vezes, a ideia de uma identidade de gênero coerente, pondo o sexo na ordem do natural e assim, mantendo a distinção entre sexo e gênero. Sobre isso, vamos discutir que, para Butler, o sexo, assim como o gênero, também é um atributo carregado de instituídos produzidos e sustentados por discursos que respondem a lógica da manutenção das diferenças e do binarismo (homem/mulher; macho/fêmea). Dessa forma, o sujeito não seria dividido entre o sexo e o gênero, não haveria uma substância original ou essências universais, mas aparências que respondem politicamente a materialidade.

3.2 PROBLEMAS DE GÊNERO E A QUESTÃO DA PERFORMATIVIDADE EM BUTLER²⁹

Formados em um contexto social específico e determinista como fomos, temos e convivemos com a tendência a perceber como natural aquilo que é entendido como sendo exclusivo do masculino e exclusivo do feminino. Para nós, muitas vezes, essas tendências acabam funcionando como evidências incontornáveis já que supostamente de ordem biológica. As figuras do homem e da mulher, no entanto, não se restringem absolutamente à condição do ser macho e do ser fêmea, mas ultrapassam bastante esses limiares como viemos discutindo. Tratam-se, com efeito, de construções sociais e culturais de grande complexidade, modeladas por regras e códigos simbólicos meticolosos (BUTLER, 2013, p.75).

Em decorrência dessa constatação, foi adquirindo uma relevância cada vez maior, além de certa preferência, a crítica a categoria *sexo*, já que esta seria univocamente biologicista, ao passo em que foi sendo dado espaço para a adoção da noção de *gênero*, a fim de que se tornasse possível reconhecer efetivamente os procedimentos sociais e culturais que afetam as relações. Formularam-se, assim, ideais respaldados em um projeto teórico de produção e concepção de gênero que tiveram como condição histórica de possibilidade os movimentos gay e feminista, como também fora discutido em pontos anteriores.

Contudo, ainda que se tenha passado ao reconhecimento da importância das construções sociais e culturais na constituição do mundo e dos sujeitos, não foram tão bem reconhecidas todas as tentativas de ilustrar o caráter social de estruturas que parecem naturalizadas, como: *corpo*, *sexo* e *gênero* (SENKEVICS, 2012). É este um dos pontos em que Butler ancora seus questionamentos, sobretudo em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2013), na qual, partilhando de certos referenciais foucaultianos, se pergunta se o “sexo” teria uma história ou se seria uma estrutura dada desde o princípio, impassível de discussão.

²⁹ É importante dizer que a construção dessa parte do texto, assim como de todo o trabalho, foi favorecida pela experiência que tive durante a Mobilidade Discente, possibilitada pelo auxílio da FACEPE. Durante três meses tive a oportunidade de me deslocar para São Paulo e frequentar as atividades do Grupo de extensão “Atenção a diversidade” coordenado pela professora Dra. Patrícia Porchat, além de cursar a disciplina “Diálogos entre Butler e a Psicanálise” ministrada pela mesma professora, no Mestrado em educação da UNESP.

Em resposta, a autora se apresenta discordante com relação a ideia de que só poderíamos fazer teoria social sobre o gênero, enquanto ao sexo, caberia o corpo e, portanto, o domínio das ciências da natureza. Dessa forma, no decorrer de suas elaborações teóricas ela vai tomando a biologia para o campo do social e pondo em cheque os limites das interpretações, propondo-se a questionar as fronteiras e as soberanias que atuam sobre as subjetividades.

Com esse olhar e fazendo uma manobra semelhante à Gayle Rubin e Joan Scott³⁰, como afirma Senkevics (2012), Butler dissolve, por meio da historicização, a dicotomia sexo *versus* gênero que por estar arraigada em concepções divergentes de sujeito, objeto e ciência, ainda representam um obstáculo à problematização da naturalização de homens e mulheres e assim, da própria “ordem compulsória” e heterossexual que exige de todos uma coerência perfeita entre *sexo anatômico, identidade de gênero, desejo e prática*. É dessa forma que a autora rebate as definições de homem, mulher, masculino, feminino, bem como os efeitos que advêm da cristalização dessas definições.

Ainda sobre a distinção entre sexo e gênero, Butler (2013, p. 24) esclarece que foi concebida para questionar a formulação de que a biologia é o destino, conforme defendia Freud ao pensar sobre o Complexo de Édipo³¹, que integrava o sexo como uma condição para o gênero. Além disso, essa distinção pretendia atender à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: “consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. Dessa forma, pensando com Butler (2013), chega-se à conclusão de que, sendo o gênero aquilo que em decorrência da cultura é assumido pelo corpo sexuado, não se poderia afirmar que ele

³⁰ Como mencionado na nota de rodapé 27, em meados de 1975, Gayle Rubin propôs a ideia do sistema sexo/gênero, que dizia respeito a um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana. O sistema sexo/gênero representaria, portanto, um aparato social sistemático que recorre a matéria corporal e a transforma em um produto generificado e desigual, estreitando os limiares entre as noções de sexo e gênero. Joan Scott, por sua vez, na busca por desconstruir a dicotomia entre um sexo para a natureza e um gênero para a cultura, os colocou como formas de saber, isto é, formas de conhecimento a respeito de corpos, diferenças e seres. Em uma de suas colocações ela destacou que se associarmos sexo a natureza e gênero a cultura, pondo-os como necessariamente distintos, perpetuaremos a ideia de que existe uma natureza que pode ser apreendida à parte dos conhecimentos que produzimos sobre ela. É neste ponto que Scott destaca ambos os conceitos como sendo históricos e condicionados ao meio.

³¹ O Complexo de Édipo, denominação criada por Freud e inspirada na tragédia grega Édipo Rei, designa uma série de processos, bem como um conjunto de desejos, pelos quais passariam todos os sujeitos durante o estágio fálico do desenvolvimento psicosexual. Neste estágio, que compreenderia dos três aos seis anos em média, começaria a se formar certa identidade sexual baseada na relação entre o sujeito e o corpo, de forma que a anatomia seria determinante na condução desse “destino”.

decorre do sexo em si, de tal modo que, a distinção sexo/gênero conduz a uma descontinuidade entre o corpo biologicamente determinado e o gênero culturalmente construído.

As ideias da filósofa conduzem ainda, a outros questionamentos e a uma outra problemática diante dessa cisão do sujeito em seu gênero.

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou gênero e por que meios? E o que é, afinal? o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria o sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? (BUTLER, 2013, p.25).

Pondo em questão, assim, que há uma determinação do corpo por uma questão orgânica e a crença de que existiria uma relação necessariamente posta entre o gênero o sexo, como se um refletisse o outro, Butler (2013) discute que o caráter imutável do sexo é contestável e que, possivelmente, a própria noção de “sexo” possa ser tão culturalmente construída quanto a noção de gênero. Como a autora mesmo afirma, “a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (2013, p.24). Se um é supostamente definido em detrimento do outro, por que falar de vieses diferentes e dividir o sujeito? Um não está para outro. Assim como o sexo não está para o biológico, o gênero não está para o cultural. Ambos são meios discursivos e reproduzidos, muitas vezes, como naturais.

Para o sexo, recai ainda o caráter de pré-discursivo, como se ele fosse anterior a própria cultura e as interpretações. Essa lógica conduz a um estreitamento dos trabalhos, produções e divagações que se reduzem a um referencial específico – *os gêneros inteligíveis*. A ideia de que algo está dado e que não é questionável é exatamente o ponto onde podemos interrogar a interpretação que incide sobre os corpos e sobre os sujeitos submetidos a eles.

Questionado o sexo, cabe-nos agora questionar e desconstruir o gênero para chegarmos ao proposto corpo-gênero e a ideia da performatividade. “Haverá ‘um’ gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta ‘qual é o seu gênero?’ ” (BUTLER, 2013, p.26). Essa indagação provocadora nos conduz a uma outra que põe em cheque a estabilidade da noção de gênero

como decorrência do sexo: “*Como e onde ocorre a construção do gênero?*” (BUTLER, 2013, p.26). Se adentrarmos nesse ponto, veremos que não mais a biologia aparece como destino, mas sim a cultura, aprisionando e concedendo certo ponto de fixidez a essa noção, como um construto pelo qual os corpos se deixariam enquadrar.

Em Problemas de gênero, Butler afirma que não existe um “sexo” natural. Sexo e gênero seriam uma única e mesma coisa. A opção por manter o termo “gênero” é para realçar sua recusa de que a biologia seja o destino, isto é, que seja o determinante dos modos de ser do gênero, limitando-os ao binarismo clássico. No entanto, Butler igualmente recusa a ideia de um gênero como construção cultural porque não se pode definir o mecanismo pelo qual gênero se constrói. (PORCHAT, 2007, p.87)

Essência, construção ou produção? Do que, afinal, podemos falar quando estamos pensando em sexo-gênero? Ultrapassando a discussão já feita sobre os embargos da lógica essencialista e naturalizante, nos deteremos nas propostas de *construção* e de *produção* de gênero.

Sobre *construção*, Butler (2013) discute que a controvérsia evocada pelo termo é a polaridade entre o livre-arbítrio e o determinismo. Para a autora, a palavra construção traz a ideia de que “eu faço meu gênero”, contudo, não temos todo esse poder de construção, uma vez que não há um “fazedor” sustentado nesse processo.

Como falar em construção de gênero sem assumir um construtor prévio, tanto no sentido lógico como ontológico? Butler quer evitar chegar à ideia de que, no lugar da biologia, a cultura determina o destino. E quer igualmente recusar a noção de um agente construtor, de um voluntarismo na construção do gênero, como condição lógica para que exista um gênero que não seja determinado pela biologia (PORCHAT, 2007, p.87).

Culturalmente, estão postos, nos discursos religiosos, médicos, jurídicos e outros, indicativos do que é ser homem e do que é ser mulher. Tais proposições corroboram para a construção de corpos coerentes e normativos que, a partir de reiterações contínuas de atos regulados, vão tomando a aparência de gênero. Sobre a biologia, nesse caso, como uma reprodutora de certa cultura científica, o que se pode discutir é que, também por meio da reiteração das normas reguladoras, finda por materializar o “sexo” e os corpos em função das aparências. O sexo seria, portanto, resultado da reiteração das interpretações “científicas” normativas que requerem dele certo encaixe para seja considerado e aceito dentro dos critérios de “civildade”.

Através do discurso, então, o corpo, e também o gênero, sofreria um processo de materialização. A complexidade desse processo, contudo, nunca é completa; nunca dá conta de firmar a coerência de forma contínua e, por isso, requer sempre a repetição e a reafirmação. Dito de outro modo, como coloca Porchat (2007, p.88), o corpo não aceita totalmente aquilo que lhe é imposto e assim, é preciso que se repitam as normas reguladoras. Porém, se é na repetição que os fenômenos do corpo, do gênero e do sexo se instalam, é igualmente através dela que pode ocorrer uma transformação.

Não há como pensar o corpo sem a linguagem. Não existe um corpo pré-discursivo, assim como não há um corpo pré-gênero. Quando nascemos a sociedade já está generificada, e mesmo antes disso, somos investidos de significantes condutores de diferenças, por isso o corpo-gênero. Essa linguagem, porém, não dá conta de dizer tudo sobre o corpo, não cabe, pois ele produz coisas que escapam, que não são sempre traduzíveis. Isso que não cabe é o que faz dissonância e traz à tona a singularidade e a transformação que mencionamos, tornando possível que sempre apareça algo novo.

Retomando a discussão anterior, vê-se que a ideia de *construção* talvez não seja a mais adequada. Como supor um construtor do que escapa? Nesse sentido, propomos, junto a Butler (2013), a ideia de gênero como uma *produção*, defendendo que nem tudo é construído, mas sim, um processo constante.

Butler tem uma resposta que parece ser definitiva: “admitir” o caráter inegável do “sexo” ou sua “materialidade” sempre é admitir certa versão do “sexo”, certa formação de “materialidade”. O discurso não funda o corpo, mas não há qualquer referência a um corpo puro que não seja ao mesmo tempo uma “formação adicional a este corpo”, algum tipo de construção que, ao falar “sobre”, acrescenta algo a este “sexo”, seja lá o que ele for.[...] O corpo não é redutível à linguagem, diz Butler, mas ela acrescenta: “A linguagem emerge do corpo. O corpo é aquilo em cima do qual a linguagem gagueja, balbucia. O corpo tem seus próprios sinais, seus próprios significantes, de um modo que permanecem em boa parte inconsciente [...] Há sempre uma dimensão corporal que não pode ser totalmente representada [...]. É nesse sentido que as significações do corpo excedem as intenções do sujeito (BUTLER, 2013)” (PORCHAT, 2007, p.88).

Butler tem, como vemos, uma preocupação epistemológica que revela uma noção de gênero intrinsecamente relacionada a uma noção de sujeito psicanalítico pulsional. Para ela, como dissemos, o corpo não acata as normas que se impõem à sua materialização de forma completa, antes, ele resiste tanto às intenções do próprio sujeito, quanto às normas impostas

pelos discursos sociais e políticos. Apesar da resistência, contudo, há também a manutenção da ordem compulsória através da repetição de atos que trazem a ideia de naturalização. Trata-se, neste caso, da *performatividade*³². Para Butler, gênero é ato performativo que *produz* significados (PISCITELLI, 2002).

Nós agimos como se este “ser um homem” ou “ser uma mulher” fosse uma realidade interna, ou algo que simplesmente é uma verdade sobre nós, um fato sobre nós. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem sido produzido todo o tempo, e reproduzido todo o tempo. Então, dizer que o gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre. Eu sei que é controverso, mas é esta a minha proposta (BUTLER, 2013b, vídeo “Seu comportamento cria seu gênero”).

Gênero é redefinido pela autora como um tema sobre o qual incidem, ao mesmo tempo o psíquico, o social e o político; como um ato que requer performance e que encena significações estabelecidas tanto sócio-politicamente, quanto psiquicamente. Dessa forma, o gênero não simplesmente se escolhe ou se constrói, no sentido de montar, dando a entender um sujeito que é anterior a sua assunção, mas ele é produzido, num devir constante. Pensar o gênero como performatividade³³ é pensá-lo como um efeito da regulação das diferenças sexuais que se delineiam e se hierarquizam de maneira coercitiva; é pensa-lo como “ficções que criam um conjunto de estilos corporais que aparecem como organizador natural” (BENTO, 2006, p. 92).

Para Butler, dessa forma, o “ser homem” ou o “ser mulher” acabam sendo efeitos do discurso (MOURA, 2015, p.7), ou seja, concepções construídas historicamente, por uma repetição exaustiva e contingente de comportamentos pré-estabelecidos por instituições.

Em relação ao “homem” e à “mulher”, encontrei uma primeira resposta em Butler: a de que não há “ser” por trás dessas categorias. Butler invoca Nietzsche, de “A Genealogia da moral”, para reafirmar que o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo. A “obra”, em Butler, são os atos performativos. Eles produzem um efeito ontológico. Fazem-nos acreditar que

³² Porchat (2014) chama-nos a atenção para a diferença entre performatividade e performance. Segundo a autora, Butler afirma que em seu livro *Problemas de gênero* teria dado margem a uma interpretação que confundiria performatividade com performance, mas esclarece que, enquanto a última pressupõe um sujeito, a primeira colocaria em questão a própria noção de sujeito. “Gênero foi interpretado como um tipo de teatro improvisado em que diferentes identidades poderiam ser exploradas de acordo com o desejo de cada um. Mas não se constroem ou desconstroem voluntariamente identidades, dirá ela [...] Butler parece querer eliminar qualquer traço de intencionalidade. Enfatiza que gênero não é um papel que se escolhe a cada dia, pois essa ideia implicaria num ‘alguém’ que precede este gênero” (PORCHAT, 2014, p.93).

³³ É preciso esclarecer, antes de prosseguir, que a noção de “performatividade” utilizada por Butler (2013) foi primeiramente posta por Austin e relida por Derrida. Foi a partir dos questionamentos feitos por este último, que Butler (2013) tomou a ideia de performatividade como referência para pensar o conceito de gênero como uma produção pela repetição; repetição esta que concede certa condição de verdade aos gestos e comportamentos ditos masculinos e femininos.

existem “seres homens” e “seres mulheres” como substâncias [...] Essa substância, como verdade última do sujeito, para Butler, não existiria: o “masculino” e o “feminino” não são substâncias originais, essências universais (PORCHAT, 2014, p. 156)

Não há, pois, uma essência ou substância do homem e da mulher. Nesse sentido, os sujeitos, por meio de atos performativos (re)produzem citações de normas e convenções para o que não há verdades, nem permanências.

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2013, p.201).

Isso implica, enfim, na recusa, como coloca Porchat (2014, p.82), da ideia de um sexo idêntico a si mesmo, aparentemente coerente, dividido em duas categorias – homem e mulher. É o uso da linguagem que cria a ideia de uma substância, resguardando relações de poder, onde o que há é performatividade. É nesse sentido e com base na performatividade, mas, sobretudo, no que escapa através dela, que Butler (2013) dirá que gênero não é totalmente consciente ou voluntário, mas também inconsciente, sinalizando que não há como, nem para quê dar conta dele.

4. DETALHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os processos de conexão, acolhimento e produção de informações que deram sustentação à pesquisa ao longo de suas idas e vindas. Nesse sentido, ele se destina a descrição de como a pesquisa foi sendo realizada na medida em que fomos nos aproximando do objeto e daquilo que para nós se punha como questão. Cabe destacar, que partimos, em todas as etapas, de uma perspectiva de ciência reflexiva, que não se propõe a esgotar, a dar conta, ou ainda a dar garantias das informações com explicações definitivas, mas sim, que compreende que estas são coisas que nunca faremos por completo, já que a verdade absoluta, toda ela, não existe. Não há como dizer tudo, algo sempre restará a ser dito, algo que nunca será dito. Ainda bem! (SOBRAL, 2008).

Pensamos, ainda, que a construção desse capítulo foi também um encontro com versões produzidas por nós e pelas demais vozes que compõem o trabalho; versões e vozes essas que são parciais e não verdades estabelecidas em si mesmas. Adotando essa posição reflexiva, acreditamos que ao pesquisar nos deparamos com o que está para além do externo, sobre o qual se tecem comentários e se chega a conclusões, e adentramos na lógica da troca e dos encontros que nos permitem, por exemplo, o mergulho no campo-tema (SPINK, 2003).

Utilizamos aqui o conceito de “campo-tema” proposto por Peter Spink (2003), por pensarmos justamente a “pesquisa de campo” como um processo que ultrapassa a esfera física e a noção de um lugar externo e determinado ao qual se pode visitar. Antes, o campo-tema nos permite alcançar, por meio da vinculação e da aproximação, uma dimensão ampliada da temática, das experiências e das observações que perpassam a produção e a implicação com o trabalho.

O envolvimento com o campo-tema, em meu caso, abrangeu desde o primeiro contato com tema, perpassando as experiências, vivências e revivências afloradas por essa aproximação, até a minha inserção e mudança para Recife/PE, mais especificamente, para o bairro da Várzea, meu território de pesquisa. Além disso, envolveu a realização da observação no cotidiano, as conversas nos grupos de pesquisa e as participações em eventos, que deram força e base para a realização das entrevistas e para a entrada no processo de escrita. Essas experiências foram sendo registradas não apenas em meu corpo e na visão que eu passava a empregar sobre o meu objeto de estudo, mas também em diários de bordo que, reunidos para a

análise, representaram percepções e relatos sobre o processo de pesquisa (MEDRADO; SPINK, MÉLLO, 2014).

Mergulhando um pouco em cada um desses momentos, destaco, primeiramente, minha entrada no GEMA, quando tive os contatos iniciais com as teorias de gênero e os estudos das masculinidades, que já me tocavam, ainda que eu não os conhecesse ou estudasse da forma como o grupo propunha, com um olhar e uma perspectiva feminista de gênero. Minha vinculação a esse grupo de pesquisa e também minha participação em todas aquelas discussões que passaram a circundar e fundamentar o meu lugar de sujeito no mundo e como pesquisadora, me fizeram perceber essa oportunidade como estruturante para o meu trabalho do mestrado e para o meu posicionamento político até então silenciado.

Junto a minha entrada no GEMA, passei a ser colaboradora no Instituto Papai, em parceria com um projeto mais amplo, ainda em desenvolvimento, intitulado “Paternidade e cuidados nos serviços de saúde”. A experiência nesses dois grupos foi de total importância para meu processo de amadurecimento e de construção do conhecimento. Por meio deles, inclusive, pude delinear as redes de acesso aos homens e pensar de que homens e com que homens eu iria falar. Embora pareça simples nesta minha colocação, não foi tanto assim e esse talvez tenha sido o mais alto degrau que tive que escalar durante a pesquisa, mas falarei melhor sobre isso mais a frente.

Foi nesse contexto, que cursei, ainda imatura, a disciplina “Seminários de dissertação” e sistematizei pela primeira vez qual seria o meu problema de pesquisa e os meus objetivos diante de outros pesquisadores. Foi nele também, que passei a perceber que a produção do conhecimento científico precisava ser entendida, como aponta Conceição Nogueira (2000), não como uma busca de verdades e leis universais e que eu iria conhecer e ouvir pessoas com demandas próprias, reivindicações particulares e narrativas variadas; que eu iria ouvir “homens” e não “o homem”.

Naquela ocasião, eu já me preparava para a qualificação, embebida ainda pelos meus conhecimentos laboratoriais da graduação e pelas leituras ainda rasteiras sobre o meu tema de pesquisa, que dirá sobre a metodologia que iria empregar. Lá fui cercada por perguntas que despertaram a pesquisa em mim e me implicaram a sair do lugar de simples não-saber, para o

necessário saber não-saber³⁴. “*O que você está imaginando desses homens?; Qual o seu posicionamento com relação aos marcadores que definem seu lugar de pesquisadora?; Onde ficam as mulheres nesse trabalho? E o seu roteiro de entrevista?*”. Foram tantas indagações que eu acabei despertando.

Com esse novo ar, olhar e prazer, participei da IV Jornada e II Simpósio Internacional de Psicanálise da Unesp, cujo tema foi "Psicanálise e sociedade hoje", em agosto de 2014, no campus de Bauru/SP. O objetivo principal do evento era promover a psicanálise dos fenômenos sociais e culturais em seus diversos campos, entendendo que esta articulação é extremamente pertinente ao debate sobre os modos de subjetivação e o mal-estar na atualidade.



Figura 1 - Cartaz da IV Jornada e o II Simpósio Internacional de Psicanálise da Unesp, realizada em Bauru, em agosto de 2014.

Apresentado o evento, é preciso abrir uns parênteses para dizer, novamente, do meu lugar de fala e do olhar que, embora não seja a figura do nosso trabalho, sempre esteve no fundo, fundamentando e atravessando cada passo.

Ao longo de minha graduação fui apresentada e formada pela psicanálise, mas agora eu estava diante de outros olhares, de outros óculos, como costuma falar meu orientador. Antes de confrontarem o meu percurso, contudo, esses novos óculos, as novas lentes e as novas pessoas e discussões que me acolheram, passaram a somar e ampliar um pouco mais as minhas ideias e

³⁴ Conceito psicanalítico elucidado na apresentação.

a minha prática. Nesse evento não foi diferente. Discuti e conheci pesquisas sobre gênero que trabalhavam com psicanálise e com outras perspectivas que se encontravam e davam panos e espaços para sujeitos, subjetividades, culturas, para o único e para a psicanálise que pensa os homens e as masculinidades. Dentre essas pesquisas estava a da Prof^a. Dr^a. Patrícia Porchat, que em muito me ajudou a pensar o meu método e as noções de gênero e performatividade com as quais pretendia trabalhar.

Percebi, então, que minha formação não estava na contramão. Ter ela como base me levava e me permitia pensar, para além de uma clínica padrão, na psicanálise que tem os fenômenos sociais e culturais como uma fonte legítima, e que me compromete com uma posição crítica em relação aos modos de subjetivação e me permite dialogar com outros saberes e práticas. Além disso, tê-la comigo me ajudaria a reconhecer e refletir sobre os alcances e limites que encontraria.

Durante o evento me inscrevi e participei de um minicurso chamado “Foucault com a psicanálise: sexualidade, corpos, poderes”, com o Prof. Dr. Thamy Ayouch (Universidades de Lille III e Paris VII), onde, em mais um momento, discutimos que buscar o sujeito na objetividade seria não querer encontrá-lo e que os universais não dariam conta do singular que encontraríamos na pesquisa. Esse encontro me fez pensar em como poderia partir da posição daqueles que são falados, ou seja, da posição dos homens e sobre as masculinidades. *O que esses falados teriam a dizer sobre o tema que foi formado sobre eles sem lhes consultar? Será que a realidade psíquica faria sentido sem a realidade social que a circunda?* Voltei para casa com mais questões e em meu bolso, a certeza de que por trás de todo saber existe sempre muita coisa que ultrapassa a razão e que não se trataria de dar conta, mas de trabalhar com as possibilidades.

Já em casa, ou melhor, em minha nova casa, a Várzea, que era também o meu território de pesquisa³⁵, percebi, seguindo a ideia de campo-tema, que eu estava há tempos inserida no “campo”, embora não tivesse atentado para isso. Nessa volta, era chegado o momento de

³⁵ Cabe esclarecer, como mencionei, que me mudei para Recife durante o mestrado, onde residi por 1 ano e meio. Com essa mudança, passei a morar no bairro da Várzea por ser próximo a UFPE, local onde eu estudava. Coincidentemente, dada a vinculação com a pesquisa mais ampla que abrange este setor, além dos demais esclarecimentos que logo serão feitos a respeito do território da pesquisa, este passou a ser também o meu espaço de pesquisa, o que contribuiu para o processo de observação no cotidiano que a integrou, uma vez que eu estava diariamente inserida naquele contexto.

considerar mais a fundo uma opção metodológica que, como qualquer outra, traria limites e possibilidades, mas também ampliações e interfaces que diferenciariam minha experiência. Era a hora de mergulhar um pouco mais, de olhar, de sentir e viver a pesquisa, deixando de lado minha timidez, e de abraçar o meu diário, onde acomodei as minhas impressões e reações (tanto minhas com relação as demais pessoas da comunidade, como delas com relação a mim), me colocando nesse processo como uma participante cheia marcadores: mulher branca, de classe média, que vinha de outro estado do Nordeste (sou da Paraíba), com formação em Psicologia clínica e que estava se propondo a dialogar com homens das classes populares residentes no bairro da Várzea da cidade de Recife. A minha identidade visual era um dado que participaria comigo da pesquisa.

Esse foi um reconhecimento indispensável para que fossem delineadas algumas escolhas metodológicas. Primeiramente, quem seriam os meus interlocutores? Nessa discussão, optamos por contar com a parceria do Instituto Papai, do grupo Paternidade do GEMA, coordenado pelo professor Jorge Lyra, interligando nosso projeto ao projeto mais amplo “Paternidade e cuidado nos serviços de saúde” (APÊNDICE A) que estava sendo planejado e com o ProMUNDO. Esse projeto tem como objetivo desenvolver estratégias para um maior envolvimento dos homens, especialmente os pais, nas consultas e demais ações de pré-natal e assistência obstétrica. Fizemos essa escolha por vislumbrar nela, uma possível via de acesso aos homens da comunidade, bem como uma possibilidade de realizar a observação no cotidiano de forma mais próxima.

Falando na pesquisa mais ampla, para alcançar o seu objetivo, após a construção de um questionário, da formação das equipes de aplicação, de treinamentos e do estudo em grupo, foi dado um outro passo prático: encontrar os homens. Foi nesse momento que definimos em conjunto, eu e meu orientador, o local em que realizaríamos a pesquisa do mestrado e quem seriam nossos interlocutores. O contato feito com os homens nesta pesquisa ampla, através de abordagem censitária e da aplicação de questionário, porém, era diferente da nossa necessidade de falar com eles e de entrevistá-los em consonância com objetivos da nossa pesquisa em particular. Passamos então, a pensar na forma como poderíamos abordá-los quando fosse chegado o momento, mas enquanto isso, fomos participando de todas as etapas da pesquisa mais ampla.

A primeira etapa contou com a circulação por diversas casas para a aplicação dos questionários que, ao fim, após longas conversas e várias recusas, somaram 388 entrevistas estruturadas. Em seguida, passamos a segunda etapa: a realização de grupos focais com alguns homens com os quais havia sido aplicado o questionário. Desses grupos, participaram homens que se voluntariaram após o convite feito pela equipe. Foi então no encerramento de cada grupo, que encontramos uma oportunidade para fazer o convite específico da nossa pesquisa.

Explicando melhor, os grupos focais da pesquisa mais ampla foram realizados com mediação dos homens da equipe, de forma que eu, por ser mulher, me colocava fora da roda, apenas escutando e aguardando o encerramento. Finalizado o grupo, os mediadores anunciavam que eu gostaria de fazer um convite. Frente a eles, eu explicava, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que gostaria de convidá-los a participar, como voluntários, de uma pesquisa sobre homens e masculinidades. Além disso, busquei esclarecer que a forma de participação consistiria em ter alguns encontros comigo para a realização de entrevistas narrativas e que os resultados contribuiriam para o campo de estudos sobre o tema. Confirmei, ainda, que os nomes deles não seriam utilizados em qualquer fase da pesquisa, ficando garantido o anonimato, que não haveriam gastos nem riscos na participação, e que eles poderiam se recusar a participar ou retirar o consentimento a qualquer momento.

Após esclarecer as informações acima, alguns homens se dispuseram a colaborar e cederam seus números de telefone para que eu entrasse em contato com eles para marcar os encontros. Pouco tempo depois, realizei os primeiros contatos e ocorreram os encontros, mas também alguns desencontros. Um deles, foi o fato de que um dos homens que havia se voluntariado se recusou, logo em seguida, a marcar o encontro, alegando que sua esposa não havia gostado da ideia. Não foram somados a este fato maiores informações, contudo, ele abriu novas possibilidades para as discussões em nossas análises.

Realizei³⁶ no total cinco encontros, um com cada colaborador e os conteúdos decorrentes foram gravados e posteriormente transcritos na íntegra, conforme o consentimento de todos.

³⁶ Durante a realização das entrevistas esteve presente um aluno da graduação em Psicologia da UFPE e integrante do GEMA, Rodrigo Lira. Rodrigo, na época, estava desenvolvendo um trabalho para a disciplina de pesquisa na graduação e pretendia recorrer e analisar as produções que decorreriam de alguns desses encontros. A presença de Rodrigo, portanto, foi física, apesar de reconhecer outros possíveis efeitos, de forma que coube a mim, Juliana, o diálogo com os homens.

4.1 OBSERVAÇÃO E AMBIÊNCIA: CONHECENDO O TERRITÓRIO

O que é o cotidiano? Será que a expressão se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, separada e distinta dos acontecimentos importantes ou, ao contrário, o cotidiano é tudo que temos? (SPINK, 2008)

Como pensar meus interlocutores, marcados como eram pelo território que ocupavam, sem pensar no cotidiano desse território? Pensando nisso, recorri a história e ao dicionário³⁷, além das minhas pernas, dos meus ouvidos e dos meus olhos que diariamente se dedicavam aos passos dados por ali.

Historicamente falando, de acordo com o Governo do Estado, as terras que compreendem o território hoje conhecido como Várzea, na cidade de Recife/PE, foram as primeiras a serem repartidas no Estado entre os colonos portugueses na primeira metade do século XVI. Nestas terras férteis e com água em abundância foi dado início ao plantio de cana-de-açúcar a beirada do rio, o que logo multiplicou a quantidade de engenhos na região (Jornal Comércio, 2000).



Figura 2 – Mapa que compreende a extensão do bairro da Várzea e de bairros circunvizinhos.

Fonte: www.ufpe.br

Mais um pouco para o centro das terras foi se formando um povoado que teve crescimento acelerado e que ganhou como padroeira Nossa Senhora do Rosário. Ainda de acordo com o Governo do Estado, no final da primeira metade do século XIX a povoação da Várzea virou uma disputada colônia de férias, devido as águas cristalinas do rio que atraíam muitos recifenses. Esse cenário se sustentou até 1880, quando as águas começaram a ficar

³⁷ “Várzea”, de acordo com definição disponível no dicionário Aurélio (2004), é um terreno baixo, plano, fértil, nas margens de um curso de água.

poluídas demais. Com a queda do movimento, a comunidade foi se firmando perifericamente e ocupando mais espaços, de forma que hoje, segundo o Governo do Estado, o bairro da Várzea é o segundo maior em extensão territorial do Recife, com 2.264,0 hectares de área.

Dada a variação das pessoas que circulavam por lá e sua amplitude, vemos, atualmente, um bairro com alta diversidade cultural, racial e de classe. Por essa variação, foi preciso que eu circulasse pelo espaço em residia, mas também que saísse dele, pensando o cotidiano como um lugar em que as coisas acontecem e as relações se estabelecem (SPINK, 2008). Foi assim que passei a frequentar, não apenas como moradora da Várzea, mas como pesquisadora, os supermercados, as praças e os bares com alguns amigos, e assim, através de encontros, e também dos desencontros, fui percebendo as pessoas nas calçadas, os cumprimentos familiares, enfim, os microlugares que eu ajudava a produzir.

Estive atenta ao acaso diário, ao falado e ao ouvido em filas, em salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem (SPINK, 2008), buscando, em todo esse processo, o mais próximo de uma inserção horizontal. Observar no cotidiano correspondia a necessidade de pensar não apenas no que se diz dos homens e das masculinidades, mas em como esses interlocutores se colocam em seus microlugares.

Através desse exercício buscamos a compreensão das produções sobre as masculinidades sob o ponto de vista dos homens em seu próprio contexto (MEDRADO et. al, 2011). Nos propusemos a essa experiência por acreditarmos que frente a alguns objetos o ato de fazer perguntas não é suficiente; por acreditarmos que, para além disso, se faz necessário observar o que as pessoas fazem e como se relacionam para que se possa ter algum entendimento a respeito daquilo que se pretende estudar.

Nessa discussão sobre a observação no cotidiano, pensamos que pesquisa é, por si, uma prática de observação e que o observar nos convoca a refletir sobre importância do pesquisador se conectar às trocas constantes e circulares entre as pessoas, às falas, aos espaços, às conversas e aos objetos, além de se assumir e se perceber como participante do processo.

4.2 CONVERSANDO SOBRE NARRATIVAS E ENTREVISTANDO HOMENS

Como apontado, realizamos cinco entrevistas narrativas que assim foram pensadas não sob um referencial teórico-metodológico central de narrativas, mas como uma teoria ou ainda

uma técnica, que daria suporte aos nossos encontros e conversas. Recorremos a elas, portanto, como um instrumento, um meio flexível de estabelecer contato com os colaboradores, de escutar e de produzir. Dito isto, cabe esclarecer o que estamos entendendo por entrevista narrativa.

Primeiramente, até chegarmos as narrativas, pensamos em privilegiar a linguagem que seria impressa nas produções realizadas pelos homens, apostando que por meio dela se torna possível falar e também significar as experiências e os corpos bombardeados por discursos institucionalizados; discursos esses que, “se acomodam nos corpos”, que, na verdade, os carregam “como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002).

Partindo dessa perspectiva, passamos a pensar a entrevista narrativa como um meio através do qual os homens poderiam, em interação conosco, atuar e produzir significados sobre suas experiências de masculinidade. Seguimos, portanto, acreditando que, por meio delas poderíamos ir ao encontro do sujeito da linguagem produtor de histórias, que imprime suas marcas únicas a cada experiência e tira delas ensinamentos, trazendo à tona um material rico para análise.

Com relação a este ponto, é interessante entender que as narrativas, assim como o cotidiano, se dão independentemente de onde estamos e de quem somos quando acordamos pela manhã e entramos no dia que temos pela frente (SPINK, 2008). Narramos a todo momento nossos atos, experiências e sonhos, de forma que essa ação representa uma esfera fundamental de significação do mundo (WITTIZORECKI et. al, 2006).

Com essa visão, nos propusemos a escutar nossos interlocutores pondo-os uma colocação inicial: *fale sobre a sua história e sobre a história de homens importantes na sua vida*. Para essa escolha, respaldamo-nos na ideia de que a narrativa é uma forma de entrevista que conta com perguntas abertas, que admite roteiros mais fluidos, e que possibilita aos interlocutores estarem mais à vontade e livres³⁸ para exprimir seus sentimentos e vivências no assunto que está sendo abordado (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002).

Ainda com base em Martin W. Bauer; Sandra Jovchelovitch (2002), embora de forma mais flexível, vivenciamos os encontros em quatro momentos: *iniciação*, quando escolhi como

³⁸ Mesmo pensando em deixar os interlocutores mais à vontade durante a produção, vemos que a entrevista narrativa conta com um disparo aberto que não o deixa de todo livre, uma vez que direciona e mobiliza o interlocutor para a reflexão sobre o tema de pesquisa (MORAIS; PAVIANI, 2009).

tópico mobilizador a explicação das motivações que me levaram àquele espaço e que despertaram em mim o interesse sobre o tema homens e masculinidades e a explicação dos procedimentos da entrevista, buscando tirar dúvidas e deixar livre a narração.

Na iniciação, então, busquei explicar os objetivos da pesquisa, tal qual posto do TCLE e esclarecer, na medida do possível, os questionamentos que surgiam, como por exemplo, sobre a duração e sobre a gravação. Falei ainda que eu, junto ao meu grupo de pesquisa e outros inúmeros pesquisadores, entendíamos que os homens precisavam ser escutados e que, eu, particularmente, gostaria de escutar o que eles tinham a me contar sobre o que pensavam sobre as masculinidades.

O momento seguinte foi o da *narração central*, que corresponde àquele em que a narração começa. Para dar início a essa fase, foi feita, como disparo para as narrativas, a solicitação de que nos contassem a história de homens importantes para eles, além da história deles mesmos como homens. Inicialmente não realizei interferências diretas nas falas dos interlocutores, deixando-os livres para desenvolver as narrativas.

Na sequência, na *fase de questionamento*, me dediquei as perguntas sobre o que havia escutado. Fiz, portanto, algumas intervenções na busca por entender melhor os pontos narrados, além de outras mais diretivas como “O que você pensa sobre homens e masculinidades?” que, embora não estivesse inserida naquilo que havia sido pensado para esse momento da entrevista e destoasse um pouco do referencial que estava sendo utilizado, acabou aparecendo em todas elas.

Por fim, na *fase conclusiva* agradei pela disponibilidade e devolvi para os interlocutores a possibilidade de fazer algum questionamento.

As entrevistas ocorreram nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) mais próximas das casas dos interlocutores, no Instituto Papai e na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e tiveram duração média de 50 minutos. Cabe dizer, ainda, que além das gravações autorizadas, foram feitas, durante as entrevistas, anotações no diário de bordo.

4.3 CAMINHOS PARA A ANÁLISE

Assim como pensamos o campo-tema a partir do entrelaçamento com as experiências, entendemos que os processos analíticos não ocorrem como algo ou um momento isolado na pesquisa. A realização das entrevistas, os encontros que acontecem durante essa construção, a

observação no cotidiano e as leituras, são processos que se dão de forma simultânea a análise, influenciando cada passo seguinte. Desse modo foi que, no caminhar da pesquisa, buscamos realizar as entrevistas, logo em seguida transcrevê-las e fazer anotações gerais sobre as primeiras impressões, tornando esse um processo corrente, com a análise já tomando forma³⁹.

Com essa primeira tarefa cumprida, foi dado início a fase das leituras e releituras mais detidas⁴⁰. Esse processo foi repetido diversas vezes, embargado por questionamentos e inseguranças, a fim de encontrar uma forma de sistematizar e analisar mais profundamente o material produzido. Nessa busca, ainda na mobilidade discente fui apresentada à proposta analítica da Análise do Discurso francesa (PÊCHEUX, 1988, 1990; ORLANDI, 1999, 2012; MAINGUENEAU, 1995, 2004).

Antes de falar um pouco mais sobre ela, preciso dizer que a escolha de um caminho para a análise, talvez mais do que a escrita, como eu havia posto na apresentação, foi lento. Foi um processo cheio de idas e voltas, composições e descomposições, marcadas por leituras e mais leituras. Durante todo ele, na posse de um material denso e extenso que fazia tudo parecer interessante, mas também difícil, fomos convocados a novas formas de organização das informações que poderiam ter nos levado a diversos caminhos. Contudo, como não há um manual ou um passo a passo universal que oriente esse momento da pesquisa, nem uma verdade a ser enquadrada em nossos dados, optamos pela criatividade possibilitada pela Análise do Discurso.

Para análise do material produzido, portanto, partimos de uma fundamentação teórica centrada na Análise do Discurso (AD), como ficou conhecida a vertente francesa⁴¹ iniciada no final dos anos 1960, por Michel Pêcheux (1938-1983), então pesquisador da *École Normale*

³⁹ Apesar dessa proposta e prática é importante destacar que reconhecemos que o trabalho de sistematização das análises requer especificidades e embasamento. Com base nisso, optamos por um trabalho com a Análise do Discurso de modo mais detido.

⁴⁰ Nesse ponto da pesquisa contei com a contribuição, ainda no período da mobilidade discente, da professora Patrícia Porchat, com a qual compartilhei as entrevistas transcritas e tive um encontro específico para essa discussão.

⁴¹ O rótulo “Escola Francesa” designa a corrente de análise do discurso dominante na França nos anos 60 e 70. Mais à frente, contudo, a partir dos anos 80, de acordo com Maingueneau (1995), passamos a nos deparar com diferentes análises do discurso na França ou novas tendências francesas da análise do discurso. Diante disso, quando especificamos a vertente francesa, reconhecemos que não existe uma, mas diferentes “Análises do Discurso” que apresentam diferentes orientações de estudo e que, dentre elas, está a proposta por Michel Pêcheux, que nos interessa aqui.

Supérieure (ENS Paris). Pêcheux propunha-se a refletir sobre as questões de sentido que se inserem nas relações entre sujeito, linguagem e história, tomando como objeto o discurso.

De acordo com Brasil (2011), para a proposição de sua teoria, Pêcheux baseou-se em importantes estudos realizados por Canguilhem e Althusser, trazendo uma abordagem distinta do pensar desenvolvido e utilizado na época pela Ciência da Linguagem. Até então, o Estruturalismo, que negava o sujeito e a situação na dinâmica discursiva, assim como a Gramática Gerativa Transformacional, proposta por Noam Chomsky, que enfatizava o valor biológico da linguagem, ocupavam um espaço significativo de discussão em relação aos estudos da linguagem (BRASIL, 2011, p.172).

Discordando desses olhares que vinham sendo empregados, Pêcheux (2010) ocupou-se de tecer críticas à preocupação de se estabelecer uma relação lógica, evidente e direta entre linguagem e conhecimento, propondo que se deslocasse a visão para o sujeito do discurso, em lugar do humano racionalizado. Ou seja, que no lugar da linguagem dita “natural” e de se prender a busca de uma ferramenta válida que levasse a um conhecimento verdadeiro (KRONKA, 2003, p.590), passássemos a compreensão do caráter móvel e instável da linguagem.

Contrariamente a essa visão utópica, de linguagem inequívoca e unívoca, ele [Pêcheux] trabalha com a oposição entre base linguística e processo discursivo, sendo a primeira um sistema comum a todos os falantes (no que diz respeito ao conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas), enquanto os processos discursivos são diferenciados de acordo com processos ideológicos que os determinam. Assim, os processos discursivos, ao se desenvolverem sobre as bases dessas leis, não são expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc, que utilizaria “acidentalmente” os sistemas (KRONKA, 2003, p.590)

De forma similar ao rompimento que teve com as teorias ora mencionadas, a proposta de Pêcheux rompeu também com a Psicologia que se funda na concepção de um sujeito uno e consciente, sobretudo, a Cognitiva, uma vez que com sua teoria desloca o olhar para a subjetividade, e principalmente, para o sujeito, mas não aquele consciente ou qualquer sujeito, como aponta Brasil (2011, p.172), e sim um sujeito específico: o sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia. Um sujeito descentrado, constituído e atravessado pela linguagem, como na Psicanálise.

A análise de discurso surge, então, com a discussão de questões que advogam contra o formalismo hermético da linguagem, questionando a negação da

exterioridade. A linguagem não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais com os estudos discursivos. A linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável. O objeto de apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma. (BRASIL, 2011, p.172).

A AD advém, então, de forma diferenciada e vai aos pouco se configurando como um campo entre a linguística e as ciências sociais. Assim como indica seu próprio nome, como observa Orlandi (2009), ela não trata da língua, nem da gramática, embora ambas lhe interessem, antes, ela trata do discurso, palavra que, etimologicamente, traz em si a ideia de curso, de percurso, de movimento. O discurso é assim, palavra em movimento, linguagem em prática. Por meio dele torna-se possível observar a determinação histórica dos sentidos, não sob uma cronologia, mas a partir de como eles vão sendo inscritos na história, de como vão sendo formulados e do modo como circulam entre o individual e o social.

A análise de discurso jamais será, portanto, um instrumento para a explicação simples de textos ou aplicação modelar de uma teoria (BRASIL, 2011, p.173), uma vez que, sob a singularidade processual da linguagem e tratando dos aspectos inconscientes que atravessam a prática discursiva, toma o sentido sempre como um devir não óbvio ou transparente. Além disso, compreende que entre o que é dito e a coisa falada existe um distanciamento, no qual circulam, por exemplo, as formações discursivas⁴², ditando que o sujeito em si não é origem do dizer, embora questões dele venham à tona.

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está”, o “nunca estará” da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1990, p.8).

⁴² Esse não é um termo próprio de Pechêux. Na verdade, com esse emprego ele faz referência e ressignifica a ideia de formação discursiva desenvolvida por Foucault. Segundo Foucault, haverá uma formação discursiva sempre que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, ou quando, entre os objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade. Formação discursiva remete, portanto, a uma dada formação ideológica. Dessa forma, Foucault diria que o sujeito do discurso traz um grupo de representações individuais a respeito de si mesmo, do interlocutor e do assunto, que abordam, em última instância, outros elementos, uma vez que, no dizer se projeta a ideologia pela qual se é atravessado (ORLANDI, 2012, p.55), ou seja, se projetam formações discursivas. A essa construção Pechêux deu o nome de POSIÇÃO-SUJEITO, que será abordada mais à frente.

Sobre a ideia de formações discursivas, tal qual ressignificada na teoria pecheuxtiana, pode-se dizer que não são estanques, mas sim móveis e passíveis de serem outras ao longo das produções. É a partir delas que o sujeito é considerado. Nesse mesmo sentido, o tempo é definido a partir de uma concepção ideológica, e não cronológica e o lugar é definido discursivamente, não fisicamente. Desse modo, a análise volta-se mais para o evento que se repete do que para os eventos isolados.

Como essa dinâmica parece evidenciar, as formações discursivas têm um caráter heterogêneo no discurso; não se trata da transmissão de informações em um processo linear e sequencial, mas da mobilização de discursos por meio de assuntos e posições ideológicas contextuais. Nesse ponto, Pêcheux fala sobre posições-sujeito (PÊCHEUX, 1988), ou seja, que o sujeito não é um, mas comporta distintas posições-sujeito, variantes conforme as formações discursivas e ideológicas na qual se inscreve. O sujeito se constitui, portanto, em posições-sujeito, um objeto imaginário que ocupa espaço no processo discursivo (BRASIL, 2011, p.174). Para a AD, o que é levado em conta, no que se refere ao sujeito, não é, então, o conhecimento que possivelmente se tem das regras da língua, mas o que escapa a essa lógica: o fato de que cada um, na relação entre o que diz e o que já foi dito, enuncia posições ideológicas e subjetivas.

Na AD, tal qual construída por Pêcheux, percebe, pois, que a semântica que circunda os discursos evidencia a existência de um sistema de restrições ao qual eles estão submetidos⁴³. Dessa forma, o sujeito do discurso não pertence si, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que determina sua produção discursiva, assim como o determina. Dito de outra forma, para a AD o indivíduo é convocado como sujeito por identificação com determinada formação discursiva, geralmente dominante, ficando sobredeterminado pelo instituídos. Assim, ele não é origem do sentido, ele significa, constituindo-se na relação com o outro.

O sentido empregado por cada interlocutor resulta, então, de sua inscrição em uma formação discursiva. Pode-se dizer a partir disso, que a especialidade da teoria de Pêcheux se centra no campo do sentido, e não na constituição de uma teoria gramatical da língua, sendo o sentido, antes um efeito do que uma entidade prévia que se daria a conhecer originalmente pela língua. E assim, afirma Pêcheux, é impossível a pretensão de “analisar um discurso como um texto” (2010, p.78), é necessário remetê-lo a um conjunto de discursos possíveis, atentar para a

⁴³ Neste ponto podemos vislumbrar Butler (2013), também inspirada por Foucault, em sua discussão sobre os atravessamentos dos discursos sociais institucionalizados e privadores nos sujeitos.

história na língua e para tríade formada entre língua, sujeito e história na constituição de discurso. “O discurso é material simbólico, é janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia” (BRASIL, 2011, p.176).

Foi com essa ideia, que em contato com as produções percebemos algumas questões que se colocavam nas narrativas produzidas abrindo-nos um primeiro espaço para a criação de quadros analíticos gerais a partir do que se repetia. Com as entrevistas impressas, em um trabalho manual, portanto, montei quadros que desorganizaram as ideias e ampliaram as possibilidades de análise, e assim, do pouco que meus olhos me permitam ver nos primeiros passos, passei a enxergar um mundo à minha frente.

As sistematizações foram feitas por meio da construção de um quadro para cada colaborador, como o posto abaixo:

COLABORADOR:			
Inspirações			
Masculinidade			
Ser homem			
Família			
Sexualidade			
O que escapa			

Quadro 1 – Quadro analítico para as entrevistas individuais

4.4 SOBRE A QUESTÃO ÉTICA

Pesquisar e escutar são processos que alcançam mais do que um registro escrito ou gravado e pedem o cuidado e o respeito para com aqueles que dividem conosco suas histórias de vida. Foi com esse pensamento, que junto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) levei também, para cada um dos momentos de observação e de entrevista, o cuidado em minha fala, seja na escolha das palavras ou no esclarecimento sobre

como a entrevista seria realizada e de que forma, onde e quando eu utilizaria as informações que me estavam sendo concedidas.

A escolha por seguir esse caminho diz respeito a adoção de uma “ética dialógica” (SPINK, 2000) pautada no compromisso com a pesquisa e, portanto, com todos aqueles que colaboraram com ela. Essa atenção compreende uma relação de responsabilidade com o outro, não apenas através de documentos, embora reconheça a relevância de cada um deles para a garantia dos direitos dos interlocutores, mas através do prezar pelo bem-estar e pela integridade de cada um.

De toda forma, a pesquisa foi realizada em conformidade com os aspectos éticos que ancoram o projeto mais amplo no qual está inserida, intitulado “*Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde*”. O protocolo desse projeto mais amplo foi deferido pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco sob CAAE 33295914.5.3001.5208, documento no qual está exposto que ela atende aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos baseado na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, o que acoberta a execução do trabalho que realizamos (ANEXO A).

Com base nesse documento, acertamos que os entrevistados deveriam ter idade mínima de 18 anos, com livre esclarecimento e autonomia legal para responder por si. Além disso, para as entrevistas, acertamos que seriam passadas todas as informações aos interlocutores, desde os interesses da pesquisa até qualquer outro ponto que fosse questionado, com abertura para esclarecimentos e interrupções em qualquer etapa, respeitando a todo momento o direito de não responderem a qualquer questão que lhes causasse desconforto.

Foram consideradas, então, as três estratégias enumeradas por Spink (1999): *consentimento livre e esclarecido*; *garantia do anonimato*, assegurado pelo Termo de compromisso assinado pela responsável pela pesquisa mais ampla (ANEXO B); e *resguardo das relações de poder abusivo*, este último objetivando uma relação de confiança não hierárquica entre pesquisadora e participantes.

4.5 SOBRE ELES. SOBRE CADA HOMEM.

Como já descrito, fomos ao encontro dos nossos interlocutores a partir da rede de conhecimentos possibilitada pela pesquisa mais ampla desenvolvida em parceria com o Instituto Papai e com o GEMA. A escolha por conhecer e chegar até eles por esse meio, acabou

superando aquilo que supusemos ser possível, nos lançando a outros espaços, como os lares da comunidade, além de variados meios de sociabilidade.

Ainda inserida no contexto da pesquisa mais ampla, mas já de posse dos contatos telefônicos que haviam sido compartilhados comigo por eles mesmos, nos grupos focais, de forma voluntária, fiz as primeiras ligações. Antes de detalhá-las, é preciso esclarecer, novamente, que foram realizadas 5 (cinco) entrevistas narrativas com 5 (cinco) homens residentes no bairro da Várzea, em Recife/PE. Quando ainda estávamos pensando em como seriam os encontros percebemos os diversos marcadores com os quais teríamos que lidar. Escutaríamos homens de faixas etárias diferentes, que moram em diferentes regiões da Várzea, dada a sua amplitude, e que vivem e convivem com microculturas diferentes dentro de um mesmo espaço geográfico. Além disso, nos depararíamos com marcadores de raça diferenciados, sendo apenas o de classe, inicialmente, semelhante.

A princípio essas questões pareceram uma grande muralha que teríamos que escalar para a análise das produções. E de fato, esse não foi um trabalho simples, mas embora fôssemos limitados, buscamos fazer aquilo que se mostrava e dispunha ao nosso aporte teórico e metodológico. Sobre isso, gostaria ainda de dizer que não era possível a mim deixar de fora a minha formação e, portanto, ignorar o olhar e a escuta psicanalítica que me marcava. Dessa forma, juntei meu material com a minha disposição e fui aos encontros pronta para escutar tudo, na tentativa de escutar alguma coisa. Eu estava disposta a viver cada um daqueles momentos a partir deles mesmos e não apenas dos nossos planejamentos prévios. E assim fui ao encontro de cada colaborador, um a um.

A primeira entrevista narrativa aconteceu com Francisco⁴⁴, na UBS de Brasilit. Nós já havíamos nos encontrado em momentos anteriores, tanto na aplicação dos questionários, como no grupo focal, ambas etapas concernentes a pesquisa mais ampla, de forma que logo ele me identificou ao telefone e se prontificou para um encontro no dia seguinte. Começar as entrevistas por alguém que eu já havia visto antes foi interessante, sobretudo porque eu já havia escutado algumas falas dele e não me senti, assim como não fui posta, no lugar do desconhecido.

Encontrei Francisco, um homem de 59 anos, em uma tarde de fevereiro (03/02/2015) e o momento foi bem-humorado. Apresentando todo o afeto que tem pelos seus cães, curiosamente

⁴⁴ Todos os nomes utilizados para fazer referência aos colaboradores são nomes fictícios. O uso dessa estratégia visa garantir o anonimato.

nomeados de papai, mamãe, painho e mainha, ele falou sobre a importância do sentimento de pertencimento a família. Partindo desse ponto, ele falou dos filhos e afirmou “*Importante para mim são os meus meninos, e macho, só os meus cachorros*”. Francisco falou ainda, sobre o quão prazeroso foi poder sentir os filhos e os netos em seu peito quando ainda eram pequenos, apresentando um primeiro significativo para a masculinidade – a afetividade.

Apesar disso, Francisco, de todos os entrevistados, foi o que mais associou masculinidade ao sexo, ainda que tenha feito uma divisão. Há, para ele, além do lado sexual e corporal do homem, um outro, o da sensibilidade que, como disse, não faz dele homossexual. Durante a entrevista, Francisco buscou localizar sua masculinidade a partir de fatores que reafirmavam sua virilidade, embora que, no fim do encontro, expondo seu lado místico e espiritualizado, ele tenha concluído dizendo que “*Espírito não tem sexo, então isso tudo que eu falei não existe*”.

Logo após, veio o encontro com Rafael, um homem de 18 anos. Diferentemente de Francisco, eu não o havia ouvido, nem visto, em nenhum outro momento. Como a aplicação dos questionários foi dividida por setores⁴⁵, ele acabou não ficando naquele pelo qual eu estava responsável e, embora tenha participado de um dos grupos focais, eu não estive presente no momento do seu desenvolvimento.

O agendamento dessa entrevista aconteceu de forma diferenciada, com início através de um contato pelo facebook. Deixei uma mensagem para Rafael perguntando sobre sua disponibilidade e ele prontamente apontou os dias seguintes. Marcamos, então, a entrevista para o outro dia (04/02/2015), pela manhã, no Instituto Papai.

Até então, eu não sabia que Rafael havia passado por uma formação realizada pelo Instituto sobre relações de gênero. Esse foi um dado interessante e que pôs em evidência a importância e os efeitos do diálogo e do rompimento com os instituídos propagados nos discursos que mais segregam do que agregam os sujeitos. Falando um pouco mais sobre o que foi posto por Rafael, o que parece é que ele não compra o discurso hegemônico. Interpelado ao

⁴⁵ A pesquisa mais ampla seguiu uma metodologia censitária para definição dos territórios e dos interlocutores da pesquisa. Ou seja, ela tomou como referência os setores censitários determinados no levantamento do IBGE, para definir, por meio de sorteio, quais as regiões da Várzea seriam percorridas pelos pesquisadores durante a aplicação dos questionários. Para esclarecer melhor, os setores censitários são áreas geográficas definidas pelo IBGE de acordo com critérios de operacionalização da coleta de dados, de tal maneira que abranjam uma área que possa ser percorrida por um único recenseador em um mês e que possuam em torno de 250 a 350 domicílios, no caso de áreas urbanas.

longo de sua vida pela questão “*Né homem não?*”, reforçada diariamente pela sua família, ele escapou tomando um casal e a divisão de tarefas como referência frente ao que lhe era imposto. Diferentemente dos demais, Rafael separa identidade gênero do desejo sexual, adentrando na lógica butleriana da intelegibilidade dos gêneros tidos como não-inteligíveis, de forma que um não surge como condição de coerência para o outro. Ele consegue, então, se livrar e/ou ressignificar as imposições de gênero, que se mostram, em seu caso, não necessariamente castradoras.

Em seguida, no mesmo dia a tarde, encontrei Carlos, na US de Cosme e Damião. Eu havia ligado para ele uma semana antes, quando ele sugeriu que nos encontrássemos na quarta-feira seguinte. Assim como Francisco, eu já tinha ouvido algumas falas de Carlos que haviam me chamado a atenção durante os grupos focais. Tímido, mas bem falante, ele me contou não apenas sobre a história de homens importantes em sua vida, mas sobre como vem se fazendo importante na vida dos “irmãos” da Igreja e dos seus filhos, entrelaçando esses fatos a outros que o marcaram.

Durante a entrevista, Carlos, um homem de 41 anos, após contar que havia tido um relacionamento homossexual, mas que isso teria ficado no passado, visto que hoje é casado com uma mulher e assíduo no contexto evangélico, desenvolveu sua fala no sentido de expor a normalidade do ser homem, trazendo a paternidade como um fator que restituiu o seu lugar de homem “normal”. Carlos deixou à mostra sua constante busca por se adaptar a lógica dos estereótipos relacionados às masculinidades tradicionais, embora, como sinaliza Butler (2013), algo escape nessa reprodução. Carlos dividiu comigo, ainda, sua identificação com a filha, o que o teria permitido sentir desde os sintomas que envolveram a gestação dela, como enjoos e contrações, até suas atuais cólicas menstruais.

É interessante que ele buscou pontuar a sensibilidade e a “fraqueza” nos homens de forma insistente, seres “*muito mais fracos do que as mulheres*”, e defender-se ao expor que desempenha todas as suas atividades no âmbito privado, sendo responsável pelos afazeres domésticos e cuidado dos filhos, enquanto sua esposa vai trabalhar no espaço público.

No dia seguinte (05/02/2015), encontrei Bruno, um homem de 24 anos, que se identificava como “homem homossexual”. Até o dia da entrevista, eu não havia escutado nenhuma fala dele, apenas trocado algumas informações para o agendamento através do WhatsApp. O encontro aconteceu pela manhã na UFPE. Logo em sua primeira colocação,

Bruno trouxe a figura do seu pai como exemplo de uma masculinidade autoritária e vazia, e afirmou não querer ser da mesma maneira. Hoje, na fase adulta, não o seu pai, mas o seu namorado, é sua referência para masculinidade – *“Ele é confiável e cuidadoso”*.

Assustado, palavra que ele mesmo empregou, com a figura masculina que criou em sua fantasia com base na imagem paterna, ele disse: *“Minha masculinidade não é essa”* e completou, *“Talvez eu não saiba falar sobre masculinidade, porque meu referencial de masculinidade foi a minha mãe”*. Retirando a mulher do lugar de objeto, sinalizado, segundo ele, pelo pai, Bruno traz à tona a lógica de que a diferença sexual está na linguagem, naquilo que é dito sobre os corpos, ou seja, no discurso e não na anatomia; na lógica do papéis e não nos gêneros.

Por fim, encontrei Pedro, um homem de 19 anos, na mesma manhã em que encontrei Bruno, só que no Instituto Papai. É interessante que, assim como Rafael, ele havia passado pela formação feminista realizada pelo Instituto Papai em sua comunidade e trouxe à tona, em suas falas, os efeitos do que foi aprendido. O contato foi feito via WhatsApp. Combinamos o horário e o local mais conveniente para ele, dado a sua condição financeira que estava dificultando, inclusive, a tomada do ônibus. Aproveitamos, então, o momento em que ele viria próximo ao Instituto passar o dia com a namorada.

No encontro, aparentando nervosismo, como registrei em meu diário de bordo, Pedro chegou sorridente e logo se ocupou de agradecer pelo convite, dizendo que estava se sentindo importante por poder falar sobre sua história e sobre o que pensa a respeito de ser homem. Logo de início, ele falou sobre sua namorada e pontuou que seu modo de ser com ela, bem como com seus amigos, é diferente do que fazem outros homens, o que, segundo ele, contraria o pai e o ideal de masculinidade que lhe é apresentado diariamente. Ao tocar nesse assunto, ele narrou sobre o seu pai e o posicionamento deste, que havia tentado lhe ensinar que namoro sério atrasa o homem e que ser homem é beber e pegar mulher.

É interessante, ainda, a forma como ele constrói e divide suas angústias apresentando questionamentos que fez a si mesmo sobre homossexualidade ao longo da vida. A esse respeito, Pedro contou sobre como foi buscar por algo que confirmasse para ele que não era homossexual e que o fizesse ser aceito como homem segundo um modelo imposto como “natural” e obrigatório para sua masculinidade. Para provar ao outro o seu “ser homem” e conseguir lidar com isso, ele recorreu ao uso do álcool e às saídas constantes a partir dos seus 5 anos.

Atualmente, isso não é mais uma questão e o que ele sonha é em ser engenheiro e ajudar financeiramente a mãe em casa.

Pedro finalizou, então, com a frase: *“acho que minha masculinidade é ser quem eu sou [...] eu luto pelos meus direitos, isso é ser homem, tá entendendo? As mulheres também são mulheres por lutar pelo direito”*..

Organizamos algumas dessas informações sobre nossos interlocutores no quadro síntese que segue.

Nome	Idade	Cor	Estado Civil	Ocupação	Identifica-se como
Francisco	59	Parda	Divorciado	Mecânico	Homem heterossexual
Rafael	18	Parda	Solteiro	Estudante	Homem heterossexual
Carlos	41	Negra	Casado	Dono de casa	Homem heterossexual
Bruno	24	Branca	Solteiro	Estudante	Homem homossexual
Pedro	19	Parda	Solteiro	Estudante	Homem heterossexual

Quadro 2 – Quadro síntese com informações sobre os homens colaboradores.

O que percebemos, ao longo de todas as falas, é que ser homem ou tornar-se homem corresponde a saber, com base em um imaginário social construído ao longo dos anos, quais comportamentos adotar no tempo em que se está inserido. Assim, historicamente falando, mesmo que haja um conjunto de delegações majoritárias, convém falar em masculinidades que convivem, que têm pontos de divergência e que são afetadas pelas instituições e pelos instituídos.

O que percebemos também foi que todos os sujeitos, embora atravessados por essa lógica socialmente instituída, subjetivam de forma singular a masculinidade, nos conduzindo as masculinidades. Daí falarmos em “subjetivação”, conforme pusemos no título da dissertação, como as formas através das quais cada sujeito reflete, delineia e maneja suas questões, ou seja, como os modos através dos quais são compostas as maneiras de existir, incluindo-se aí a forma como se deixam tomar e como processam e reproduzem as formações discursivas. Segundo

Mansano (2009, p.113), a subjetivação pode tomar as mais diferentes configurações, cooperando para produzir formas de vida e de organização social diferenciadas, flexíveis e em constante transformação.

5. “NÉ HOMEM NÃO?” – ADENTRANDO NAS NARRATIVAS E ANALISANDO OS DISCURSOS.

A principal questão que permeia as análises que resultaram dos nossos encontros, embora não seja a única, refere-se a pensar a produção de masculinidades frente ao que é dito sobre ser homem na sociedade, visando ir ao encontro daquilo que escapa e/ou que faz sentido para cada sujeito. Baseando-nos na análise do discurso da linha francesa (PÊCHEUX, 1990), a questão aqui não é ver quem é o que, mas sim, analisar a produção de cada um dentro do leque de possibilidades. É nossa intenção pensar como estas duas nuances discursivas – as masculinidades hegemônicas e a produção das masculinidades de cada um – se relacionam e se ancoram em “dispositivos ideológicos” (ORLANDI, 1996) que afetam as posições-sujeito e as produções de sentido dos nossos interlocutores.

“Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (ORLANDI, 2009, p.26). Os sentidos, como discute Pêcheux (2008), vão se constituindo a partir dos deslizamentos empreendidos pelo sujeito do discurso, inserido em um contexto e banhado por certa ideologia. Dessa forma, não se pode compreender o discurso por meio de significados isolados e termos específicos, antes, “há toda uma margem de não ditos que também significam” (ORLANDI, 2009, p. 82).

Nas narrativas que analisamos abaixo, vimos muitas possibilidades entre ditos e não-ditos. Foi assim que, mergulhados no processo e envolvidos na missão de identificar e reconhecer o sujeito do discurso, acabamos por ressignificar certas *verdades* que supusemos saber ou estar vendo através do resgate de dizeres e práticas sociais comuns e da atenção à maneira como nos diziam as coisas, como agiam em relação aos elementos e ao modo como silenciavam a respeito de algumas coisas.

Foram vistas muitas diferenças, o que certamente está ligado às experiências subjetivas de cada um, inclusive às nossas, e as formações discursivas que nos produzem. Como Pêcheux (2008, p. 18) explica, o discurso só tem sentido para um sujeito quando ele reconhece aquele dizer como pertencente à determinada formação discursiva: “Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente”. Para entender o

que é dito, portanto, é necessário estar ciente das condições de produção daquele discurso. Reconhecer quem fala, os conceitos expostos no que é dito ali (MOURA, 2014).

Notamos, em diversos trechos e momentos, as formas como os discursos de gênero são construídos, sócio-historicamente, como os efeitos de sentido reiterados, fortalecidos e impostos para a manutenção do poder. Ao mesmo tempo, contudo, foi possível identificar e sentir produções de novos e diferentes discursos. Discursos repletos de significações que ganharam sentido por estarem inseridos em um contexto. Que contexto? O atual, o do bairro da Várzea, além dos contextos subjetivos dos encontros. Afinal, o discurso é isso: uma prática mediadora entre o homem, o outro e uma realidade possível. É um movimento e não uma propriedade particular, como diz Orlandi (2009). As palavras não são só nossas, elas significam pela história, pela língua e no encontro. O que é e foi dito em outros lugares também adquire significado próprio: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2009, p. 31).

Afetados pelo que foi dito e pelos não-ditos também, adentremos nas narrativas, numa tentativa de análise.

5.1 FRANCISCO – “ESPÍRITO NÃO TEM SEXO, ENTÃO O QUE EU FALEI NÃO EXISTE”.

O encontro com Francisco, assim como as narrativas produzidas ali, foi permeado por risos e algumas ironias, além do insistente questionamento “*tu queres mais?*”, as voltas com o que era possível ser falado, ainda que ele mesmo quisesse mais, pois prosseguia, algumas vezes, sem qualquer indagação de minha parte, adentrando nos mais variados assuntos que lhe tocavam.

Curiosamente, após o pedido de que me falasse sobre a história de homens importantes em sua vida, Francisco começou a falar sobre sua infância, nomeada por ele como tendo sido complicada. Nessa trama, as primeiras referências feitas por ele foram: sua *bisavó*, em contraponto a uma *mãe* controladora que o rejeitava e a um *pai* ausente, que o havia abandonado.

Fui sozinho. Rejeitado por pai e por mãe (ar de riso). Quando minha bisavó morreu, eu fiquei sozinho. Aí daquilo ali, começou, aos trancos e barrancos, mas até eu completar 17 anos. Eu queria ir para São Paulo, mas aí a velha, que no caso seria a minha mãe, que sempre me rejeitou, ela fez tudo para proibir de eu ir. Quer dizer, passei a ficar morrendo e juntando burro. Ela não queria

eu distante, para que eu não ficasse, acho, que eu não ficasse perdido, né? Ela queria ver eu perto, né? Saber onde eu taaava (enfático). [...]

Interessante, antes de prosseguir e adentrar um pouco mais nas discussões sobre masculinidades, é atentar para a significação diferenciada que Francisco atribui a palavra “rejeitar”. A mãe sempre o rejeitou, mas o queria por perto. E mesmo tão próximo, ele foi um *cara sozinho*, que tinha como referência a bisavó, primeira pessoa posta por ele como importante.

Fui um cara sozinho, o mais velho da família. No caso, eu trabalhava, mas sempre para casa. Nunca gostei de dinheiro, porque não traz felicidade, mas ninguém consegue viver sem ele, né? Mas eu não gosto não de dinheiro não, porque minha avó, minha bisavó, ela nunca gostava. E olhe que ela teve muitos filhos e eu era, dos bisnetos dela, o xodó. É! (risos) É aquele negócio, quando é criado com vó não é xodó, né? Pois eu fui o da minha bisavó. Mas ela morreu e meu castelo, pow. Aí eu perdi a vida, fiquei com essa mulher [ex-exposa], a pulso praticamente, né?

Quando Francisco ia falar um pouco mais sobre o assunto, fomos interrompidos pela agente de saúde da UBS a procura de agendar uma consulta médica para ele. Ao que anotei no diário de bordo, a situação se delineou sob um posicionamento de galanteio, cheio de ironia e apostas em uma masculinidade representada pelo homem que “vai à caça”.

Durante o encontro com Francisco, logo no início, quando ele falava sobre a morte de sua bisavó, fomos interrompidos pela agente comunitária de saúde, com fins de agendar uma consulta para ele. A agente perguntou o nome completo dele e ele respondeu: “Francisco, sua paixão” e soltou um beijo. A agente respondeu bruscamente: “Francisco de quê? ”, ao que ele respondeu “Dos Santos, que é só para contrariar”. Neste momento ele sorriu e disse: “Ela me ama”.

Esse acontecimento me remeteu de imediato à música “Homem com H”, de Ney Matogrosso, que diz, “*Eu sou homem com H. E com H sou muito home. Se você quer duvidar, olhe bem pelo meu nome...*”. Através do uso e dos desusos que faz do seu nome, Francisco brinca com uma masculinidade hegemonicamente sexualizada, ativa e obrigatória.

Momentos depois, registrei uma nova interrupção da agente de saúde. “A agente de saúde nos interrompeu novamente quando Francisco falava sobre o relacionamento com sua namorada atual, para solicitar uma assinatura, e ele a recebeu da seguinte forma, mais uma vez: - *Oh, minha paixão!*”. Não poderia deixar passar aqui o meu marcador mulher, que para além de uma questão orgânica culturalmente interpretada, foi a minha posição. Nesse sentido, ocupando esse espaço, estive atenta a materialidade que circundava o contexto e me deparei

com os olhares de Francisco direcionados a mim, buscando uma aprovação de sua masculinidade autenticamente galanteadora, firmada, inclusive, no abraço que me pediu no fim da narrativa⁴⁶.

Mais do que ele mesmo, Francisco representava ali uma série de discursos implícitos. Ele representava e repetia a ideologia que produz, além das normativas de gênero, a virilidade como algo imanente ao homem. Como afirma Kohn (2014, p.323) a virilidade é construída, e como complementa Badinter (1993, p.4), ressoando Butler (2013) aos nossos ouvidos, ela “corre sempre o risco de apresentar defeito”. Dito de outra forma, algo falha nessa lógica de que *verdadeiramente homem* é aquele que está a altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra, buscando glória e distinção na esfera pública (BOURDIE, 2003, p.64).

Podemos ir ainda um pouco mais além. Podemos tomar a psicanálise e falar, por parte de Francisco, de um alimento ao gozo⁴⁷ do ser macho e do “ser homem com h” por meio da repetição, e conseqüentemente, da fantasia do reforço à ideia de dever cumprido, ao acreditar responder a questão originária “*o que é que o outro quer de mim?*”, com um sonoro e falho, “*quer que eu seja macho*”.

Seguindo na narrativa, Francisco passou a nos contar sobre a relação que tinha com essa mulher, sua ex-esposa, com a qual viveu “a pulso”.

Aí eu perdi a vida, fiquei com essa mulher a pulso praticamente, né? E tentando construir minhas coisas, mas aí eu assentava um tijolo, quando chegava no dois, ela derrubava. Mas eu insisti, insisti e consegui morar com ela ainda 10 anos. Nesses 10 anos eu fiz o seguinte, quatro anos eu morava com ela, fazendo tudo. Depois passei mais dois anos só estudando ela. Estudando o comportamento, o que ela tava fazendo comigo. Aí depois passei mais quatro anos para deixar ela. Fazia o que ela queria, sem interferir em nada. Ela queria fazer as coisas eu deixava. Até que chegou um momento que ela disse uns

⁴⁶ Conforme registrei em meu diário de bordo: “Após o término da entrevista, Francisco apresentou seu ‘lado’ mediúnico, reforçando sua colocação feita durante a narrativa, de que era católico de coração e espírita por necessidade. Ele perguntou sobre mim. Afirmou que houve coisas que não puderam ser ditas pelas energias do ambiente, referindo-se a ‘mente parada’ do estudante que acompanhava a entrevista. Além disso, disse que havia sentido um peso em minha cabeça, por terem surgido na fala dele coisas que não se encaixaram e por não terem surgido coisas eu esperava. No entanto, disse que me aliviei, porque mesmo com isso, outras coisas bateram. Disse, por fim, que não podia me deixar sair dali angustiada e me pediu um abraço, levantando-se e se encaminhando em minha direção, assim como o fez com Rodrigo, estudante que me acompanhou. Foi quando, após escutá-lo, o encontro foi encerrado definitivamente e eu agradei pela disponibilidade à entrevista”.

⁴⁷ O uso comum do termo gozo faz dele sinônimo do prazer. Lacan, porém, se opõe a essa ideia e considera gozo, tanto como um excesso insuportável de prazer, como uma manifestação no corpo que traga sofrimento. “Eis porque podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer – não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo” (LACAN, 1992, p. 81).

negócios que eu não gostei, aí eu disse: - “Vou deixar você!”. Mas como tinha menino, ela disse: - “Você nunca me deixa!”. E eu disse: - “Deixo, ah, eu deixo (risos). Deixo, porque eu tenho o guia lá de cima e eu sempre acreditei nEle”. E aí, quando meu último menino fez 18 anos, eu deixei. E aí, eu passei a amar os cachorros. Adoro aqueles cachorros! (risos) Eu já estou vivendo com eles já faz uns 25 anos. Não gosto, é [...] de falar nela, porque ela é falsa, mentirosa e quando a gente fala de uma pessoa assim a gente se mistura com ela. Eu sou aquele cara que não gosta de mentira. Fui criado na verdade para suprir ela. Sou espírita por necessidade e católico de coração.

Nessa relação conturbada, em que Francisco se coloca como tendo sido forçado por sua mãe a ficar, e na qual se manteve por tantos anos, houve um episódio de agressão física.

Mas aí eu me invoquei com ela, porque eu queria vender[referindo-se a casa na qual vivia com a ex-esposa] para me separar e para sair daí. E ela, como algumas pessoas contam dela, ela disse que não queria vender. Mas eu disse que eu posso, porque eu que fiz a casa, dei essa parte para você. Ela fez o mesmo julgamento da velha, queria que eu ficasse lá. E o pior é que se chegasse uma mulher lá perto de casa, ela botava para correr. Aí foi ruim, foi quando eu peguei um ar com ela e tive uma briga com ela. Nunca tinha agredido e sempre levava a fama de que tinha agredido ela quando eu nunca agredi ela. Mas por três vezes ela interferiu nessa parte que eu queria da minha casa e já interferia nessa parte que as mulheres chegavam lá em casa, as amigas, né, aí ela botava para correr. Mas, quando ela interferiu na casa, eu [...] Ninguém é de ferro, né? (risos)

Continuando a falar sobre isso, Francisco disse:

Um homem nunca bate em uma mulher, agora se ela desafia muito ele, tem que dar umas porrada (risos). Eu sou assim. Eu nunca bati em uma mulher, agora dei uma vez, porque ela me pediu e eu deveria dar. Aí eu dei-lhe umas bolachada. Ah, eu dei e não pedi desculpa, porque quando você erra você não deve pedir desculpa. Nunca peça desculpa, corrija o erro. Entendeu? A gente nunca deve pedir desculpa. E nunca deve dizer assim: - “Eu não quero!”, diga assim: - “Agora não, depois”. As vezes a pessoa lhe oferece um pedaço de bolo, você deve dizer: - “Agora não, depois”.

Algumas autoras feministas (SCOTT, 1993; SAFFIOTI, 2003; STREY, 2004) discutem, ao abordar a violência de gênero, por exemplo, nos casos dos homens que agredem a companheira, que “uma das grandes questões na dinâmica das relações entre os sexos está não somente no fato de as desigualdades serem colocadas previamente, mas de poderem ser construídas”. Parece que Francisco construiu uma justificativa para as agressões, dentre elas, ter sido levado ao limite, ter sofrido interferências com relação a entrada de outras mulheres em sua casa e ter sido desafiado quanto a venda dela. Essas coisas acabaram por conduzir ele a

afirmação, cheia de verdades próprias, de que a mulher pediu a agressão. Dito de outra forma, talvez ela soubesse que ser homem é isso, então, *ela pediu e eu deveria dar*.

Sobre isso, sabemos, como já trouxemos em outro momento, que os homens não são natural e inatamente violentos, como costuma ser dito, mas aprendem a ser. A questão é que, mesmo não sendo natural, às vezes é tomado como tal. Podemos, novamente, ir um pouco mais além na discussão entre o que me dizem que é ser homem e o que eu consigo ser, na dinâmica entre o desejo subjetivo e a minha relação com o outro que demanda de mim um ser “normal”, ou melhor, “normativo”. Embora cada homem ou mulher possa contestar os mandatos sociais e se contrapor às convenções fazendo algo diferente, é preciso considerar os instituídos socioculturais que modelam regras e códigos simbólicos e nos convocam a legitimar, e considerar como verdade, a ordenação convencional de gênero, incorporando valores, regras e atitudes que garantem certo lugar de dominância aos homens. Dessa forma, talvez a agressão se trate de um efeito, como discute Butler (2013), visto que essa não é uma característica agregada convencionalmente às masculinidades, nem faz parte da realidade da grande maioria dos homens, embora soe, muitas vezes, como uma autorização dada pelo discurso social ao dominador, ao “chefe”.

Sobre essa distância entre o hegemônico e a maioria dos homens, Connel; Messerschmidt (2013) discutem que a masculinidade hegemônica não necessita mesmo ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha, em parte, através da produção de exemplos de masculinidade, de símbolos que têm autoridade. A questão é, pois, como dissemos, que esses exemplos muitas vezes são tomados como cartas brancas para passagens ao ato que ultrapassam o outro e fazem das relações de gênero arenas de tensão.

Hoje em dia, apesar disso, muitos homens já descobriram que há diferentes maneiras de “ser masculino”, incluindo-se aí exercícios como o de cuidadores, o que dá espaço para subjetivação da paternidade, por exemplo, por vias escapatórias, como a do acolhimento e do afeto, ainda que circundado pela autoridade, como vemos em Francisco.

[Falando sobre os filhos] Nunca quis que eles procurassem andar com quem mentisse, sempre pedi para eles falar a verdade. Mas teve um deles que passou a fumar maconha. Eu tava trabalhando, aí [...] mas nunca bati nele não. Nem a mais velha nunca levou uma tapa. Eu só fazia gritar: - “Boora!”. Eu era acostumado a falar, então no dia que eu gritava bravo, aí ia engrossar, eles pensavam “pai vai engrossar”. Mas sem bater neles.

[Falando sobre o neto mais novo] Ele veve com a mãe lá perto de casa, inclusive eu chamo ele de Iú, porque eu não quero que me chame de vô. Aí ele fica Iú, Iú, Iú! Aí eu gosto dele por causa disso, eu tenho intimidade. Os outro é tudo respeito. Sempre acolhi todos. Quando era pequeno que ia lá pra casa, eu ainda morava na casa, o mais velho dormia tudo em cima do meu bucho. Porque ficava chorando, né? Aí botava assim em cima do meu peito, aí se calava e dormia. Eu gostava disso.

Sobre as brechas que se colocam, a questão talvez seja, como expõe Nascimento (2014, p.96), inspirado em Medrado; Lyra (2008), buscar não por alterações nos modelos hegemônicos de masculinidade, mas sim pelas brechas, fissuras, descaminhos que permitem o engendramento de outros sentidos para o masculino e para a convivência entre homens, e entre homens e mulheres. Através das brechas, que chegam à noção de performatividade, Francisco se subjetiva como um homem afetivo, que dá o peito. Além disso, dentro de sua solidão, podemos supor que as questões “O que é ser homem? O que é ser mulher?”, passem, para ele, nos caminhos de uma ausência, bem mais do que de uma presença.

O afeto de Francisco é comunicado também pela relação que tem com os seus cachorros. Quando questionei novamente se ele poderia me contar a história de algum homem importante para ele, a resposta foi: – *Homem? Ah, eu só encontrei [...] não, não, não, importante para mim são os meus meninos, e macho só os meus cachorros (risos). Eu sou apaixonado pelo meu neto. Ah, esse eu sou apaixonado mesmo.* Quando ouvimos ele falar sobre os cachorros, as formações discursivas que sentíamos pareceram cruzar com tantas outras, desmontar, recolorir e trazer muito do que não havia sido dito, mas apenas representado.

Então, eu não tenho muitos amigos não, tenho colegas, meus amores e meus cachorros (risos). Adoro eles! Você acredita que eu ainda não me mudei daí por causa deles? Não me mudei dessa casa por causa deles. Se não eu já tinha abandonado essa casa aí. Já tinha botado pra alugar, fazer e acontecer. E o pior que eu não gostava muito de cachorro. Mas meu irmão morreu e aí ficou lá um cachorro dele. Chama-se papai. Tá velho, já tá com uns 22 anos, os olhos chega tá fundo. Aí os outros é porque a cachorra chegou ali, pariu, comecei dando de comer e botei para dentro de casa. Saiu nascendo. Chegou uma época que eu tinha 25 cachorros. Tenho a maga, tem mamãe, tem papai, tem painho e tem mainha.

Juliana – E esses nomes?

Francico – Porque é carinho. Nada representa mais do que seu pai, né? Então, você tem aquela afeição por ele.

Juliana – Fale um pouco do seu pai.

Francisco – *Não tem o que falar. Fui rejeitado. Então, não tem o que falar.*

É interessante como das ausências Francisco procurou se dedicar a presença possível, nutrindo carinho pelo pai, do qual não consegue falar, mas que nada representa mais do que ele, e também pela mãe, também remetente do seu afeto. Completando essa ideia, ele disse: “[falando do cachorro] papai, eu sempre gostei dele, porque é o cachorro que eu tenho, um pouco autoritário, entendeu? O macho alfa do meu quintal. Na casa do meu irmão ele era o macho alfa. Quando meu irmão morreu, aí ele foi desprezado, ninguém queria ele, aí ele foi lá pra casa e ficou”. O que chama mais atenção nessa fala é a aproximação que ele faz entre o ser macho, autoritário, desprezado e não ser querido por ninguém. Do macho alfa à solidão, e no meio disso, um carinho e um dedicação grande a esse cachorro.

Parece possível vermos aí, a afirmação de uma posição descontínua ou a noção de *performatividade* se materializando, pondo em cheque aquilo que se acredita como “homem” verdadeiro e escapando ao que se coloca como substância.

Uma nova ideologia ganha contornos – *amar pai e mãe, se sentir pertencente a uma (mat) “ilha”; (fam) “ilia”* – ainda que em sua própria “ilha”, onde é possível estar protegido da rejeição e ser um macho alfa.

No escape, contudo, um retorno.

Eu acho que cada um deve ser o que é, tem que ter muito carinho. Porque uma pessoa quando ela se sente reprimida, oprimida, ela fica recolhida, com mágoa dentro do coração. Tem que estar aberto, saber que pode se expor. Amar, trabalhar e como os direitos são iguais pode até ficar em casa e receber a pensão da mulher, né? (risos)

Do afeto agora ao tom de ironia. Voltamos às discussões de gênero, a inscrição cultural no discurso de Francisco.

Eu tenho quatro cadelas e três cachorros. É porque, geralmente, o pessoal rejeita muito as fêmeas, né? E eu não tenho distinção de raça. No dia em que meu menino nasceu, eu tava lá na maternidade, como era uma maternidade particular, né? Eu sempre fui enxerido, nunca tive nada, mas [...] (risos) A mulher entrava pra se operar, aí o cara: - “Seu fulano de tal!”. E perguntavam: - “É homem ou mulher? É mulher! (risos e imitação de expressão de tristeza). Eu nunca tive isso não. Tanto é que nasceram sete mulheres nesse dia e menino só o meu e outro. Eu só fiz isso (sinal de que estava tudo bem), o meu é menino.

Badinter (1993) discute que a identidade masculina está pautada em uma tripla negação: não ser criança, não ser mulher, não ser homossexual. Assim então, se daria, possivelmente, a

convocação para a afirmação da masculinidade – a negação. “*Eu só fiz um sinal, o meu é menino*”. Ainda que Francisco tenha dito que “não tem distinção com raça”, ao se referir a distinção entre homem e mulher, ele se mostrou aliviado, fazendo um sinal de tudo bem, ao saber que acabara de nascer um menino. Essa situação sinaliza a discrepância ou a desigualdade que se estabelece desde o princípio, e antes dele, nas relações de gênero.

Ainda nessa última fala de Francisco, é possível ver que o jogo hierárquico que considera a posição não masculina como referente, por excelência, ao feminino, comunica um jogo relacional. É no jogo das relações entre os homens, como os que estavam na sala de espera, e nas configurações das masculinidades que se estabelecem nesse contexto, que ocorre o que Kimmel (1997) denominou como “patrulhamento de gênero”, uma vigilância sobre as práticas e discursos que agregam força e reafirmam o modelo esperado de homem, garantindo o atentado àqueles que “não são homens de verdade”.

Outro tema tocado por Francisco foi o sexo, questão que ele associou de forma mais direta a masculinidade e ao que para ele, conscientemente, é ser homem.

Antigamente a gente vivia no meio dos macho, era aquele negócio de macho mesmo (risos). Ou você era ou não era. Então através disso a gente saia pra cabaré, saia pra [...] ah, porque agora é uma facilidade, você vai daqui pra ali tem mulher. Mas antigamente era difícil, a gente saia, ia em São Lourenço, ia pra o centro da cidade. Lá era bom que a gente escolhia. Chegava lá, a gente via umas mulatas, elas ficavam com a gente, dançando e tudo. Teve uma que eu não consegui muito gravar, mas ela entrou na minha mente, foi uma lá de Jabotão, eu não sei o nome dela. Mas ela apareceu assim, parecia mais uma [...] deu aquela coisa por dentro. Sabe que hora era? Era dez e pouca da noite, véspera de ano novo. Eu tava lá em Jabotão enchendo a cara para vir para casa para romper ano. Aí surgiu aquela maravilha, parecia uma santa. Mas aí eu ia para casa da minha família e vim embora. Foi a única pessoa que eu vi assim de relance e realmente mexeu comigo. Mas ela era bonita. Morena. O resto foi mais por impulso. Impulso assim, sair, né? Teve pessoas que gostaram de mim, mas eu não me agradava. Porque o importante é você se identificar com a pessoa. Acho que é isso, a identificação. Acho que não existe no mundo nada pior do que a confiança. Você confia na pessoa e ela trai é a coisa mais horrível. E você está com uma pessoa e não é bem aquilo, não tem contato. E o que é o contato? É o da carícia, do amasso, você sente aquela pele que se apoia na sua. Ah, tive prazer com a minha ex-mulher. Essa me deu prazer. Também, foram quatro anos, e ela foi quase a primeira, aí você tem aquele fogo. Aí pronto, mas em termos de homem-mulher, eu não vejo, foi só por impulso. Sair e aquele negócio, tenho que fazer com essa que eu saio. Sem aquele prazer, aquela vontade de estar com ela sempre. Impulso é aquele negócio, você sai, toma uma cerveja, vê assim, olha, chega perto e diz “ooopa”, conversa, se ela disser sim, vamos simhora! Se ela não quer ela diz, vai-te pra lá! (risos)

O discurso sexualizado de Francisco traz a distinção e, ao mesmo tempo, a mistura entre ser macho, ser homem e ser companheiro. A respeito do que Francisco falou, podemos dialogar com a psicanalista Irene Meler (2000), para quem essa imagem do homem voltado para o sexo e para a atividade está associada ao domínio que é uma marca da masculinidade hegemônica almejada por muitos homens. O custo de se subjetivar a partir desses significantes pode, contudo, levar a angústia, uma vez que embarca o sujeito na busca pela imagem masculina ideal que nunca chega, que falha e falta, como trabalha Butler (2013).

Aos poucos, quando essa ideia que direciona a masculinidade para a potência sexual sofre mudanças, outras coisas parecem começar a ocupar um espaço diferenciado. No caso de Francisco, o dar satisfação às mulheres foi cedendo lugar ao dar carinho do neto, ao toque, ao cheiro e a outras materialidades que envolvem as relações na *idade do macaco*, como ele descreveu.

Eu já tô perto dos 60, já caiu não sei quantos por cento daquilo que eu era, já não tem mais nada. Nós temos assim, eu costumo dizer que nós temos assim: dos 15 aos 30, nós temos a fase do urubu. A gente sai pegando tudo. Dos 15 aos 30. Mas dos 30 aos 40, nós começamos na fase da águia. Não, do gavião. A gente fica lá de cima pastorando as galinhas e os pintinhos. Aí dos 40 aos 50, vem a fase da águia, a gente fica olhando lá de cima, esperando a comida. E dos 50 aos 60 é a fase difícil, é a fase do Condor, com dor aqui, com dor ali (risos). Entendeu? Dos 60 aos 70, já é a fase do macaco, vai começar a fazer gracinha para os netos. Eu tô aqui. Dos 70 aos 80 é a fase do cachorro. Todo mundo saindo, e ele fica dentro de casa. É isso a masculinidade! Vai se acabando aos poucos, gradativamente, né? Se acaba. Esse negócio de o caba dizer que faz e acontece, não faz. Muita gente confia em comprimido. Eu sou meio bruto com essas coisas. Eu acho que o homem tem que ter o combustível, o combustível do prazer. Não é fazer aquele negócio artificial. Tem amigos que toma comprimido. Eu digo: - “É, vai, toma comprimido!”, mas eu não. Principalmente agora, eu tô com essa menina aí e nós passamos duas três semanas, aí dá pra recuperar o gás. Mas antes, quando a gente é novo, é uma fábrica de gás, né? É hormônio, né? Aí tem que gastar esses hormônios, não precisava de Viagra, porque senão [...] Usar só pra dizer que tem, eu não. [...] Ereção é uma coisa, prazer é outra. Ereção você vai só mostrar que tem e ficar ali. E o prazer, onde é que fica, hã? Uma ereção serve mais para mostrar, para mostrar para mulher que é macho, mas e o prazer? Cadê?

A fala de Francisco lembra o conceito de masculinidade hegemônica de Connell (1995), apontados também por Kimmell (1997) e Vale de Almeida (1996). O modelo de referência de masculinidade dele contempla o homem forte, viril e provedor. Falando em provedor, vemos especificamente a ideia de “provedor financeiro” como algo de homens aparecer na narrativa

de Francisco: “[...] eu como pai, eu sempre fui presente. Sempre presente. Eu nunca, nunca deixei faltar as coisas”.

Os parâmetros ora apontados também foram discutidos por Pedro Nascimento (1999), que ressaltou a que a vigência de formas diversas de vivenciar a masculinidade é inegável, no entanto, percebe-se a existência de variadas estratégias para atualizar o modelo hegemônico. É aí, que expressões como “não deixar faltar as coisas em casa”, ou “cumprir com as obrigações” são enfatizadas como troncos para o “verdadeiro” homem, responsável, que bem sabe suprir sua família.

Assim, é que a construção social dos ditos “papéis masculinos” segue apontando, sobretudo para os homens, o espaço público, o trabalho e a manutenção da família (PASCHOAL, 2006), embora, como já vínhamos buscando discutir, seja possível analisar espaços de interlocução que mostram outras possibilidades dentro desses mesmos discursos, a exemplo do que Francisco nos contou sobre a diferença que percebe entre o *macho do sexo (artificial)* e o *macho feminino*, que abre espaço para ele ser sensível:

Esse negócio de ser macho artificial é mais mostrar que tem. Não, sou disso não. Sou curto e grosso (risos). Prefiro dizer que não, do que fingir ter aquilo que [...] Mas que é gostoso é (risos). São apenas alguns segundos que valem por muitas vidas. Eu acho que se durasse mais alguns segundos eu ia morrer (risos). Esse aí é ser macho no sexo, né? Mas o que eu estou falando não é tudo do sexo. De macho o camarada deve também ter aquele lado feminino do companheirismo, de compreender o pessoal, cuidar dos filhos, né? Eu mesmo cuidava dos meus. Nunca gostei de dar banho. Mas limpar eles, dar de mamar. Meu menino gostava. É apenas o lado feminino, um lado frágil, que deve predominar as vezes. Eu costumo dizer que um cara quando ele é macho é macho, mas quando ele tem filho ele vira o maior veado do mundo. Filho é o único que bota no cú do cara e o cara gosta. Eu falo o que vem na boca, né? Eu sou assim. É isso. E quanto mais bota, mais a gente parece veado. E começa tudo a fazer por eles, vai trabalhar, só pensa neles. Sempre acreditei nessa parte da criação. Nunca fazia com a intenção de receber, mas sim de ter aquela gratidão pelo que foi feito. Então é isso, lá em casa cada um fica na sua. Também não fico chalerando se é homem, se é mulher. Aquele tempo já passou, agora o que eu abraço é um neto, dou um abraço, um cheiro. Mas, os filhos não gostam.

Francisco traz à tona uma carga ideológica e histórica que comunica preconceitos e põe o homossexual em um lugar de inferioridade. Contudo, a colocação parece mais uma reprodução daquilo que lhe foi dito, do que a sua crença que embarga na fala que ora mencionamos: *espírito não tem sexo, então o que eu falei não existe*.

A homossexualidade e a figura do “veado”, como coloca Nascimento (2014, p.79), constituem uma referência para os homens, não só pela imagem de desvio da masculinidade hegemônica, mas como um esquema de reforço dela própria. Nesse sentido, Francisco, em defesa da sua masculinidade, ridiculariza os homossexuais, através da ironia, por supostamente estarem mais próximos das emoções e dos sentimentos.

Enfim, como ele mesmo conclui, *“esse é Francisco! Eu retribuo. Se eu recebo amor, eu dou amor. Ninguém mexe comigo, então eu também não mexo com ninguém. Se chega na minha porta precisando, entra-se. Eu nunca quis julgar ninguém pelas suas atitudes”*. Ele finaliza chamando nossa atenção para sua defensiva; para a tomada da masculinidade como um escudo, que em certa medida, o acomoda na mesma lógica que o exclui, com vistas a garantia de inteligibilidade social e pessoal.

5.2 RAFAEL – “NÉ HOMEM NÃO?”.

O encontro com Rafael foi bem interessante, antes mesmo que eu o abordasse, ele se apresentou, sentou, escutou meu agradecimento pela disponibilidade dele, leu o TCLE, assinou e me perguntou se eu já ia começar a gravar. Quando eu disse que sim, ele me fez uma outra pergunta: *você quer que eu fale desde a minha infância?* Eu não podia negar tanta disposição para falar, produzir e compartilhar. Me pus a gravar e escutar, e agora tentarei analisar o muito que me foi comunicado, buscando respeitar a cronologia optada pelo próprio Rafael.

Ele começou tentando me deixar a par da situação com a seguinte indicação: *desde que eu era pequeno, já para você entender melhor[...]*. Foi quando me dei conta de que a partir dali embarcaria em uma viagem junto com ele. Rafael começou nos levando para dentro da família como um todo: *“minha família sempre foi muito machista mesmo”*, e aos poucos foi me apresentando a cada membro: sua avó, sua mãe, suas irmãs e seu pai. Além disso, ele me apresentou ao casal da pastelaria, aos colegas do colégio, aos colegas da rua, a galera do Instituto Papai e a menina que ele achava bonita.

Primeiro veio a sua avó.

Logo quando eu era pequeno eu morava com a minha avó. E eu tinha o que? Uma irmã. Minha mãe tem quatro filhas agora. Quatro filhas meninas e eu sou o único homem. Aí só tinha eu e a minha irmã. Daí ela teve mais uma filha. Antes disso, não tinha muito, com relação a mim, essa coisa de: tu vai ter que brincar de carrinho, tu vai ter que brincar de jogar bola, pião, não sei o que. Eu nunca gostei de jogar bola quando era pequeno, comecei a tomar gosto

quando eu cresci assim, assistindo com meus amigos e tal. Mas a minha avó tinha uma frescura. Eu digo frescura, porque era frescura mesmo, porque ela tinha o costume de dizer comigo: - “Vai brincar de jogar bola com os meninos, não sei o que, ao invés de tá aqui brincando de casinha com a irmã”. Porque a minha irmã gostava muito de fazer uma bagunça lá e tal, ela fazia uma casa lá e a gente começava a brincar, e eu gostava de brincar. De vez em quando ela pegava umas bonecas e eu não tinha brinquedo, eu brincava com as bonecas dela com ela. Aí a minha avó ficava dizendo a mainha: - “Olha, esse teu meniino, tá tomando um rumo meio estranho aí”. Só que não tinha nada a ver, pô, era a única coisa que tinha para brincar com a minha irmã e eu brincava com ela.

Logo depois, me apresentou os seus amigos da rua.

Daí eu comecei a brincar com os meninos e a gente ficava fazendo coisas que se diz assim que é de menino, né? Jogar bola, empinar pipa, peão e tal. Aí quando os meninos me viram brincando com as minhas irmãs, começaram a me chamar de veado, de gay, de bicha, começaram a me xingar de um monte de coisas. Aí eu me senti incomodado e comecei a me afastar, só que eu acho que eu nem pensava nessa coisa direito de “isso era de homem, não vou ficar me juntando com as meninas, me juntar com as meninas vai ser para dar em cima delas, para paquerar, para mostrar a ela que eu sou homem e tal”

Ser homem, mostrar que é homem e sexo. Embora Rafael esteja falando sobre os apontamentos que lhe fizeram quando ele nem pensava ainda sobre as diferenças sexuais, sobre a cultura e sobre o que lhe faria ser julgado, ele delineia um primeiro contorno de uma formação discursiva complexa que traz o homem como aquele que exerce o papel ativo na busca por uma parceira sexual, em uma relação heterossexual, na qual se conquista pela comprovação do seu “ser homem”. Ele traz, então, a ideia de uma masculinidade hegemônica, que desperta o medo de se ver como afeminado, na contramão das definições culturais de virilidade dos homens (KIMMEL, 1997).

Nascimento (2014, p.77) aponta que, de fato, a masculinidade é uma experiência complexa que se constrói coletivamente, permeada por códigos, práticas, discursos e ideologias que são (re)produzidos incessantemente pelos ditames culturais, como aconteceu com Rafael nos episódios com os amigos e com a avó transcritos acima. São por situações como essas, que o exercício da sexualidade heterossexual, o reconhecimento de pares e a “caça” às mulheres, vão resistindo como legitimadores do “homem de verdade”, e aparecem, como nos atesta Michel Bozon (2004, p.29), na maioria das culturas.

Na maioria das culturas a masculinidade é ininterruptamente manifestada através da rejeição a comportamentos femininos ou afeminados, bem como uma

virilidade permanente no desempenho sexual, da iniciação sexual precoce que não deixe qualquer espaço à suspeita da homossexualidade, da comprovada capacidade para procriar, da vigilância ciumenta das mulheres da família e relações com outras parceiras (BOZON, 2004, p.29).

Sobre os efeitos desse sistema ditador dos gêneros, Rafael nos contou:

Aí eles forçam muito a gente a ser machista. É, eles forçam a gente a ser machista. Daí eu acho que isso vai ficando na cabeça da gente e a gente vai achando que tem direito de fazer as coisas, porque a gente é homem, porque a gente sempre põe ordem na casa e tal. Eu sempre via meu [...] meu pai nem passou muito tempo com a minha mãe, mas o tempo que ele passou eu via que ele achava assim, que só porque ele era homem, ele tinha mais direitos que ela e ele podia mandar e ela não. Ela só tinha que fazer o que tinha fazer a mulher: cozinhar, lavar, trabalhar, se for o caso.

Segundo Oliveira (1998), no princípio e durante bastante tempo, os homens não enxergavam como o gênero afetava suas vidas, pondo-se e vendo-se como seres humanos universais e generalizados. Não havia, portanto, questionamentos sobre a condição de homem. Mas diante dessa fala, vemos algumas mudanças. Rafael se questiona sobre a ordem compulsória e desigual dos gêneros e sobre o porquê de as coisas serem como são nas relações humanas.

De acordo Eleonor Faur (2005), estamos sempre vivendo períodos de mudanças nas relações de gênero e nas ideias de masculinidades e feminilidades, embora o ritmo seja diferente em cada sociedade, em cada classe, ou até mesmo dentro de um só grupo. Rafael, por exemplo, põe em cheque os valores masculinos patriarcais, ao mesmo tempo que eles são mantidos dentro do seu contexto familiar. Vemos, assim, a coexistência, por vezes conflituosa, de diversos padrões de masculinidade que tentam ser transmitidos entre as gerações. Em contraponto ao que tenta se manter em sua família, ele nos apresenta um casal que aparece como referência e inspiração.

Eu tinha consciência de que isso era errado, porque eu conhecia um casal lá que é dona R. e seu M. Ela trabalha junto com ele em uma lojinha, lojinha não, em uma pastelaria. É deles o estabelecimento. Aí eu via muito que eles chegavam em casa e, tipo, ele dizia: - R. tu faz o café, eu vou fazendo, sei lá, um cuscuz, alguma coisa assim, pão pra J. J., que é o filho deles. E eles dividiam assim as coisas em casa. Ela varria, ele lavava roupa; ela fazia isso, ele fazia aquilo. Daí eu achava uma coisa bonita assim de se ver, né? Porque na minha rua toda, acho que o único casal que dividia as atividades eram eles. E ele conversava comigo assim sobre isso – “Olha, Rafael, quando tu crescer, tu não tem que achar que tu vai ter mais direito do que tua namorada, tua esposa, tua mãe, não, porque tu vai ter que dividir tuas atividades com ela, não sei o que”.

Porque eu também já vi casais em que o homem fica em casa, o contrário. O homem fica em casa e eu sempre achei isso muito normal.

Apesar do discurso hegemônico se aproximar de Rafael ele faz alguns desvios. Nesse trecho transcrito, por exemplo, ele dá importância ao trabalho, mas sobretudo, a parceria que se estabelece cooperativamente no casal, que em muito difere dos seus pais. Podemos discutir essa admiração de Rafael pelo casal e, principalmente, pela dinâmica entre eles, junto a Montesinos (2002), para quem os jovens nos últimos anos possuem dois grandes referenciais de masculinidade: um ligado ao estereótipo do autoritarismo e também da paternidade, e um outro ligado ao estereótipo que se vincula a transformação cultural e suas novas tendências, o que o autor chama de uma nova identidade masculina, afetiva e emocional.

Como referência última, Rafael toma uma nova tendência. Diferentemente do casal e da transformação cultural, ele contou sobre os seus pais, que antes mesmo do respeito, desempenhavam a lógica concernente aos papéis e implicavam ele no “lugar” de homem de força, coisa que fazem até hoje.

Teve um tempo que eu cheguei a morar com o meu pai, ele é muito machista, mas eu não vou falar sobre ele não. Vou falar sobre lá de casa mesmo, porque eu tenho quatro irmãs, eu moro com mais quatro irmãs. Aí assim, essa coisa de masculinidade, coisa de homem, mainha sempre fez assim: - “O serviço daqui de casa vai ser esse: as meninas vão lavar os pratos, Rafael vai guardar, vocês vão varrer e Rafael vai cortar os matos que estiverem lá atrás, Rafael vai pegar o botijão de água, Rafael vai pegar o carro de mão e vocês, lavar roupa; vocês vão fazer isso, vão fazer aquilo. Aí eu já entrei em discussão com mainha sobre isso assim: - “Porque eu não posso lavar os pratos? Porque eu não posso varrer uma casa e as meninas não podem carregar o botijão?”. - “Ah, porque tu é mais forte”. Eu sou nada, como eu disse, minha irmã é mais forte do que eu, porque ela não podia fazer isso? Aí mainha sempre me tratava assim de um jeito diferente delas, queria que eu fizesse esse tipo de coisa, tipo coisa de homem na cabeça dela. “Coisa de homem é isso. Tu vai ter que fazer isso. Se tu não fizer isso, tu vai ficar de castigo. É isso, tu vai ter que fazer isso. Ela sempre tratou as coisas desse jeito.

A família dele apresenta uma necessidade de demarcar a masculinidade como sinônimo de atividade e ordem, e sobretudo sua mãe, o expõe a definições culturais de virilidade, que segundo Kimmel (1997), perpetuam o poder que alguns homens têm sobre outros e principalmente sobre as mulheres, associando à masculinidade a capacidade de dominação e controle.

Por exemplo, mainha sempre fala lá em casa; ela trabalha de recepcionista de hotel e sempre falava assim: - “Poxa, não sei o que, tem que ter um homem nessa casa, porque senão [...]”. E ela já falava isso pra mim, eu me sentia

atingido porque ela falava assim: - “É, essa casa não tem um homem não, não sei o que, não tem um homem pra trocar um, sei lá”. Tinha coisa que era tão besta, que ela mesma poderia fazer, pegar uma lâmpada e colocar. Daí eu chegava tava todo mundo lá de braços cruzados esperando que Rafael chegasse pra pegar uma lâmpada e colocar. Aí ela sempre falava assim: - “Tem que ter um homem nessa casa, não sei o que, por que se não essa casa vai desabar”. Aí eu olhava para a cara dela: - “Ô, mainha, porque vai ter que ter um homem, eu não sou homem não é?”. Aí ela: - “Tu não é homem não, porque tu não coloca uma lâmpada aqui nessa casa”. Aí eu: - “Caramba, mainha, porque tu não pode colocar uma lâmpada?”. “É assim, meu filho, você acha que eu vou ter que subir aqui, me arriscar a levar uma queda?”. Aí eu posso, porque eu sou homem, eu posso né? - “Mas eu não sei fazer!”, - “Assim, você sabe fazer, é só chegar, pegar a lâmpada, colocar ali e pronto”. Aí ela: - “Não, mas tem que fazer isso, Rafael, porque tem coisa que um homem tem que fazer em uma casa e que a mulher não consegue fazer”. Aí eu: - “Tá bom, mainha, vou entrar em discussão sobre isso não”.

Certamente outras questões vinculadas a mãe de Rafael, tais como a carência, o modo de se relacionar, o lugar que os filhos ocupam em sua economia psíquica, a fazem demandar certos comportamentos do filho. Contudo, essas questões não são nosso foco de estudo. Sobre Rafael e a produção de sua masculinidade vemos que, mesmo a mãe demandando comportamentos padronizados e ligados a confirmação da força, da habilidade e do risco, ele não se conforma a esses entendimentos. Ainda que faça certa distinção sexual em suas falas, ele explica, ao se comparar com a irmã através de parâmetros conhecidamente másculos, que a masculinidade ou o ser homem não é isso. Ele tenta desconstruir dentro de casa o “lugar” que lhe é ofertado, mas no qual ele não se reconhece, pois não o faz mais homem, nem é critério para diferenciá-lo do outro.

Como mencionei em outra parte da dissertação, Rafael passou por uma formação de cunho feminista promovida, em sua comunidade, pelo Instituto Papai. Possivelmente Rafael estava imbuído de questionamentos, como demarca sua fala, por essa fase ter mudado completamente a sua vida e a sua forma de ver as coisas e as pessoas. Uma das coisas que ele contou que está diferente é a forma como pensa e convive com homossexuais.

Agora uma coisa que eu era muito preconceituoso antes de entrar no projeto era com homossexuais. Eu falo isso para todo mundo mesmo, que eu tinha muito preconceito com homossexuais, só que era mais essa coisa de ir com a galera; a galera assim da escola. Por exemplo, tinha um menino que, sei lá, tá na fila do lanche e eu chegava junto dos meus amigos e a galera começava a perturbar. Eu ficava assim, sem querer perturbar. Aí do nada começava a perturbar também, ficava achando engraçado porque tava todo mundo sorrindo e eu ia e começava a perturbar. Só que eu via que o menino tava se sentindo mal e mesmo assim não tomava atitude nenhuma, continuava

perturbando. Eu era o maior abestalhado. [...] Aconteceu a mesma situação depois de eu ter passado, o que? 6 meses no projeto mais ou menos. A galera começou a xingar e eu: - “Vamos parar, pô, pára! Isso tá feio já, vocês já são um bando de caba grande”. Ai pegaram e ficaram dizendo: - “Oxe, tais se aveadando também é? Tá se afrescalhando?”. Ai eu: - “Não, só porque eu tô defendendo o cara quer dizer que eu tô me aveadando? Eu acho que isso é errado. Se vocês continuarem fazendo isso, eu saio de perto”. Ai comecei a me afastar. Só que para mim não fez nenhuma falta perder esses amigos, porque eu acho que é muito errado, pô, é muito feio a gente ficar julgando a galera. Acho que é uma coisa muito tosca. Eu não posso interferir na vida de ninguém desse jeito não.

De acordo com Gomes; Rebello; Nascimento (2010, p.96), no senso comum costuma ser muito difícil para os homens reconhecerem que podem ter tanto as características tidas como masculinas quanto as consideradas femininas. Isso pode ser um dos aspectos que contribuem para que medos sexuais sejam sentidos por homens. No conjunto desses medos, destaca-se a homofobia, que pode ser explicada pelo imaginário de que as relações de gênero devem ser pensadas a partir unicamente do eixo da heterossexualidade, instituindo-se uma heteronormatividade para os gêneros. Em outras palavras, se constrói uma naturalização da heterossexualidade como algo a ser vivido por todos.

Afastar de si, no caso dos homens, não as mulheres, mas o feminino, é, portanto, algo recorrente, pois hipoteticamente os torna menos homens, conforme discutido por Toneli, Adrião (2005). Essa preocupação com a associação de si ao feminino faz sentido quando levamos em conta estudos que reafirmam como ponto relevante da masculinidade ocidental, sobretudo latino-americana, a “cultura do machismo”, que entende as relações de gênero de forma hierárquica. Ser associado ao feminino é ser associado ao passivo e ao menos importante (DAMATTA, 1997).

Essa discussão é interessante não apenas pelo seu peso e repercussão, mas pela ideia trazida por nosso interlocutor de “ir com a galera”, de se deixar levar e formar por discursos, ideologias e formações discursivas limitadoras, que buscam conter o humano e conter os gêneros. Esse somar-se aos outros, representados por instituídos, sem um debruçamento crítico que permita o alcance e o encontro com a zona do respeito às limitações do outro, representa mais um ponto de tensão que agrega aos índices do preconceito uma alta percentagem de homens como autores de violência.

Aqui talvez coubesse a discussão sobre seres abjetos realizada por Butler em *Problemas de gênero* (2013), segundo a qual, aquilo que é diferente de mim e escapa ao que consigo

suportar, eu trato como lixo. O abjeto é, nesse caso, o ininteligível, aquele que, através das subversões que realiza diante das normas de inteligibilidade, aparece como não categorizável (LEITE JR, 2012). Mas nos deteremos nos conceitos de gênero e performatividade.

Sobre a “acusação” de ser gay, Rafael contou ainda outra história, mas dessa vez somado a sexualização da mulher.

Tipo, tá uma galera, todo mundo junto, sei lá, os meninos todos dando em cima das meninas [...] Eu nunca gostei de fazer isso. De passar uma mulher e os meus amigos tudinho olhavam assim, encaravam a mulher, sei lá, virava o pescoço até a mulher chegar do outro lado da rua, eu nunca fazia isso e eu também já sofri preconceito com a galera. Ficavam dizendo que eu era gay só porque eu não olhava. Tinha até menina que ficava constrangida. Eu acho que as mulheres se sentem constrangidas quando os homens fazem isso, porque, sei lá, o cara vai tá olhando pra você. Não vai tá olhando pra ela por beleza, porque ela é bonita. Vão tá olhando pra ela como objeto.

Ele nos apresenta mais uma ideia dessa masculinidade que foi hegemonicamente comunicada, mas que não necessariamente foi a que o formou ou que ele produz. Ele nos apresenta, enfim, a imagem do homem que se delineia como não gay, não mulher, e que objetifica essa mulher, vinculando-a às práticas domésticas e considerando-a como objeto sexual, o que confirma, como aponta Beiras (2007), a anatomia como um forte referente e como um importante definidor de masculinidade.

Ainda sobre o que o disseram que é ser homem, ele diz:

Para mim não faz a menor diferença morar com mainha, morar com meu pai, com uma madrasta, todos têm a mesma cabeça, pensam do mesmo jeito sobre masculinidade. Homem é pra fazer isso e pronto, homem tem que trabalhar e ter uma mulher e tem que ser o machão, o garanhão. Eu acho que a sociedade hoje espera de um homem o que, que ele [...] apesar de a sociedade ser muito preconceituosa, eu vou falar da maioria, a sociedade espera de um homem que casa, tenha filhos, trabalhe e, sei lá, bote ordem na casa. Acho que é isso que a sociedade espera.

Machão e garanhão são pontos de destaque nas masculinidades tipicamente tomadas como nordestinas, ou melhor, como chama Albuquerque Jr. (2013), dos tipos nordestinos, voltados a garantia de certa tradição, certa cultura regional, que ainda que não seja vivida, é cobrada. É comum, como ele aponta, essas “aptidões” serem vistas como um dever, que auxilia na manutenção das relações de poder nas esferas macro, governamentais, e micro, interpessoais e familiares. Mas no caminho da flexibilização dessa imagem, seguindo o que Albuquerque Jr.

(2013) comenta como um reconhecimento “de que não se fazem mais homens do mesmo jeito”, Rafael diz:

Acho que lugar de homem não existe mais, né? Apesar de que sempre existiu esse tipo de separação das coisas, lugar de homem, lugar de mulher, e tal. Eu acho que lugar de homem é fazer as coisas do jeito que devem ser feitas, tipo, do jeito que eu penso, e o jeito que eu penso é: o homem deve ou não trabalhar, porque isso vai depender da forma como eu viver.

Uma afirmação de Rafael merece reflexão: “*Acho que lugar de homem não existe mais, né?*”. Este trecho demonstra a lacuna que existe entre o que se pensa como valores masculinos atualmente e aquilo que se conhecia e reconhecia na construção histórica deste conceito. O que existe hoje, coexiste com outras possibilidades. Essa colocação de Rafael mostra, ainda, o quanto a masculinidade pode ser vista como uma categoria vazia, preenchida por cada sujeito de acordo com sua posição e influenciada por diversos mandatos socioculturais, a partir de determinados modelos (BEIRAS, 2007).

5.3 CARLOS – “MAS EU NÃO SOU ASSIM”.

Entrevistar Carlos foi uma experiência diferente e bem produtiva. Nesse encontro, ouvi falar sobre coisas que até então desconhecia, a exemplo do relato da sua vivência com a Síndrome de Couvade durante a gestação de sua primeira filha, mesmo não tendo sido denominado assim. Frente à Carlos, vivi a escuta mais uma vez e, assim como em todos os encontros, saí encantada e abraçada ao gravador com medo de perder a preciosidade que havíamos produzido em tão pouco tempo.

No caminho de volta para casa, comecei a pensar sobre tudo que havia vivido naquele momento e como vinha sendo interessante passar por essa etapa de pesquisa. Poder me aproximar, conversar, escutar, olhar e sentir as materialidades que chegavam perto, estava sendo muito rico. Adentrando no encontro, lembro que Carlos chegou um pouco cansado, sentamo-nos, ele me ouviu falar sobre o TCLE e assinou. Em seguida, pedi para que me contasse a história de homens importantes em sua vida e ele começou: “*Bom, do começo, a minha vida começando ela...*”.

A vida de Carlos começou com o seu pai, sua primeira inspiração, que o ensinou a ser um pai.

Eu com 16 “ano” fui morar no Rio de Janeiro, contra a minha mãe e o meu pai, mas fui. Foi uma experiência boa, aprendi muito da vida lá. Fiquei lá até

os meus 20 anos. Com 20 anos voltei pra cá e com o decorrer disso aí, aos 25 anos a gente perdeu meu pai. Ele faleceu por causa de diabetes, mas era um homem que assim, até hoje uma das coisas que eu aprendi com ele, com certeza foi o ser pai. Ótimo, presente em todas as ocasiões da gente.

Ele contou sobre uma relação boa com esse homem tranquilo, que mais do que o ofício de estofador, buscou lhe ensinar sobre como se relacionar com uma parceira, sobre o despropósito das agressões e sobre os limites entre o que poderia ser mostrado e o que deveria ser escondido.

A minha relação com o meu pai era boa. Meu pai ele era um homem tranquilo. Ele nunca foi homem de, assim, levantar a mão para bater na gente. Como eu era o mais velho, era mais chegado a ele. Assim, meu pai [...] eu mudei muito com o fato da diabetes dele, porque meu pai veio de uma família onde o pessoal, mãe, era tudo hereditário e ele não cuidava, eu sempre tava ali em cima. Sempre tava em cima. Mas minha relação com meu pai era boa, além de pai, ele era meu amigo. Graças a Deus, eu sempre tenho dito que eu nunca vi, se meu pai brigava com a minha mãe a gente não escutava, porque eu nunca vi, né? Mas, graças a Deus, o meu pai faleceu, mas para mim, eu tenho ele como um exemplo.

Um pai exemplo, que nos traz um novo ponto para ser discutido – a saúde do homem. Cabe lembrar, sobre esse assunto, que existem várias barreiras culturais e estereótipos de gênero enraizados há séculos, que produzem práticas de saúde baseadas em crenças e valores do que é ser masculino (PNAISH, 2008, p.6). Uma delas, é se considerar invulnerável, o que acaba por contribuir para o não cuidado de si e a exposição a situações de risco. Esse não é o caso de Carlos, mas é algo que acompanhou em seu pai.

Sobre a saúde de Carlos especificamente, não está registrado nas gravações, mas ele é um homem negro que tem vitiligo. Logo nos minutos iniciais, como anotei no diário de bordo, um médico entrou na sala onde estávamos para saber como andava o tratamento dele. A reação de Carlos foi explicitamente de desconforto, conduzindo-nos, no momento, a impressão de que não queria expor mais do que já nos contaria. Dessa forma, ele não quis falar sobre o que o médico estava se referindo.

Outras questões devem envolver os sentimentos e afetos dele com relação a essa doença que marca materialmente o seu corpo, mas, para além do seu próprio corpo, Carlos falou da sua preocupação com o bem-estar do outro, não suportando sequer, por exemplo, imaginar as dores que as mulheres suportam e com as quais convivem, como a cólica.

Rapaz, eu vou te dizer uma coisa, homem é aquilo “Ah, porque homem, homem, homem”, mas, tu guenta dor? Eu não aguento não, aguento dor nenhuma.

Porque tu imagina o homem engravidar e ter o filho normal? Será que o homem ia aguentar? Porque eu mesmo não ia aguentar não. Não sei se faz quatro ou cinco meses, minha menina tem treze anos, e você sabe que a gente fica, né, preocupado. E eu lembro que quando eu namorava com a minha esposa e as vezes eu chegava e ela tava arriada sentindo muita dor. Aí eu ficava “Meu Deus do céu, e no dia que eu tiver uma filha, como é que vai ser?”. Passou, né? Quando foi o ano passado, a minha menina menstruou pela primeira vez. E eu vou te dizer uma coisa, meu Deus, eu fiquei tão angustiado. Eu lembro que eu cheguei um dia, ela tava no canto. “O que foi, minha filha?”, “Ah, é porque eu tô com dor”. Oxe, eu corri, fui na casa da minha mãe buscar um remédio, fui noutro canto e é tão engraçado que eu fui [...] fiquei pensando comigo, “Meu Deus, e se eu menstruasse, hein? Como seria?”, porque eu não aguento dor.

Conforme nos explica Villela (2005), é evidente que o modo como os homens constroem e vivenciam as suas masculinidades está relacionado aos seus modos particulares de adoecer e morrer. No entanto, como estamos tentando dialogar, este modo de construir e vivenciar a masculinidade é múltiplo e variável, bem como suas mediações com o processo saúde-doença. Voltando para Carlos e ao que estávamos falando, o caminho pelo qual ele parece viver essa relação adoecer-morrer, saúde-doença, é através da dor como significante, distanciando-a e aproximando-a de si, na medida do suportável, seja ela corporal, moral ou subjetiva.

É daí que você vê o que eu digo a você, o homem quer ser todo homem, mas aí em uma hora dessa se acaba, fica pior do que mulher. Porque eu vou lhe dizer, viu? Quer me acabar, é eu tá sentindo dor. Se a dor de cabeça vier lá na China, eu já tô morrendo em casa. Não aguento não. Meu pai, meu pai, meu Deus do céu. Era assim, meu pai quando [...] as vezes meu pai tomava uma cachacinha. Mas também no outro dia ele ficava em ponto de morrer. Chamava todo mundo, me chamava, chamava meus irmãos, chamava minha mãe. Aí eu: - “Pai, o senhor vai morrer!”. Aí ele ficava: - “Aí meu Deus”. Aguenta não, fia, homem não aguenta dor de qualidade nenhuma, tiro por mim. Aí os caras dizem: “Mulher é fraca”, eu não, eu acho que o homem é mais fraco do que vocês.

“O homem quer ser todo homem” – Um vazio no “ser homem” é sinalizado por Carlos a todo momento. Ele busca um furo nessa ideia do macho, do machismo, da força e da virilidade imanente, nos apresentando um homem fraco, não todo homem, embora ainda traga a mulher sob o discurso do “pior” – “fica pior do que mulher”. Aqui poderíamos entrar na discussão psicanalítica que aborda a mulher como não-toda, como aquela que sinaliza a falta e a incompletude, para elaborar um pouco mais a ideia de que o sexo e os gêneros ultrapassam os corpos ou as características que tentam enquadrá-los em categorias lógicas, com pontos que se apresentam como condição para que o sujeito se coloque de forma coerente. Indo na contramão,

Carlos logo sinaliza que não! Ser homem não é ser todo homem, é ser o que é possível. E para ele, ele é homem e tira todos os outros a partir de si, como um expoente.

Buscando se colocar na lógica dos homens, ele recorre ao pai, sua referência masculina, que também não aguenta dor. Dessa forma, endereça a ele, como explica Kimmel (1997), a aprovação de sua masculinidade diferenciada da mulher. Por que o ser humano tem que aguentar dor? Por que a dor aparece como um critério de diferenciação entre homens e mulheres? Carlos, materialmente falando, é um homem que se expressa ou se apresenta com traços e trejeitos costumeiramente associados à mulher, ao feminino ou ao afeminado. Talvez, portanto, tenha sido essa a via que encontrou para diferenciar-se ou sentir-se aceito – sentir dor e diferenciar-se, por esse caminho, da mulher, elevando-a um patamar de força.

Independentemente disso, ou não, ele apresenta uma larga identificação com a filha, o que possibilitou a vivência não apenas das reações corporais evocadas pela gestação, como enjoo e desejo, mas também das angústias atuais relacionadas as dores menstruais. Além disso, essa relação abriu para ele a possibilidade de transitar entre o que dizem que é ser homem e o que ele acredita, deseja e que pode fazer a respeito. Digo isso, porque Carlos nos contou, também, sobre o período de “altos e baixos” que passou no Rio de Janeiro.

Eu tive uma vida, na minha adolescência, no Rio de Janeiro, que a gente [...] eu, assim, tive muitas experiências. No Rio de Janeiro eu passei [...] Eu assim, eu conheci o lado, como é que eu vou dizer?! Eu falo o lado escuro, né, do Rio de Janeiro. Mas graças a Deus, sobre drogas, essas coisas assim, nunca me envolvi, graças a Deus, não. Mas em outras coisas, a gente [...] eu me envolvi. Eu tive, lá no Rio, um relacionamento, nessa época que eu saí da casa do meu primo. Eu me encontrei com um rapaz lá e ele me conseguiu um emprego em uma farmácia. E aí desse emprego a gente criou, como se diz, uma relação, e passamos a viver juntos. Vivi com ele uns dois anos, entendeu? Mas depois não deu certo, a gente se separou.

É interessante registrar que, durante o encontro, e também depois, no momento da transcrição, a fala sobre esse episódio da vida de Carlos foi o mais difícil de escutar, porque ele falou muito baixo e com o rosto voltado para o chão. Continuando sua narrativa, ele disse:

Depois que eu vim embora pra cá, então, assim, eu não tive mais contato com outro rapaz e nem aqui também tive mais contato com outros. Passou um tempo depois que meu pai morreu e a gente veio morar aqui e minha mãe já era evangélica, dois irmãos meus também eram, aí foi quando eu passei também, fui para a Igreja e com o tempo a gente foi, assim [...] eu fui me adaptando aqui, né? É claro que sempre tem aquelas pessoas que nos olham com o olhar meio diferente, mas aí, eu sempre fui assim, eu não ligo pra que a pessoa olhe, nem pra o que se pensa. E passei a conviver, a partir da Igreja. Graças a Deus,

assim, foi muito bom. [...] Então é essas coisas assim que a gente fica triste, porque as pessoas as vezes não acreditam, né, na mudança das pessoas, mas existe, entendeu? Porque quando a gente quer a gente muda. Isso é qualquer, acho que qualquer lado seu, muda, muda mesmo, basta você querer. Porque comigo, graças a Deus, hoje eu me sinto muito bem. Vivo, graças a Deus, muito bem com minha esposa.

De acordo com Nunan (2003), sujeitos que foram estigmatizados ao longo da vida, seja pelas formas através das quais se expressam ou pelas experiências que viveram, estão frequentemente expostos a ameaças diretas e indiretas à sua estrutura. Assim sendo, ainda que não se aceite passivamente as visões negativas da sociedade com relação à sexualidade, estas imagens são tão difundidas, que se torna difícil deixar de internalizá-las em algum grau, como vemos em Carlos, que baixa a cabeça, muda o tom de voz e se entristece.

Esse é o resultado de uma formação discursiva que carrega, ainda de maneira forte e frequente, a ideia do homossexual como uma parcela “suja” da sociedade e não digna. Na busca por um espaço, ou talvez uma “cura” para esse “adoecimento” sinalizado pelo outro que não acolhe, não apenas por ser homossexual, mas por ser negro e pobre, Carlos recorreu à religião. Ele se tornou evangélico, e diz: *“hoje, assim, minha vida é normal. Me sinto normal como qualquer outro homem e, graças a Deus”*

Com a sua entrada na Igreja tudo mudou. Uma nova formação ideológica poderá ser discutida a partir da transcrição abaixo – a ideia de que o casamento e a paternidade são “provas” de uma masculinidade legítima, confirmada por uma instituição de peso, a Igreja.

Foi quando eu conheci a mãe dos meus filhos e foi, assim, bem rápido. Foi, começou a namorar, com um ano a gente, um ano não, com seis meses a gente noivou, com um ano e meio a gente casou. Foi bem rápido mesmo. Ela era bem mais nova do que eu. Na época eu acho que eu tinha uns 30 anos e ela tava com 16 a 17 anos (risos). Mas aí, casamos, assim, a mãe e o pai consentiu, a gente noivou, o pai, assim que a gente noivou, deixou a mãe dela, saiu de casa e a gente casou. Passamos um ano sem ter filhos. Um ano depois veio a menina, que foi E. E acho que com três anos depois veio W. Ela tem 13 e ele vai fazer 11. E graças a Deus, assim, minha vida mudou bastante, ficou bem melhor. Aí eu comecei a trabalhar e a minha relação com os meus filhos, graças a Deus até hoje, assim, o meu passado não tem influenciado nada a eles. Com certeza contei como foi, como tinha acontecido, mas graças a Deus não teve problema nenhum. Hoje, assim, minha vida é normal. Me sinto normal como qualquer outro homem e, graças a Deus.

Ainda sobre o casamento de Carlos, é interessante como ele consegue circular e as vezes escapar à lógica compulsória que delega ao homem o espaço público e a mulher o espaço privado e se sentir confortável com isso. Como já comentei, outras questões talvez pudessem

ser trabalhadas aqui, para além da manutenção da ordem. Poderíamos, por exemplo, observar a identificação de Carlos com o que convencionalmente é delegado a mulher como uma saída para vivenciar aquilo que o outro, representado pelo discurso social hegemônico, diz que ele não pode por ser homem, ou seja, como uma saída para vivenciar a sexualidade tal qual se sente bem, sem precisar ser olhado pelo outro de uma forma dolorosa, quando ele não suporta dor.

Agora quem trabalha é minha esposa, que de vez em quando ela faz [...] ela é diarista. Mas eu não tenho muito o que mudar na minha vida. A gente tava falando sobre os maridos que tavam em casa e ajudam para fazer as coisas em casa. E eu disse: - “Olhe, eu ajudo”. Por exemplo, hoje mesmo, eu me levanto, se tiver água eu boto roupa para lavar, eu estendo, lavo prato, faço comida, levo menino pra o colégio, varro casa, arrumo. Mas eu conheço homens que não faz isso, que diz que isso não é serviço pro homem. Acha que serviço de homem tem que ser pesado ou então, ou é ficar dentro de casa, né, de perna pra cima esperando a mulher chegar para fazer as coisas. Eu não acho certo isso. E o homem que abrir a boca para dizer que mulher que fica dentro de casa não faz nada, ele precisa passar pelo menos um dia dentro de casa para ver, porque serviço dentro de casa, ser dono de casa dá trabalho, viu? Porque você não para não. Você faz uma coisa, aí já tem menino desarrumando outra coisa, quando você pensa que arrumou aqui, já tem coisa para arrumar de novo. Naquela hora que você ligou eu tava estendendo roupa, mas porque tinha que aproveitar que tinha chegado água. Eu faço isso e acho que isso não faz ninguém deixar de ser homem.

Nos dias atuais, como comenta Amazonas et.al (2011), não mais se sustenta a visão convencional pautada em uma concepção de sociedade que se caracteriza pela divisão social do trabalho, baseada na natureza biológica, que situa o homem no espaço público e confina a mulher no espaço privado do lar. Apesar disso, de acordo com Portella et. al (2004, p.127), o trabalho doméstico e o cuidado com as pessoas ainda é associado ao feminino e, portanto, qualquer homem que seja surpreendido por outros homens enquanto realiza essas atividades pode ser visto como “desonrado”. Sobre o trabalho feminino fora de casa, os mesmos autores comentam que, quando existe ainda é representado como complementar e secundário, já que haveria um consenso de que o lugar de provedor principal seria constituinte da masculinidade e associado à vida dos homens.

Vemos Carlos se diferenciando um pouco e seguindo mais o que Amazonas et.al (2011) aponta como sendo uma visão que não se sustenta como antes. Embora essa lógica esteja sendo aos poucos quebrantada, inclusive por Carlos, ele, em uma prática reiterativa, acaba concedendo às suas atividades diárias certa autoridade, produzindo efeitos e normatizando seus passos como passos de homem. Dessa forma, ao mesmo tempo em que ele escapa ao que é delegado ao

homem e a mulher a partir de uma construção social e cultural hegemônica, ele naturaliza o que faz numa busca para se colocar dentro do aceitável para o homem.

Nessa direção, nos voltando ao que ele mesmo falou, percebemos a recorrência da necessidade de (re)afirmar que “isso é coisa de homem”, colocam-se no âmbito da “normalidade” convencional dos gêneros. Ainda que não se conformando a reiteração hegemônica em todos os seus passos, ele retorna, portanto, a conformação do seu corpo masculino na defensiva de que “isso também é coisa de homem”. Como nos diz Butler (2002), vemos os discursos habitando o corpo de Carlos e produzindo novos discursos envoltos por formações discursivas pautados em ideologias que buscam enquadrar o homem em certo padrão.

Mas se é pelo corpo que vemos Carlos se enquadrar, é também por meio dele que o vemos escapar. Ele nos contou sobre as vivências que teve, como já mencionamos, no período em que sua esposa estava gestando sua filha.

A minha esposa, quando ela ficou grávida de E., foi interessante, porque antes, muito antes da gente namorar e tudo, eu queria assim, que se um dia eu casasse, meu primeiro filho seria uma filha, uma menina, e se eu chegasse a ter um segundo, seria um homem. Aí quando minha esposa ficou grávida, assim, foi interessante, porque eu ouvia muito falar sobre: - “Ah, isso é frescura de o pai sentir isso, sentir dor no peito, sentir enjoo”. Comigo aconteceu, aconteceu mesmo. Muitas vezes eu saí, quando eu chegava, que eu chegava junto da minha esposa a menina só faltava sair chutando a barriga. E ao dormir também era interessante. Pra ela conseguir dormir, a gente tinha que dormir de costas se não ela não dormia. Tinha que botar a barriga nas minhas costas, porque senão ela mexia muito. E a história da Igreja, a gente tava na Igreja e me deu aquela vontade de comer cuscuz, quando eu cheguei comi, com pouco tempo botei para fora, até minha sogra riu, riu muito com essa história. [...] E interessante é que E., ela até hoje é fã de cuscuz. E uma coisa que eu achei interessante na gravidez da minha esposa é que as vezes a gente tava em casa e de repente me dava uma vontade, assim, de comer alguma coisa e eu ia comer. Quando começava a comer, ela as vezes tava junto, menina, olhe, as vezes chega dava aquele nó assim. Enquanto ela não pegasse um pedacinho e botasse na boca ela, a menina, não sossegava. Aí foram umas experiências boas, sabe? [...] Já do menino não foi tanto assim, né? Foi bem, bem mais tranquilo. Mas de E. foi engraçado. Até hoje eu ainda me lembro das histórias que aconteceram; de tá no trabalho e dá vontade de comer as coisas e ter que comer correndo e vomitar, sabe? Era bem interessante, bem interessante mesmo. Acho que é como eu digo, a mulher não fica grávida? O homem também fica, porque, rapaz, eu mesmo dizia que era frescura, que isso não acontecia não, mas acontece. Acontece e acontece mesmo.

De acordo com a literatura médica, Carlos teve uma experiência com a Síndrome de Couvade. Para o homem, a experiência da gravidez é indubitavelmente diferente da experiência da mulher, tendo em vista que ele não tem a percepção física do bebê e não sente, em seu corpo, as mudanças físicas decorrentes da gestação. No entanto, as mudanças físicas e comportamentais sofridas pelas gestantes, em conjunto com o processo de transição familiar, podem provocar diferentes repercussões no parceiro e levá-lo ao desenvolvimento da Síndrome de Couvade (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010).

Segundo esses mesmos autores, a Síndrome de Couvade corresponde a apresentação de sintomas físicos e psicológicos semelhantes e concomitantes aos das gestantes. É interessante isso ter vindo à tona nas narrativas de Carlos, sobretudo pela desconstrução que faz das masculinidades hegemônicas, ainda que permeada por ideologias. Aproximando o tido como feminino para si, ele se permitiu viver e aproveitar esse momento da paternidade esperado por ele.

Esse encontro com a paternidade e os laços estreitos com a filha, junto a sua vivência voltada para o âmbito privado, vai ao encontro do que discute José Olavarría (2001). Segundo nos explica o autor, ocorreu, neste século, uma mudança radical no cenário da paternidade. A forma tradicional de ser pai, representada por aquele que trabalha, sustenta e é chefe do lar, foi submetida à prova. Os homens passaram a questionar os sentidos dados à paternidade, além de suas relações e práticas. Carlos segue nessa direção, compartilhando a chefia do lar, a gestação e invertendo a lógica da divisão social do trabalho.

Retornando ao nosso ponto inicial – o pai de Carlos – vemos que a produção da masculinidade já vinha há muito confrontando os imperativos normativos. Partindo do pai que nunca brigou com a mãe na frente dos filhos, do pai que não é agressivo e que se aproxima e ensina afeto, chegamos ao filho.

Pronto, uma coisa que meu pai me ensinou foi que meu pai ele era estofador, ele cobria sofá. E as vezes ele pegava muita coisa para cobrir, muito sofá para cobrir, e como eu era o mais velho, eu sempre tava ali junto e eu aprendi muito isso com ele. Ele sempre dizia: - “Olhe, no dia que eu morrer você vai assumir”. Eu disse: - “Vou nada, eu não quero não. Vou fazer outra coisa, mas isso eu não quero não”. Ele me ensinou muito isso para trabalhar e uma coisa que ele sempre dizia era que [...] por isso que eu digo, se ele brigava com a minha mãe a gente não via, porque sempre dizia: - “Olhe, um dia, se você chegar a casa nunca discuta na frente dos seus filhos”. Ele sempre dizia isso. – “E se

acontecer isso, você tente mostrar que é uma conversa, não é uma briga”. Ele sempre falava isso. E é por isso que eu digo que nunca escutei, se meu pai e minha mãe brigava a gente não via. Ele nunca bateu na gente, a gente apanhava mais da minha mãe do que dele. No dia que meu pai resolveu pegar um cinturão para bater no meu irmão, meu Deus, foi um desastre, porque meu irmão correu e ele correu atrás, tropeçou e caiu. Foi a primeira vez e última. Meu pai sempre foi tranquilo, até incomodava algumas pessoas porque ele era assim.

Por fim, Carlos falou sobre “ser homem”.

Eu acho que o homem hoje ele tem que ter, para ser um homem, tem que ter responsabilidade com a família. Eu acho que para ser homem não é preciso você ter uma, duas, três mulheres. Acho que isso aí não existe. O homem homem, eu acho que ele tem que ter responsabilidade de assumir uma família, de ter filhos, esposa, isso e aquilo ali. Hoje em dia o pessoal tá muito diferente, acha que ser homem é sair pegando gato e cachorro por aí e eu acho que isso não é masculinidade. [...] Acho que homem não é isso não, homem tem que ter caráter, ter responsabilidade, tem que ter respeito. [...] Não sei, isso não entra na minha cachola. Por isso, eu acho que tem muita gente que acha, dizem, né, que não existe homem fiel. Existe sim, eu acho que existe. Eu acho que não tem [...] isso não vai me deixar mais homem, eu ter que arrumar outra mulher e ter que mostrar para todo mundo “eu sou o cara”. Acho que você deixa de ser homem se você for muito cabra safado mesmo, mas fora isso, eu acho que hoje em dia que alguns homens precisam mudar essa história de masculinidade. Homem homem tem que ter caráter, se não, para mim, ele não é um homem. Eu acho que para não ser homem não é preciso ser homossexual ou sei lá. Homem tem que ter caráter, se não tiver caráter para mim ele deixa de ser homem. Se ele não tiver caráter, ele pode ser casado, pode ser o que for, ele deixa de ser homem, ele não respeita ninguém e eu não concordo com essas coisas não, com certos homens que tem por aí. Então, eu acho que, a questão de ser homem é ter caráter.

Vemos diversos discursos implícitos nas falas de Carlos. Vemos o homem infiel, o homem “pegador”, o homem forte que suporta dor, o homem responsável por tomar iniciativas diante da mulher, o homem preconceituoso. São formações discursivas, ideologias cotidianas, que passam por Carlos, o produzem e são reproduzidas mesmo que ele busque subverter certas ordens trabalhando em casa, sendo pedido em namoro (“*Meu casamento foi interessante, eu conheci a minha esposa na Igreja e o homem é quem pede para casar, né? Ou para namorar. E ela foi o contrário, ela que veio falar comigo*”), sendo fiel (“*...dizem, né, que não existe homem fiel. Existe sim, eu acho que existe. Eu vou dizer uma coisa, se quiser acreditar acredite, mas eu até hoje, conheci minha esposa e até hoje é só ela*”), não suportando dor (“*Dor não é comigo*”). O que está sendo discutido, então, é que as ideologias permanecem sendo faladas e reproduzidas mesmo que sob a negação.

Nos deparamos, assim, com a força dos instituídos performando sujeitos. Carlos, por exemplo, ainda aloca os homens na lógica da heteronormatividade; na lógica do ter família através do casamento com uma mulher e da procriação como uma condição, confundindo ser homem com a masculinidade. Daquilo que escapa a reprodução, como Butler (2013) trabalha, o que fica das narrativas de Carlos talvez seja a ideia de que gênero é também um discurso que se embasa, se fortalece e se perpetua por meio de comportamentos ensinados e repetidos. As falas de Carlos fazem referência ao que Butler (2013) diz, quando reflete que há a necessidade permanente, por parte do sistema e das instituições, em afirmar e reafirmar que homens e mulheres são diferentes por sua natureza e que só se é viável socialmente encaixando-se na divisão binária de gêneros (MOURA, 2014).

Carlos sobra, ou melhor, transborda no que dizem que ele deve ser. Dito de outra forma, ele vai em busca quando as coisas não ocorrem como deseja, mas parte sua, absorvida por pressupostos e pelas normas de comportamento, fica e reitera uma masculinidade hegemônica normatizada. Apesar disso, ele diz, “*mas eu não sou assim*”. De fato, ele é não, mas só às vezes.

5.4 BRUNO – “MINHA MÃE É A FIGURA EM QUE EU ME VEJO, SABE?”.

“*O que é que eu posso falar?*”. Essa foi a primeira indagação que Bruno se fez durante o nosso encontro. Entre o que ele podia falar e o que me contou, certamente havia muitos não-ditos, não só referentes àquilo que não precisava ser posto em palavras, mas não-dito como aquilo que ele não conseguiu dizer também.

Bruno, com uma fala bem acelerada, começou me contando sobre o que para ele representa um contraexemplo – o seu pai, que, como ele mesmo falou, é uma figura autoritária e preconceituosa. Logo nos contou também sobre a sua mãe, por quem tem muito respeito; sobre seu irmão mais velho, que foi para ele uma referência na qual se ancorou durante muito tempo; e sobre o seu namorado, sua atual referência.

Na minha casa somos quatro homens e a minha mãe. O meu pai e dois irmãos, né, e eu. O meu pai ele sempre foi uma figura mais autoritária, assim, eu tinha mais medo dele do que alguma outra coisa. Eu sempre respeitei muito a minha mãe. Eu acho que a principal figura que eu me lembro de homem, que também nem era tão homem assim, era o meu irmão mais velho, que ele é um ano e meio mais velho do que eu. Então ele é uma figura que eu me ancorava assim, sabe? Eu tava sempre confiando nele. É a figura que eu me lembro. Até hoje eu tenho esse respeito por ele, essa ideia de que ele foi meu guia, sabe? Um outro homem que hoje em dia é uma pessoa que eu me espelho muito é o meu namorado. A

gente já tá junto há quatro anos e eu encontrei nele uma figura que eu posso confiar, sabe? Uma figura que eu posso me guiar também por ele.

Falando mais especificamente sobre a relação com o pai, Bruno abordou uma masculinidade que perpassa uma autoridade vazia e bruta e nos disse que, talvez em consequência dessa relação, tenha criado uma ideia que o bloqueia frente a homens heterossexuais.

Bom, na verdade, o meu pai é uma figura que eu tento não ser, sabe? Porque ele sempre foi muito bruto, muito rude, muito autoritário e machista, né? Então, no meu pai eu tenho uma ideia que eu não quero ser.

[Referindo-se a homens heterossexuais] Eu acho que é essa figura que vai sempre me julgar, vai sempre apontar o dedo para mim dizendo que eu estou fazendo alguma coisa errada. Eu acredito. Talvez seja meu pai, não sei. [...] Hoje eu me relaciono muito bem com meu pai, embora ele seja machista e tal, muito machista, mas a gente tem uma relação legal hoje em dia. Mas foi muito difícil para mim ter que dizer para ele que eu namoro, que eu namoro um rapaz e tal, e foi aquela coisa, né? Ele queria me botar para fora de casa e tal. Mas aí, assim, é uma figura que [...] o meu pai é uma figura que a gente se dá bem hoje, mas talvez eu não tenha o mesmo respeito por ele que eu tenho pela minha mãe, sabe? Ela sempre fez tudo, sabe? O meu pai era só aquela figura autoritária que as vezes colocava medo na gente pra gente fazer alguma coisa.

Segundo Kimmel (1997), as referências paternas, considerando aí não apenas ao pai, mas a função exercida, representam uma importante parcela desde o início da vida, pois é corresponsável, junto a outros dispositivos, por apresentar os discursos a respeito de regras morais e sociais. Contudo, mesmo com toda essa relevância não há garantias que o outro subjetive os conteúdos tal qual apresentados por aqueles que desempenham essa função, afinal de contas entre o que é dito e a coisa falada existe um mundo que envolve os processos singulares de cada um. No caso de Bruno, essa apresentação foi feita de forma distante e abusiva, causando nele, como efeito, o aprendizado mais do medo do que respeito ou algum outro afeto.

Isso mostra que é possível tomarmos como contraexemplo aquilo que convencionalmente é posto como o que deveria ser seguido, e acabamos também, por nos apegar a outras possibilidades, no caso de referências externas, como aconteceu com ele. Seu pai, como registrei em meu diário de bordo por ter sido uma fala produzida após já termos desligado o gravador, costumava falar que não queria um filho homossexual e soltar palavras agressivas e ofensivas para aqueles que o eram, julgando e apontando o dedo, como Bruno

mencionou. Isso pode tê-lo distanciado do seu pai e o levado a subjetivar a masculinidade como uma não-masculinidade paterna.

Sobre essa recusa do pai, pensamos como Beiras (2007), que sendo os homossexuais vistos como homens femininos, homens que fogem dos mandatos sociais das diferenças entre os sexos, como “desviantes” do que deveria ser um homem, eles acabam despertando certo afastamento para que não comprometam essa ordem. Essa é uma questão que se agrava ainda mais quando esses comportamentos de segregação passam a causar reclusão e outros problemas.

Para discutir um pouco mais sobre isso, temos a fala de Bruno sobre o período em que dividiu um apartamento com outros homens e o incômodo que sente frente a homens heterossexuais.

E aí eu morava com mais três homens: um primo mais velho e outros dois amigos dele e eu não me sentia à vontade em casa. Eu sempre ficava trancado dentro do quarto e tal. Eu conversava assim, quando precisava, mas não era um lugar que eu me sentia à vontade. Eu geralmente não me sinto à vontade perto de homens, eu me sinto mais à vontade perto de mulheres.

Juliana – Alguma coisa te incomoda?

Entrevistado – Talvez alguma espécie de julgamento. Eu sempre fiquei meio com o pé atrás com os homens, porque eu achava que eles iam me julgar de alguma maneira, sabe? Porque eu sempre fui diferente por ser gay e tal. Assim, eu era uma criança diferente, eu sentia que eu era diferente, sabe? E aí acabei meio que me protegendo, sabe? Fazendo amizades mais femininas, enquanto eu ia me afastando dos meninos. Mas eu ainda tinha aqueles amigos meninos, embora com uma certa distância que eu mantinha deles, talvez por esse medo de julgamento e tal, eu não gostava de tá no meio dos meninos. Mas hoje eles são meus amigos, a gente sai sempre, eu confio neles, sabe? Mas, geralmente, a figura masculina, principalmente heterossexual me distancia um pouco, sabe? Eu não me sinto muito à vontade. Inclusive até essa semana eu encontrei um amigo e tal daqui do CFCH e ele tava com a turma dele. Eu sempre chego e falo com todo mundo e tem um certo menino que é um homem heterossexual embora ele seja muito acessível, sabe? Ele é muito legal. Eu sempre tinha um pé atrás. Eu sempre falava “Opa, tudo bom?” e apertava a mão. Aí quando foi essa semana ele falou comigo: - “Por que tu sempre abraça todo mundo e tu não me abraça?” (risos). Aí eu não cheguei a explicar a ele isso, mas eu sabia que era isso, sabe?

De acordo com Santos; Bernardes (2008), as expectativas e demandas sociais e familiares de nossa cultura heterossexista, na qual questões de foro íntimo (como a escolha do/a parceiro/a) podem gerar desapontamento, nojo e até, revolta, favorecem uma discriminação opressiva (consciente ou não) contra aqueles que ousam declarar seu modo de ser e de estar no

mundo de um modo diferente dos demais. E como toda ação tem uma reação, ainda que variada, vemos sujeitos entrarem consequentemente em sofrimento, como no caso de Bruno que busca proteger-se mantendo certa distância do outro que o aponta, seja ele o pai, os colegas de apartamento, ou qualquer homem heterossexual.

Conforme nos elucida Kimmel (1997), conhecemos o que significa ser um homem em nossa cultura na medida em que centramos nossa definição em oposição a um conjunto de outros, sejam estes outros minorias raciais, sexuais, ou mais detidamente para nossa discussão, mulheres e que diz respeito ao feminino. Seria, então, a partir do processamento das oposições que passaríamos a diferenciar o outro de nós mesmos e a tratá-lo, a depender do que nos evoca, como ininteligível, ou seja, não coerente ou diferente demais.

Como discute Butler (2013) sobre initelegibilidade, os discursos preveem uma heterossexualidade compulsória pautada na coerência e continuidade com as normas, estabelecendo linhas causais que buscam o engessamento não só das práticas, mas das identidades e expressões. Como resultado, nos deparamos com seres abjetos, que são seres constituídos a partir dos próprios sujeitos, mas expulsos e descartados como excessos do corpo, sendo delegados, muitas vezes às margens e ao patamar de “atrativo” ou alvo de comentários humilhantes.

Aos poucos, contudo, vamos encontrando espaços para incluir os corpos abjetos como corpos humanos que partilham de um mesmo problema – a sobrevivência. Bruno, possivelmente, vendo-se como abjeto em alguns espaços de sociabilidade, vem encontrando um lugar junto às mulheres, inferiorizadas pelo discurso hegemônico assim como ele, e também junto ao seu namorado, que apesar de representar uma minoria, posiciona-se de forma diferente, ativa e comunicativa, se apresentando ao outro abertamente e lidando com as desumanidades das relações.

Já meu namorado não, ele sempre se deu bem com os meninos e tal. Ele já é muito mais aberto, eu sou muito fechado.

O meu namorado, eu tenho ele como referência, porque ele é uma pessoa muito segura, muito aberta e tal, mas é uma pessoa que eu tô tentando seguir, sabe, esse caminho? Porque eu sempre fui muito fechado, eu sempre fui muito indeciso e eu acho que talvez seja isso, né?

Após narrar sobre todos esses sujeitos que atravessam sua vida, Bruno nos falou sobre o que é ser homem, na verdade, sobre o que a sociedade coloca em sua cabeça sobre o que é ser

homem e que, em certa medida, ele busca se inserir. Além disso, ele contou um pouco mais sobre sua mãe que, antes de ser um contraexemplo, como o seu pai, é a representante da masculinidade possível para ele.

Acho que ser homem [...] eu acredito que o que a sociedade coloca deve tá na minha cabeça, porque eu cresci nessa sociedade, né? Mas eu acho que eu não tenho muito essa imagem de que o homem tem que ser durão, que não pode chorar e tal, embora eu seja uma pessoa muito difícil de chorar, mas eu acho que isso vem mais da minha mãe. Minha mãe sempre teve essa figura mais assim durona, sabe? E eu me acho muito parecido com ela. Eu não acho que o homem tem que cuidar da casa, até porque eu cresci em uma casa que a mulher cuidava da casa, assim, cuidar do dinheiro, cuidar de tudo, né? Quanto aos afazeres da casa, eu não vejo problema nenhum também, e acho que homem nenhum deveria ter problema.

Eu acho que ser homem é ser pessoa, na verdade, é ser uma pessoa que sabe o que tá fazendo. E eu acho que eu tento seguir esses passos, sabe? Então acho que não tem essa figura masculina, essa figura feminina. Acho que é tudo uma coisa só.

Bruno desvincula a masculinidade do ser homem, mas reproduz a ideia de que algumas coisas ainda são vinculadas a isso. Dessa forma, sua mãe exerce o que deveria ser feito por um homem, no caso, seu pai. Embora ele pareça pensar assim, não é assim que acontece. Um ponto interessante para ser debatido com relação a essa fala de Bruno é o fato do termo “masculinidade” ainda ser visto como uma característica dos homens. Ou seja, um homem deve ser masculino, enquanto uma mulher deve ser feminina.

Rios de tinta ou de bytes já foram usados para discutir essa questão [...] afirmo que um homem pode ser “masculino” ou “feminino”, sendo homem igual. No entanto, existem normas não escritas que oferecem modelos de como deve ser um homem. Essas modelos variam muito, mas existem e indicam aquilo que em determinada época (década de 80) começou a ser chamado de “masculinidade hegemônica” (STREY, 2014, p.10)

Como aponta Kohn (2014, p.327), nossas relações estão permeadas por papéis e funções preestabelecidas, das quais não nos damos conta e sequer nos questionamos a respeito. São papéis destinados a homens, a mulheres, a crianças, idosos, adolescentes e que estão arraigados na nossa cultura patriarcal mesmo com os avanços conquistados ao longo dos anos, como mesmo nos contou Bruno.

Eu que eu vejo assim, as coisas que eu noto, né, são sempre aquelas questões que o homem tá lá e ele não faz nada dentro de casa e a mulher sempre tem que fazer tudo. Eu vejo isso na minha casa, porque tem empregada na minha casa e tal, mas aí tem uns dias que ela não vai. E meu pai não se dá ao trabalho de varrer a casa, de lavar prato, assim como meus irmãos não ligam pra isso. E

eu acho que porque eu vim morar sozinho, eu fui o primeiro a sair de casa e tal, eu ligo muito para isso. Então eu vejo sempre essa ideia de que o homem não poder fazer nada dentro de casa, quem tem que fazer é sempre a mulher. A mulher vai fazer a comida para o homem, a mulher vai limpar a casa, vai deixar tudo limpinho para quando o homem chegar. Então, como eu te disse, eu não penso muito nessa dualidade. Eu percebo isso quando eu tô vendo as outras pessoas se comportando, né? Mas para mim, eu realmente não tenho [...] eu não consigo dividir, sabe, a minha masculinidade, eu não consigo perceber isso em mim, sabe?

Analisando descritivamente os estudos de gênero, Buris, Meler (2000) discutem que as formas de pensar, sentir e de se comportar de homens e mulheres se devem mais a construções sociais que insistem na bipolarização dos seres humanos. Não se vendo exatamente polarizado, Bruno alcança a mãe por identificação e se mistura muito mais com as meninas, trazendo o biológico como um não determinante das relações que estabelecemos com o corpo, nem como uma condição para que nos subjetivemos em apenas um dos lados dessa divisão cultural, ou em qualquer lado.

5.5 PEDRO – “EU SEMPRE TINHA AQUELE MEDO DE SER HOMOSSEXUAL”.

Pedro, como mencionei em outro momento, assim como Rafael, também passou pela formação feminista promovida pelo Instituto Papai em sua comunidade, e é possível ver os efeitos desse processo em sua narrativa. Outra coisa que ficou marcada, tanto no encontro, quanto na gravação, foi o riso nervoso que ele apresentou sempre que parecíamos tocar em alguns pontos polêmicos que pudessem abrir espaço para qualquer questionamento a respeito de sua heterossexualidade. Interessante é que, antes mesmo de falar um pouco mais sobre o seu pai, homem que ele primeiro colocou como importante, foi esse o assunto que ele inaugurou.

Então, eu nasci no interior, e no interior tu sabe, né, que é “cabra macho” (risos). Lá é bem rigoroso assim, em termos de masculinidades ou se você for homossexual lá eles já te discriminam.

Essa menção ao receio da discriminação é algo que foi recorrente em toda a fala de Pedro, sobretudo nas vezes em que tocou nas questões referente à sexualidade. Ao falar do seu pai, ele disse:

Mas minha infância ela foi normal. Eu sempre tinha meu pai lá, mandando conselho de como era que eu deveria agir e tal. Ele as vezes foi um pouco rude comigo assim, porque se eu usasse camisa rosa ele já dizia que eu era gay, que eu era “cabra safado”, mas ele nunca me bateu por conta disso, só me dava conselho, né? Aí eu fui crescendo, fui absorvendo mais o mundo, fui percebendo

como as coisas eram de verdade. Eu sempre tinha aquele medo de ser homossexual, porque que pensava assim, que as pessoas iam me discriminar e tal. E sobre as masculinidades eu fui crescendo e fui vendo como as pessoas iam agindo de verdade, assim. [...] E aí eu fui crescendo e fui absorvendo isso, aí já pensei até que eu era gay uma vez (risos), porque eu não tinha namorada e os outros tinham, só que eram tudo novo, né? E eu meio que me sentia excluído e tal, meio que querendo uma namorada e tal e, como é que diz, depois eu consegui uma namorada, consegui arrumar, né?

Logo nesse primeiro momento, vemos algumas formações discursivas que bordeiam a noção de masculinidade na qual Pedro se ancora, dentre elas, a associação entre gay e cabra safado, e a vinculação das cores a uma divisão sexual, azul para o homem e rosa para a mulher. Apesar de ter delegado essas formações ao seu pai, Pedro as reproduz em seu discurso como algo que, de fato, o atingiu e o levou a questionar sua hetero ou homossexualidade.

É que sempre rola uma pressão, né, quando você tá chegando na adolescência, na pré-adolescência, que você tem que namorar. Eu nunca consegui namorar quando eu era pequeno, eu sempre tinha medo de não conseguir namorar depois, tá entendendo? E eu sempre ficava vendo as pessoas a namorar e ficava: “Pô, véi, acho que eu vou virar gay, eu não consigo ter uma mulher” (risos). E eu sempre tomava isso como um medo, porque eu não conhecia o assunto e ninguém nunca chegou para mim para explicar o que é ser homossexual e como era, como funcionava, que você era quem se descobria ser homossexual, se queria ser homossexual e eu sempre tinha medo. Também eu tinha medo dos meus pais, né? De eles me rejeitaram e tal. E eu sempre fui crescendo com medo e tal, e depois que eu fiquei com a minha primeira menina, que eu fiquei pela primeira vez, aí eu já pensei “Porra, eu não vou ser homossexual, eu tô livre disso, agora eu vou ser homem”, tá entendendo?

Considerando que para a maioria dos homens a homossexualidade é associada ao feminino e que, segundo Kimmel (1997), o medo de ver-se como um afeminado domina as definições culturais de virilidade, a homossexualidade torna-se uma grande ameaça e um diferenciador da masculinidade, como vemos no discurso de Pedro. A homossexualidade é alvo de tantos preconceitos e de tantas críticas por formações discursivas vinculadas a ideia do feminino como inferior, que ela é subjetivada sob a forma do pavor. Se considerarmos, ainda, o fato de que a masculinidade não é fixa, tendo que ser sempre comprovada pelos pares do mesmo sexo, o medo de não corresponder ao que se espera de um homem, de acordo com o modelo hegemônico e tradicional, agrava esse ciclo vicioso (BEIRAS, 2007).

...ser hombre significa no ser como las mujeres. Esta noción de antifeminidad está en el corazón de las concepciones contemporáneas e históricas de la virilidad, de tal forma que la masculinidad se define más por lo que uno no es, que por lo que se es (KIMMEL, 1997, p. 52).

Sendo os homossexuais vistos como homens femininos que fogem dos mandatos sociais das diferenças entre os sexos, eles passam a ser vistos como contrastantes, como “desviantes” do que deveria ser um homem a partir dos discursos. Portanto, o tema homossexualidade torna-se parte da definição do que é masculinidade por diferenciação. E para Pedro, mesmo se colocando como diferente, sê-lo parece sair muito caro. Mesmo assim, como saída, ele se diferencia acreditando em uma superioridade que resulta dessa diferença – “*Eu tenho a mente evoluída*” (frase que mencionou ao se comparar com os “outros homens”).

Aprofundando a discussão sobre a relação entre masculinidade e heterossexualidade, Honório (2012) comenta que os homens são definidos não só a partir de um aparelho genital tido como masculino, mas também pelo fato deles todos terem que atestar que seus desejos sexuais se voltam para o sexo oposto. Assim, aqueles que querem viver sexualidades de uma forma não-heterocentrada passam a ser rotulados como “anormais”, associados a mulheres e tratados como elas e, nesse sentido, taxados de “passivos” ou “inferiores” (HONÓRIO, 2012), e isso é pavoroso, como Pedro mesmo percebe, em um meio que propaga a ideia de que isso está errado, que é pecado, além de uma série de outros julgamentos negativos que representam ameaça.

Mais um ponto que pode ser discutido a partir dessas primeiras indicações discursivas é o fato de Pedro tomar o outro como referência para a sua masculinidade, seguindo o que o outro faz para que não falem dele e para que se torne igualmente homem, e possa competir no sentido de quem é mais homem. Ainda assim, o outro era percebido por ele como “mais homem” por ter uma namorada e ele não. Sobre a namorada, como registrei no diário de bordo, Pedro buscou cercar todas as menções a ela de muito cuidado, buscando preservá-la e justificar a ausência do sexo na relação e a fidelidade, antes que pudéssemos pensar isso como algo que comprometesse sua masculinidade. Contudo, mesmo com o protecionismo e todas as justificativas, ele a traz objetificada como a confirmadora da sua masculinidade – “*consegui arrumar uma namorada*”.

Hoje eu tô com ela, respeito ela, o relacionamento vai bem, com 2 anos e 4 meses agora, completou no dia 29. Já tô pensando até em noivar (risos). Eu nunca achei que eu evoluiria tanto quanto eu evoluí. Eu sempre achei que eu ia sofrer com os preconceitos sociais e tal. Porque minha mente é diferente das dos outros, sabe? Eu não sou aquele que tem medo de ser quem eu sou, tá entendendo? Apesar de que meu pai sempre me ensinou a ser quem eu sou, mas eu já mudei muito do que ele queria que eu fosse e é isso. Eu [...] a minha masculinidade, como é que se diz, eu não forço ela, tá entendendo? Vem de mim. Eu não sou aquele que diz “Ah, eu sou o fortão”, eu não sou aquele que

tenta por medo nas pessoas, tá entendendo? Não gosto de brigar, não exibo quantas meninas eu pego por aí, tá entendendo? Não são isso que forma a minha característica para os outros, tá entendendo? Eu simplesmente mostro ela no decorrer do tempo, não gosto de me exhibir. E, bem, eu acho que minha vida hoje, o meu ser másculo é bem moderado, é isso.

A respeito dessas falas, podemos nos aprofundar um pouco mais e pensar que, para além da masculinidade hegemônica do “fortão”, “pegador”, “assustador”, que gosta de briga, Pedro se apresenta diferente em atitudes, mas também mergulhado em angústia. Ele chegou nervoso, durante todo encontro ficou com a boca seca, com risos nervosos, gagueira, balançando as pernas e mostrando suas mãos suadas. Talvez ele estivesse ali se vendo frente a frente com algo que não é fácil. Talvez, ele estivesse às voltas com essas noções restritivas de gênero que requerem dos homens comprovações da virilidade através do desempenho quase obrigatório de um papel ativo, sempre disponível e disposto a exercer o lugar de “macho”. E estava esperando de mim, assim como do pai, dos amigos, dos outros, uma aprovação ao que representava.

Contudo, se essas solicitações parecem concessões de poder aos homens, nem todos eles vivem harmoniosamente, sem conflitos e sem contradição com esta experiência (LYRA, 2008). Este é um ponto em que podemos nos ancorar, nos questionar e pensar sobre a possibilidade da conformação de características e comportamentos, por parte dos homens, que não necessariamente condizem com aquilo que almejam para si, o que gera sofrimento, pensamentos circulares e paranoicos, como no caso de Pedro: *sou ou não sou gay?*

Seguindo mais, Pedro contou novamente sobre o seu pai e sobre as dificuldades enfrentadas no embate gerado entre lidar com o que o pai lhe pedia que fosse e o que ele sentia que era.

Eu falei que é rude, né? É no sentido de forçar eu a ser uma coisa que ele quer, tá entendendo? Ele era bem exigente comigo, mas ele sempre me ajudou. Ele só não queria que eu fosse homossexual. Eu acho que é o que todo pai quer, né? Não, o que que todo pai não quer, que o filho seja homossexual. Ele não quer deixar que a gente entenda o mundo do jeito da gente, ele quer que seja do jeito dele. Mas ele sempre me ajudou e ainda bem que ele não me bateu, sabe? Nunca me bateu, quem me batia era minha mãe, mas por outros motivos. E ele sempre tava lá comigo, ele gostou mais de mim do que dos meus outros irmãos, porque eu sou o caçula da família. Já o meu irmão, que é o mais velho que eu, ele já bateu no meu irmão, por meu irmão ter um jeito mais afeminado, mas meu irmão não é gay.

É interessante pontuar como Pedro distancia o afeminado do gay, possivelmente por ter vivido junto a um pai opressor e envolto em tantos questionamentos. Como já apontamos, de

acordo com Kimmel (1997) o pai (ou um representante) é o primeiro que avalia o desempenho masculino de um menino, é o primeiro para o qual se busca comprovar a masculinidade. É provável que parte da angústia de Pedro tenha sido a necessidade subjetiva de corresponder ao que supunha ou ao que conseguiu interpretar do desejo do seu pai, embora não soubesse ao certo – “*Eu não sei o que meu pai quer que eu seja, mas eu acho que ele quer que eu seja um homem que curte a vida*”.

E ele foi rude com a gente desse jeito e até hoje ele é, é comigo porque ele diz que eu sou dominado pela minha namorada. Na verdade, eu sigo conselho dela, coisa que mudou muito o meu jeito. Porque meu pai ele bebe. Ele quer que eu beba e pegue as mulheres. Não quer que eu viva em um relacionamento só, tá entendendo? Tudo o que acontece lá em casa ele diz que o problema é a minha namorada. Ele diz que prefere eu bebendo, chegando bêbado em casa, do que eu com ela, tá entendendo? Ele não aceita muito assim, mas ela foi minha salvação de muitas coisas, porque eu não sei se eu já falei [...] eu comecei a beber com 5 anos de idade. Só que não era de me embriagar, eu bebia cerveja e tal. Quando eu completei doze anos eu bebi mesmo, eu bebi vinho todo dia da semana, tá entendo? Já caí muitas vezes. Daí eu bebia muito, mas durou só 1 ano isso, porque daí eu conheci a minha namorada. Aí eu parei de beber por causa dela, eu comecei a estudar mais por causa dela, então minha vida mudou completamente por causa dela, tá entendendo? E ele não aceita muito isso, eu acho, o meu jeito de ser [...] Eu não sei o que meu pai quer que eu seja, mas eu acho que ele quer que eu seja um homem que curte a vida. O curtir a vida dele é o curtir de vida de todos os homens, que é beber, pegar mulher e tal, tá entendendo? Eu acho isso errado, porque o meu curtir de vida é totalmente diferente do que eles acham, né? O meu curtir de vida é estudar e sair com a minha namorada e tal. E ele sempre quis que eu fosse um mecânico, porque ele é mecânico. Apesar de que eu aprendi muitas coisas com ele, porque ele é mecânico [...] Mas eu acho que o que ele espera de mim é isso, que eu curta a vida de uma forma totalmente diferente, que ele acha que eu não curto. Ele acha que eu sou dominado, né? Mas ele quer que eu curta a vida mostrando o que é curtir a vida dele.

A definição do que é ser homem em uma sociedade patriarcal como a nossa, segundo Pinto; Meneghel; Marques (2007), baseia-se em figuras de linguagem negativas que orientam que homem não chora, não demonstra seus sentimentos, não pode ser fraco, não pode perder. Mas além disso, existem também as afirmativas do homem mulherengo, que gosta de cachaça e futebol, como argumenta Honório (2012). O modelo de macho, nessa direção, como coloca Kohn (2014, p.322), acaba sendo definido por regras e se referindo a atitudes performáticas do como fazer, do que mostrar e do que ocultar, edificando relações assimétricas, a exemplo da relação entre o dominador e o dominado. Sobre essa relação, Giffin; Cavalcanti (2005, p. 56)

observaram que a atividade padrão de masculinidade é uma forma de exercer poder e dominação sobre outros(as)”, sobretudo para afirmar sua sexualidade.

Como observou Machado (2004), há uma articulação entre masculinidade e uma concepção de sexualidade que antagoniza o masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como objeto da sexualidade. É nesse sentido, então, que o pai de Pedro parece convocá-lo e ele, ainda que exponha em sua fala sobre o relacionamento com a namorada que não seguirá, acaba buscando confirmadores de sua masculinidade também nessa relação. É o que percebemos, por exemplo, quando ele começa a falar sobre os amigos e traz o namoro como uma condição diferenciadora deles, como um meio, também, de afirmar a masculinidade.

Todos eles, quer dizer, menos um não namora, mas os outros dois namoram, um já tá na faculdade, vai entrar agora esse ano, e por incrível que pareça eles pensam que nem eu, tá entendendo? Eles não tratam [...] Os que namoram não tratam as namoradas deles como os outros, eles sempre se importam, eu acho incrível isso, que é como se fosse eu, tá ligado? Eu me espelho neles. É muito bom. De verdade mesmo eu só tenho 3 amigos, mas eu tenho colegas também sabe? E meus colegas eles são também diferenciados assim dos outros homens, porque eles não são arrogantes, não são de tá usando drogas, de brigar e tal. Mas não que eu discrimine essas pessoas, porque eu também tenho colegas que usam drogas, tá entendendo? Mas eles são [...] eles vivem de boa, eles não seguem muito o padrão social masculino assim, sabe, que homem tem que ser forte e tal. Eles são na deles e eu sempre tenho muita afinidade com meus amigos e tal.

Eles [os homens do padrão social] tratam a namorada como objeto, eu tô dizendo isso pelo que eu já vi, né? E acho isso errado. Eles não estão sempre lá assim, eu não sei. Tem pessoas que tratam elas com muita importância, mas outras não tratam, tá entendendo? Eu acho que aqueles que seguem o padrão social eles sempre querem trair a mulher, querem pegar todas, querem se exibir com a fama de garanhão, tá entendendo? Eu acho isso errado.

Em contraponto, ao que percebe de si e dos amigos, como se observa, Pedro fala também daqueles que são diferentes deles. Ao que parece, Pedro define sua masculinidade ao avesso do que ficou conhecido como masculinidade hegemônica. No lugar dos arrogantes, dos briguentos, raparigueiros, que gostam de beber, ou seja, do “padrão social masculino”, ele e os amigos são na deles. É importante ressaltar a observação feita por Honório (2012) de que as categorias “homem cachaceiro” e “homem raparigueiro” representam uma especificidade da masculinidade e uma lógica cultural presentes na região Nordeste do Brasil.

Ainda sobre esse modelo que ele chama de padrão social masculino, nos remetemos ao trabalho de Vale de Almeida (1996), no qual comenta sobre a casa-dos-homens, espaços onde

os homens produzem um homem e exercem o poder. Ao que parece, portanto, um homem produz o outro e a prova da masculinidade é dada em função de outra masculinidade, ou melhor, a prova da masculinidade, tal qual subjetivada no discurso social hegemônico, é dada à prova e ofertada a outros homens. Dessa forma é que, mesmo com tantas mudanças, os marcadores identitários nos discursos sobre ser homem ainda conservam, em conjunto, a competição, a hierarquia, as proezas sexuais e a dominação (CÉ, PIZZINATO, OLIVEIRA-MACHADO, 2014, p.262).

Um exemplo do exercício em prol dessa manutenção foi falado por Pedro quando ele contou sobre o que pensava antes de agir diante de outros homens

Tipo, uma coisa que era, era tipo, eu não podia chorar na frente dos outros, quando eu queria chorar, eu ficava prendendo para os meus amigos não rirem de mim e dizerem que eu era bicha. Era o que? Acho que era a quarta, terceira série. Outra coisa também era sempre tá cantando as meninas, porque se eu não cantasse eu não gostava. Eu fazia porque era impulso, eu tava com eles, eu fazia porque eles iam gostar, eles iam rir. Eu também comecei a beber por impulso social, porque homem tem que beber, eu me sentia o machão. Eu nunca gostei, eu sempre ficava com umas coisas estranhas na barriga, eu nunca gostei de beber. E as coisas que eu fazia, muitas coisas que eu dizia na frente deles, muitas coisas que eu fazia na frente deles. Era mais por impulso, porque quando era atrás deles, eu era totalmente diferente, eu era o eu agora. Se alguém viesse brigar comigo eu corria, na frente deles eu ia pra cima. Aquela coisa “Tu vai deixar? Tu é mole? Tu não é homem não, é um rato?”. Tá entendendo?

É nesse sentido que ele prossegue e abre-nos a oportunidade de uma outra discussão; a discussão sobre a associação da masculinidade à sexualidade, ou melhor, de forma mais restrita, ao órgão sexual, ao pênis.

Bem, o homem, ele faz, a masculinidade dele é o que o povo quer, ele de tradição, ele não faz a masculinidade. Acho que foi antes de ontem que eu vi uma reportagem que a namorada queimou, jogou água quente no pênis do ex-namorado e ele disse que não era mais masculino, que a masculinidade dele foi para baixo. Então quer dizer que a masculinidade do homem está no órgão sexual? Eu acho isso errado, tá entendendo? Eu acho que vem o jeito de ser. Eu acho que o homem não é só [...] eu acho que é uma coisa importante também para definir, mas não é tudo aquilo que você tem que ser. Eu acho esse pensamento irracional, sei lá. Acho que essa questão de masculinidade deveria ser mais debatida para as pessoas entenderem que a masculinidade está dentro não no órgão sexual, que muito homens acham que é isso, “Ser masculino é ter um pênis e pegar as mulheres por aí”. Acaba se ferrando. Eu acho que isso é errado, tá entendendo?

“Então quer dizer que a masculinidade do homem está no órgão sexual?” Essa questão talvez possa ser vinculada a ideia que Pedro trouxe do homem raparigueiro. Ambas remetem à virilidade, à disponibilidade para a atividade sexual e à preocupação com a quantidade de conquistas sexuais. Para os homens, o exercício da sexualidade está vinculado à virilidade (HONÓRIO, 2012, p.141). A sexualidade, contudo, vai além, como forma de pensar e sentir. Se tomarmos isso a partir das discussões realizadas por Butler (2013), a resposta seria: - Não, Pedro, nós agimos como se este “ser homem” ou “ser mulher” fosse uma realidade interna, ou algo que simplesmente é uma verdade sobre nós, um fato sobre nós. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem sido produzido todo o tempo, e reproduzido todo o tempo. (BUTLER, 2013b, vídeo “Seu comportamento cria seu gênero”).

6. À GUISA DAS (IN)CONCLUSÕES

Diante de tudo o que foi discutido a respeito dos nossos posicionamentos teóricos e metodológicos, não poderíamos apresentar aqui uma conclusão, pois soaria contraditório. No lugar disso, apresentamos nossas (in)conclusões, acreditando que muito ainda caberia para ser dito e escutado, e esperando poder voltar a fazê-lo ou ver outras mãos e ouvidos dispostos a dialogar. Sabemos, nesse sentido, que não inventamos a roda e que não solucionamos ela, mas produzimos junto a ela, dando nossos primeiros passos na direção do humano e não simplesmente do homem, junto ao que já havia sido feito e pensado.

Apostamos, então, que o trabalho não acaba aqui, o que acaba é apenas o mestrado e essa etapa da minha vida. E o que fica de tudo isso, para dar seguimento as mesmas lutas e as novas lutas que virão, é que entre homens e masculinidades podemos tirar e colocar retratos produzindo um álbum em que sempre cabe mais um, seja ele pouco ou muito diferente; seja ele uma testemunha do modelo convencional de masculinidade, como chamou Nascimento (2014, p.77), que preconiza a ideia de um homem forte, viril, provedor, chefe de família, inserido no mundo público, competitivo, com pouca conexão com a esfera da vida privada, que tem dificuldade com os afetos, que não chora e é agressivo, ou aquele que escapa e convive com diversas outras masculinidades buscando dar conta de “outras maneiras de ser homem”.

Talvez pareça simples chegar a essa ideia, mas não foi bem assim. Basta pararmos para olhar o nosso dia a dia, as palavras que saem de nossas bocas e as formações discursivas que nos produzem e nos levam a produzir os mesmos sujeitos embargados em limitações e julgamentos, para sentir que não é tão fácil. Para nós, cabe ainda, à guisa das nossas (in)conclusões, parar para pensar nas dificuldades que se colocaram diante deste trabalho, bem como diante de nós mesmos, formados, performados e produzidos como somos por ideologias e estigmas, para vermos que nada foi simples, e que ainda não é.

Uma nova etapa se abre e é chegada a hora de apresentar ao mundo o que pensamos e escrevemos. É chegada a hora de sermos também julgados, mas antes de tudo, dialogados e isso vale muito. É chegada a hora de vermos serem discutidas as neblinas que insistiam em surgir, mas também as possibilidades e potencialidades para a discussão de que as questões das masculinidades não dizem respeito só aos homens. Isso não será fácil, mas é necessário. É

preciso falar sobre isso, sobre as masculinidades que afetam e atravessam a todos como efeito na produção dos gêneros e na vivência e convivência com o outro.

Nos foi necessário, para tanto, um mergulho profundo nas disciplinas, nas leituras, nas discussões, sobretudo para mim, que longe de casa me deparava com pessoas novas e com novas formas de ver e pensar o mundo. Finalmente, já no meio do caminho, me autorizei a falar sobre o assunto. Realizei caminhadas longas, que de tão longas, foram muito difíceis. Fui da antropologia à biologia; da biologia à história, da história me confortei na psicologia, com algum gosto de psicanálise. Como estou tentando dizer, mas não cabe nas palavras, não foram sempre tranquilos e seguros os caminhos que trilhei e os lugares por onde passei, mas foram sempre convidativos. E foi assim que eu permaneci para contar essa história e escrever um pouco dela também.

Foram dois anos de investimento em forma de desejo, dedicação, carinho e responsabilidade. Dentre elas, a responsabilidade de tentar comunicar o muito que estávamos pensando e provocar, no outro, o mesmo desejo que sentíamos. Nestas tentativas, refletimos que não podemos falar de masculinidade no singular, mas sim em múltiplas masculinidades, e que não seria justo prosseguir mencionando tipos de corpos (homem negro, homem latino, homem gay, homem branco, homem mal, homem bom). Por isso, abrimos bem os olhos e os ouvidos para o que transbordava à essas etiquetas e vitrines que nos expõem com base em estatísticas, como se fossemos todos iguais. E até somos. Somos iguais na busca pela sobrevivência, como bem diz Butler (2013).

Estas reflexões e aproximações nos colocaram frente a questão metodológica do “campo tema” (SPINK, 2003), nos fazendo entender que todos os nossos exercícios de reflexão teórica, de discussões e de vivências diárias já nos lançavam em nossa pesquisa, nesse mar de carinho que agora resulta em um parto cheio de sentidos e encontros. Tudo e todos que fizeram este processo ser como foi, meio sem forma no começo, e agora já com alguns traços, têm parte nisso.

Nesse caminho, acho interessante compartilhar que muitas vezes a questão da imparcialidade me pegou. É possível? Que nada! A produção desta pesquisa teve desde sempre influências não só das minhas experiências, mas das nossas experiências, sensações, diálogos, encontros, e quando digo “nossas” aqui, estou falando do GEMA, da família, dos amigos, dos desconhecidos, das professoras da banca, dos paulistas... A lista é grande. Como falei antes,

compartilhamos da ideia de que produzir conhecimento é também implicar-se, produzir pessoas e olhares a partir de formas específicas de ler e de interpretar os conteúdos. O que fizemos em nossa pesquisa científica foi, portanto, uma prática situada, parcial (HARAWAY, 1995). E reconhecemos isso.

Assim, das lentes dos nossos óculos, foi possível sentir que mudanças sutis e lentas acontecem em todos os momentos, ao lado do ritmo acelerado que nos tira o costume de pensar sobre as coisas e sobre as pessoas que passam e que ficam. Vimos, pois, homens muito diferentes entre si, com masculinidades que nos comunicavam o hegemônico, mas por trás dele, o subalterno e o singular, talvez pelo que dizem da “crise do masculino”, mas talvez por mais do que isso, por uma parcela humana chamada subjetividade e inconsciente, ancorados nos modos de subjetivação.

Sobre essa crise do masculino, fala-se da emergência de um novo padrão de masculinidade. É assim que, de uma suposta crise vão se apresentando novas produções, que segundo Kohn (2014, p.325), põem à prova o modelo de macho viril e trazem à tona as demandas por homens sensíveis, que expressam emoções. É assim também, que testemunhamos cinco homens falarem que estão sendo solicitados a reavaliarem o que escutam sobre o que deveriam ser. E mais, a reavaliarem a que desejo estão respondendo. Para Elizabeth Badinter (1993), o que estamos vendo, não é um novo homem, são homens diferentes, em mudança, ao que ela chamou de “homens reconciliados”.

Como gostamos de recitar e lindamente cantou Gilberto Gil a música “Super-Homem”, sobre homens e masculinidades: *Um dia / Vivi a ilusão de que ser homem bastaria / Que o mundo masculino tudo me daria/ Do que eu quisesse ter. Que nada / Minha porção mulher, que até então se resguardara / É a porção melhor que trago em mim agora/ É que me faz viver. Quem dera/ Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera/ Ser o verão o apogeu da primavera / E só por ela ser. Quem sabe/ O Super-homem venha nos restituir a glória / Mudando como um deus o curso da história / Por causa da mulher.*

Nada parece bastar. Mulher ou homem, a diferença é que vem fazendo história. A luta feminista, e as mulheres, de início, se propuseram a repensar as bases ideológicas que fundamentavam a noção de papéis de gênero e das relações de poder estabelecidas a partir delas. Não só o feminismo, contudo, mas também os sujeitos que o fizeram e as masculinidades que se dispuseram a redesenhar o cenário precisam ser lembrados. Aqui, então, lembro cada um dos

nossos interlocutores – *Francisco, Rafael, Carlos, Bruno e Pedro*. Cada um, ao seu modo, se dispôs a falar e ser falado por nós, nas linhas da reflexão sobre o que é ser homem.

Francisco pôs em cheque todo discurso estagnado pelas construções sociais hegemônicas com sua expressão “*Espírito não tem sexo, então o que eu falei não existe*”. Rafael mostrou-se implicado e angustiado com a cobrança e as limitações do outro que lhe interpela pelo viés do corpo e não de sua subjetividade, trazendo a expressão “*Né homem não?*” com um questionamento que o outro lhe endereça, mas que ele rebate com um tom de “Sou homem, sim, do jeito que posso, quero e consigo ser”. Carlos, pondo-se no avesso e contra argumentando o que o outro lhe diz que deve ser, se coloca com a afirmativa “*Mas eu não sou assim*”, encontrando saídas a toda violência que sofreu em sua sexualidade. Bruno, vislumbrando em sua mãe seu grande referencial de masculinidade, ressignifica esta última como aquilo que impulsiona o sujeito a cuidar e assumir espaços. Por fim, Pedro, levado ao medo pela possibilidade de não corresponder ao desejo do outro que lhe concedia e solicitava o lugar de macho, lida com as masculinidades pela via do amor, cedendo à fragilidade e a força das lágrimas.

E a partir do que nos foi dito, novas questões foram despertadas – *Por que odiamos tanto o sexo do outro? De que gênero são os seres humanos? Os mitos de origem de cada um importam para alguém? O que fazer com as convicções?* Como dissemos, muito ainda resta a ser dito, refletido e trabalhado. Certamente, além dessas, outras questões são relevantes e urgentes, mas todas nos dizem que é preciso não só falar sobre homens, mas falar sobre seres humanos desejantes, pensantes e imbuídos de questões inconscientes que vão além.

Tomando por base, enfim, o entendimento de que o que significa nos discursos, com destaque às narrativas que produzimos, são as posições discursivas influenciadas por ideologias (ORLANDI, 1999), poderíamos apostar que as masculinidades que vemos e que não vemos, encontram-se e desencontram-se na construção de subjetividades singulares, ampliando a arena de possibilidades. O modelo hegemônico de masculinidade, portanto, reinventa-se e mescla-se com outras coisas e características, e daí, das trocas com cinco homens, é que testemunhamos infinitas masculinidades possíveis.

REFERÊNCIAS.

- ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. **Cadernos de Gênero e Tecnologia/Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná**. Curitiba: CEFET-PR, n.1, p. 9-17, fev/ mar/ abr. 2005
- ALBUQUERQUE JR, Durval. **Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- AMAZONAS, Maria Cristina; VIEIRA, Luciana; PINTO, Virgínia. Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 2, 2011.
- ANDRADE, Vivian. Corpo em cena: tecendo ‘masculinidades’ nas imagens em movimento. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, nº 80, 2008.
- BADINTER, Élisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1993.
- BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoría género. Una introducción teórico-metodológica. In: AZEREDO, Sandra; STOLCKE, Verena. **Direitos reprodutivos**. São Paulo: FCC/DPE, p. 25-45, 1991.
- BAUER, Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria-Executiva. **Mais saúde: direito de todos (2008 – 2011)**. 2 ed. Brasília, 2008
- BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem – estudos e pesquisa**, v. 15, n.1, UFG, 2011.
- BEIRAS, Adriano. **A negociação de sentidos sobre masculinidades e paternidades em contextos populares de Florianópolis**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Florianópolis, 2007. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90787/242933.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 30 mar. 2015
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Guaramond, 2006.
- BERNARDES, Denis. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. São Paulo: Lua Nova, 71: 41-79, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n71/02.pdf>> Acesso em 15 out. 2015.
- BOURDIE, Pierre. **A dominação masculina**. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BURIN, Mabel; MELER, Irene. Género: una herramienta teórica para el estudio de la subjetividad masculina. In: BURIN, M.; MELER, I.; **Varones** – género y subjetividad masculina. Buenos Aires: Paidós, p.21-70, 2000.

BUTLER, Judith. Entrevista a PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costeira. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p.155-167, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Judith Butler - Seu comportamento cria seu gênero (legendado)**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9MlqEoCFtPM&feature=youtu.be>> Acesso em 5 set. 2015.

CÉ, João Pedro; PIZZINATO, Adolfo; MACHADO, Rodrigo. Masculinidades contemporâneas e saúde: políticas identitárias x política nacional de atenção integral à saúde do homem. In: STREY, Marlene; MÜHLEN, Bruna; KOHN, Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens**: gênero e movimentos. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.261-276, 2014

CONNELL, Robert. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert. **The Men and the Boys**. Los Angeles: University of California Press, 2000.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013.

DA MATTA, Roberto. "Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina". In: ALDAS, Dario. **Homens**. São Paulo: Senac, 1997. p. 31-49.

FAUR, Eleonor. Masculinidades y familias. In: DONINI, Antonio. **Sexualidad y familia**: crisis y desafíos frente al siglo XXI. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2005, p.115-139.

FERREIRA, Aurélio. **Miniauréliu**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

FREUD, Sigmund. **A pulsão e seus destinos** (1915). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009, v. XIV.

FREUD, S. O Inconsciente [1915]. In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Rio de Janeiro: Imago, 2016. p. 99-150. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. Homens e reprodução. **Revista Estudos Feministas**, v.7, n.2, p. 53-71, 1999. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11954/11221>> Acesso em 10 dez. 2015.

GIL, Gilberto. **Super-homem**. Disponível em <<https://letras.mus.br/gilberto-gil/46246/>> Acesso em 19 nov. 2015.

GOMÁRIZ, Enrique. Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas. **Fin de siglo: género y cambio civilizatorio**. Santiago: Isis International, 1992. p. 83-110.

GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine; REBELLO, Lúcia. As representações da masculinidade e o ser homem. **Fazendo gênero 8 – Corpo, violência e Poder**, Florianópolis. 2010. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST56/Gomes-Nascimento-Rebello_56.pdf> Acesso em 19 nov. 2015.

GUIDE, André Paul. **Os frutos da terra**. Rio de Janeiro: Rio gráfica, 1986.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Volume 5, p. 07-41, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992, p.93-126.

HEILBORN, Maria Luiza. Homens jovens e os atropelos da heterossexualidade: contracepção e aborto. In: MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; AZEVEDO, Mariana; BRASILINO, Jullyane. **Homens e Masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto PAPAÍ, 2010, p.109-124.

HONÓRIO, Maria das Dores. **Cabra-macho, sim senhor!** Um estudo sobre a masculinidade no Nordeste do Brasil. I Seminário Nacional de Sociologia e Política. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/cabramacho-Maria-Dores-Honorario.pdf>> Acesso em 14 dez. 2015

HONÓRIO, Maria das Dores. **Cachaceiro e raparigueiro, desmantelado e largadão! Uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região Nordeste do Brasil**. Tese de doutorado - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Araraquara, São Paulo, UNESP, 2012. Disponível em <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106233/honorio_md_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 15 dez. 2015.

KIMMEL, Michael S. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Org.). **Masculinidades**. Santiago: Isis Internacional; FLACSO Chile, 1997, p. 49-62.

KOHN, Cristina. Super-Homem? As novas masculinidades entram em cena. In: STREY, Marlene; MÜHLEN, Bruna; KOHN, Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens: gênero e movimentos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p.319-334.

KRONKA, Graziela Zanin. **A encenação do corpo o discurso de uma imprensa (homo) erótico-pornográfica como prática intersemiótica**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Linguística. São Paulo: USP, 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ed, 1992.

LACAN, Jacques. **O Saber do Psicanalista: Seminário 1971-1972**. Publicação para circulação interna. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2001.

LACAN, Jacques. O Inconsciente e a repetição. In: LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ed, 2008.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JR., Jorge. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização (in)segurança social e identidades transgêneras. **Estudos Feministas**. v.20, n.2, p. 559-568, 2012.

LYRA, Jorge. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)**. Recife: J. L. C. L. da Fonseca, 2008, 262 p. Disponível em <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3896/2/000018.pdf>> Acesso em 15 jul. 2014.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boi tempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso; Escola francesa de análise do discurso; Prática discursiva; Cena de enunciação. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (orgs.). **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

MANSANO, Sonia. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de psicologia da UNESP**, 2009, v. 8, p. 110-117. Disponível em <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>> Acesso em 05 abr. 2014.

MARTINI, Talu Andréa; PICCININI, Cesar Augusto; GONÇALVES, Tonantzin Ribeiro. Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação. **Aletheia**, Canoas, n.31, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-3942010000100011&script=sci_arttext> Acesso em 10 dez. 2015

MATROGROSSO, Ney. **Homem com H**. Disponível em <<https://letras.mus.br/ney-matrogrosso/47726/>> Acesso em 10 dez. 2015.

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira**. Dissertação de mestrado – Programa de pós-graduação em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 1997.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, 2008; v. 16, p.20-35. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf>> Acesso em 24 mar. 2010.

MEDRADO, Benedito, et. al. Paternidades no cotidiano de uma unidade de saúde em Recife: traços, curvas e sombras em redes heterogêneas. In: TONELI, Maria Juracy; MEDRADO, Benedito; TRINDADE, Zeide; LYRA, Jorge (Org.). **O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência**. Florianópolis: Mulheres, 2011, v. 1, p. 179-210.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane; MACHADO, Jacqueline.; NASCIMENTO, Vanda , CORDEIRO, Mariana P. (Orgs). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MELER, Irene. La sexualidad masculina. Un estudio psicoanalítico de género. In: MELER, Irene; BURIN, Mabel (Org). **Varones**. Género y subjetividad masculina. Buenos Aires: Paidós, 2000, p. 149-198.

MELO, Victor. A. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: PRIORE, Mary Del.; AMANTINO, Márcia. (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013, p. 119-152.

MONTEIRO, Marko. Masculinidades revista: 1960-1990. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia. (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013, p.335-358.

MONTESINOS, Rafael. **Las Rutas de la Masculinidad**. Ensayos sobre el cambio cultural y el mundo moderno. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

MORAIS, Caroline; PAVIANI, Neires Maria. **Entrevista narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística**. V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, 2009.

MOURA, Andrea Guimarães. Sobre corpos, sexo, desejo e performatividade: a desconstrução do discurso de gênero nos trabalhos de Laerte. **FRONTERAS – Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2015.

NASCIMENTO, Pedro. **"Ser Homem ou Nada"**: Diversidade de experiências estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE. Dissertação de mestrado – Programa de pós-graduação em antropologia cultural. Recife: UFPE, 1999.

NASCIMENTO, Marcos. Relações de amizade entre homens homo e heterossexuais: dinâmicas de gênero no contexto das masculinidades. In: STREY, Marlene; MÜHLEN, Bruna; KOHN, Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens: gênero e movimentos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p.75-100.

NOGUEIRA, Conceição. Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n.112, p.137-154, março, 2000.

NUNAN, Adriana. Violência doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário? In: **PSICO**, v. 35, n. 1, 2003, p. 69-78.

OLAVARRÍA, José. **Y todos querían ser (buenos) padres**. Varones de Santiago de Chile em conflicto. Santiago: FLACSO, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ORLANDI, Eni. P. Dispositivos da Interpretação. In: ORLANDI, Eni. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 79-98.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PACHOAL, Sérgio. Envelhecimento na perspectiva de gênero. In: CÔRTE, Beltrina; MARCADANTE, Elizabeth; ARCURI, Irene. **Masculin(idade) e velhices**: entre um bom e um mal envelhecer. São Paulo: Vetor, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Pontes, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp. 1990, p.7-24.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Francoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

PINHEIRO, Thiago; COUTO, Márcia Thereza. Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica. **Cadernos de História da Ciência**, v.4 n.1, São Paulo, 2008.

PINTO, Andréia; MENEGHEL, Stela; MARQUES, Ana Paula. Acorda, Raimundo! Homens discutindo violências e masculinidade. **Psico**, n.38, v.3, p.238-245, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 19, p. 195-233, 2002.

PORCHAT, Patrícia. **Gênero, psicanálise e Judith Butler – do transexualismo à política**. Tese de doutorado – Instituto de Psicologia. São Paulo: USP, 2007.

PORCHAT, Patrícia. **Psicanálise e transexualismo**: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá, 2014.

PORTELLA, Ana Paula, et al. **Homens**: sexualidades, direitos e construção da pessoa. Recife: SOS Corpo – gênero e cidadania, Instituto Papai, 2004.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia. (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013.

PROMUNDO. **Homens, masculinidades e políticas públicas**. 2009. Disponível em <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/03/HomensMasculinidades.pdf>> Acesso em 28 jul. 2014.

RIBEIRO, Cláudia. O corpo masculino nos discursos dos homens e da revista Men's Health. In: STREY, Marlene; Mühlen, Bruna; Kohn, Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens**: gênero e movimentos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

SANTOS, Jane; BERNARDES, Nara. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. **Psicologia e práticas sociais [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 289-296. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-27.pdf>> Acesso em 19 nov. 2015.

SCHNOOR, Eduardo. “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del.; AMANTINO, Márcia (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013, p. 85-118.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1993.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Judith Butler**: a questão da performatividade. 2012. Disponível em <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>> Acesso em 19 jul. 2015.

SOBRAL, Paulo Oiveira. O funcionamento do significante na psicose e sua relação com a escrita. In: XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, 2006. **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2480-2484.

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In: SOUZA, Solange Jobim. **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, Mary Jane. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Psico**. V.31, n.1, p. 7-22, jan/jul, 2000.

SPINK, Mary Jane. A psicologia e a saúde mental – resignificando a prática. In: SPINK, Mary Jane. **Psicologia Social e saúde**. Prática, saberes e sentidos. Petrópolis: Vozes, 2003.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e Produção de Sentidos no cotidiano**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

SPINK, Peter K. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia e Sociedade**, v. 15, n. 2, 2003.

SPINK, Peter K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**. 20a, Edição Especial: 2008, 70-77.

STREY, Marlene. Ser sujeito ou ser o outro? Algumas reflexões históricas. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sônia; PREHN, Denise. (Orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

STREY, Marlene; MÜHLEN, Bruna; KOHN, Cristina (Orgs.). **Caminhos de homens**: gênero e movimentos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. 2.ed. Lisboa: Fim de século, 2000.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

VÁRZEA, um dos bairros mais aprazíveis do Recife. **Jornal do comércio**, Recife, 18 fev. 2000. Cidades. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1802/cd1802p.htm> Acesso em 15 nov. 2015.

VILLELA, Wilza. Gênero, saúde dos homens e masculinidades. In: KANUTH, Daniela et.al. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n.1, p.18-34, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03fv10n1.pdf>> Acesso em 19 nov. 2015.

WINCK, Gustavo; STREY, Marlene. Percepções sobre gênero em homens acusados de agressão. **Psico**, v.38, n.3, p. 246-253, 2007.

WITTIZORECKI, E. S. *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do (a) pesquisador (a). **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 12, n. 2, p. 9-33, 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PROJETO: PATERNIDADE E CUIDADO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

1. IDENTIFICAÇÃO DA PROPOSTA

Título do Projeto: Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde

Coordenador: Jorge Luiz Cardoso Lyra-da-Fonseca - UFPE (coordenador)

Pesquisadores: Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas - UFPE (co-coordenador)

Prof. Dr. Gay Barker (Promundo - Washington-DC)

Profa. Dra. Tatiana Moura (Promundo - RJ)

Me. Mariana Azevedo de Andrade Ferreira (Instituto Papai)

Instituição Executora: Universidade Federal de Pernambuco

Mesorregiões do Estado ■ Região Metropolitana do Recife

Registro em comitê de ética Submetido ao CEP/CCS/UFPE (em avaliação)

Contrapartida Parte das despesas da pesquisa mais ampla está coberta com outros recursos:

1) EDITAL FACEPE 15/2012 - Auxílio a Projetos de Pesquisa - APQ – FACEPE *

Processo: APQ-1332-7.07/12

2) Bernard Van Leer Foundation, via Instituto PAPAI

RESUMO

Este projeto faz parte de um Programa de Pesquisa e Extensão Universitária mais amplo que está sendo desenvolvido a partir da parceria entre o Núcleo de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades da UFPE, o Instituto Promundo (ONG internacional com sede em Washington DC e no Rio de Janeiro) e o Instituto PAPAI (ONG sediada em Recife). O objetivo desta pesquisa em particular é analisar a presença e o envolvimento dos homens no ciclo pré-natal, parto e puerpério, tendo como foco os serviços de atenção básica em saúde na cidade de Recife/PE. Do ponto de vista teórico e epistemológico, adotamos como ponto de partida a perspectiva feminista de gênero, em psicologia social, que estuda os jogos de poder e processos de subjetivação a partir de leituras sobre relações interpessoais, institucionais e produções culturais e simbólicas. Do ponto de vista politicamente situado, compreendemos os direitos reprodutivos como direitos humanos e partimos do pressuposto que a promoção de uma sociedade mais equitativa requer uma participação qualificada dos homens nos processos de nascimento e cuidado das crianças. Do ponto de vista metodológico, optamos pela triangulação metodológica, envolvendo diferentes estratégias e instrumentos de pesquisa com vistas a gerar, por um lado, informações sobre conhecimentos, atitudes e práticas dos pais a partir de pesquisa quantitativa, com amostra representativa de homens residentes em uma comunidade particular em Recife, e por outro uma análise qualitativa das produções discursivas geradas em grupos focais com alguns desses homens. Além disso, serão realizadas entrevistas com profissionais, observação no cotidiano de serviços de saúde e análise de documentos de políticas públicas municipais. Todas estas estratégias serão balizadas em uma revisão de literatura sistemática sobre “pré-natal masculino”. Como resultados, pretende-se delinear propostas e recomendações na forma de um protocolo de atendimento para o “pré-natal masculino”, em consonância com as atuais recomendações do Ministério da Saúde, no contexto da Saúde da Mulher, da Saúde do Homem e da Saúde do Adolescente e do Jovem. Essa proposta terá por base também as diretrizes que orientam as políticas de direitos sexuais e reprodutivos no Brasil (Rede Cegonha) em diálogo com as

propostas estaduais e municipais (Programa Mãe Coruja). Potencializando o caráter de formação acadêmica (conceitual e política) peculiar aos núcleos de pesquisa em gênero, este projeto envolve uma equipe formada por estudantes de graduação e pós-graduação que participam tanto do desenho das estratégias de coleta como de análise e divulgação de resultados em eventos de dimensão e natureza diversos.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário de uma pesquisa sobre **os modos de subjetivação masculinos na contemporaneidade**, desenvolvido a partir de uma pesquisa de Mestrado em psicologia pela UFPE, em parceria com o Instituto Papai e o Grupo de Estudos em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA/UFPE). O objetivo deste estudo é analisar e desenvolver uma reflexão crítica - adotando a perspectiva feminista e de gênero -, dos modos de subjetivação masculinos na contemporaneidade através de relatos de homens de classes populares residentes no bairro da Várzea da cidade de Recife/PE. Sua forma de participação consiste em ter alguns encontros com a mestrandia Juliana Gama, responsável pela pesquisa, para a realização de entrevistas e narrações.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados contribuirão para o campo de estudos sobre homens e masculinidade. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim, o preferir.

Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a responsável principal Juliana Fonsêca de Almeida Gama, telefone (83) 9654-9780. Após ter sido esclarecido(a) sobre as informações acima, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

Local: _____ Data: _____

Nome e assinatura do pesquisador: _____

* * *

Declaro que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, minha forma de participação, riscos e benefícios de minha participação. Eu li e compreendi este termo de consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local: _____ Data: _____

Nome e assinatura do entrevistado: _____

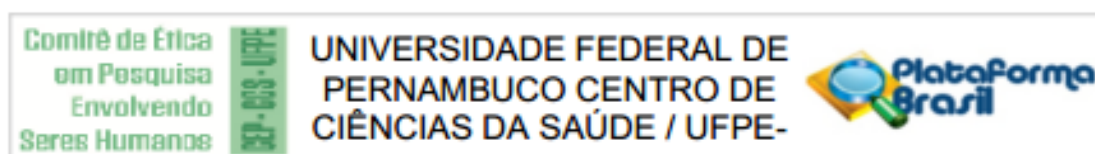
Nome e assinatura das testemunhas: _____

Responsável legal e local onde serão arquivados os dados da pesquisa: Juliana Fonsêca de Almeida Gama. Telefone: (83) 9654-9780
Comitê de ética responsável: Avenida da Engenharia, S/N - 1º andar, CEP: 50740-600, Cidade Universitária Recife - PE, Brasil. Telefone/Fax do CEP: (81) 2126-8588 - E-mail do CEP: cepccs@ufpe.br

ANEXOS

ANEXO A

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde**Pesquisador:** Mariana Azevedo de Andrade Ferreira**Área Temática:****Versão:** 1**CAAE:** 33295914.5.3001.5208**Instituição Proponente:** INSTITUTO PAPAI**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 748.653**Data da Relatoria:** 13/08/2014**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um Projeto de pesquisa apresentado pelo Instituto Papai e pelo Grupo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades da UFPE. Sob a orientação da Coordenadora Geral do Instituto Papai, Mariana Azevedo de Andrade Ferreira e o Prof. Jorge Lyra do GEMA/UFPE e a coordenadora executiva Sirley Vieira. Esta proposta se insere no campo da garantia dos direitos reprodutivos e da melhoria do acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva. Tem como objetivo final, desenvolver estratégias para um maior envolvimento dos homens, especialmente os pais, nas consultas e demais ações de pré-natal e assistência obstétrica. As ações propostas neste projeto se organizam em torno de quatro grandes eixos: Pesquisa, Comunicação, Formação e Incidência política. O eixo de pesquisa procura levantar informações, com homens em diferentes idades, sobre os processos em que estão envolvidos em ações de cuidado e auto-cuidado com a saúde, em particular questões ligadas a vida sexual e reprodutiva e situações de violência doméstica e sexual, cometidas contra crianças e adolescentes. As ações do projeto serão desenvolvidas no território de abrangência do Distrito Sanitário IV do município de Recife. Mais especificamente em sua micro-região 4.3, que compreende os bairros: Caxangá, Cidade Universitária e Várzea. Será aplicado um questionário e será realizada entrevistas com uma amostra representativa dos homens com idade entre 18 a 59 anos. O questionário versará sobre as atitudes, experiências e opiniões dos homens

sobre temas como: cuidado de si e de crianças, relação com os serviços de saúde e violências.

Objetivo da Pesquisa:**Objetivo Primário:**

Realizar um diagnóstico e levantar demandas sobre o envolvimento dos homens no cuidado infantil e nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica.

Objetivos Secundários:

1. Aplicação de questionário e realização de grupos focais com homens na comunidade em duas ondas, no início e no fim do projeto com o objetivo de compreender os vários lugares que os homens assumem como cuidadores de crianças e quais os sentidos produzidos sobre violência contra crianças e adolescentes cometida pelos cuidadores/as;
2. Entrevistas e grupos focais com profissionais e agentes comunitárias de saúde sobre a questão do envolvimento dos homens com a temática do cuidado e de situações de violência contra crianças e adolescentes;
3. Análise dos sistemas de informação ligados à violência contra crianças e adolescentes para conhecer e acompanhar alterações nos índices de violência contra crianças e adolescentes nas comunidades.

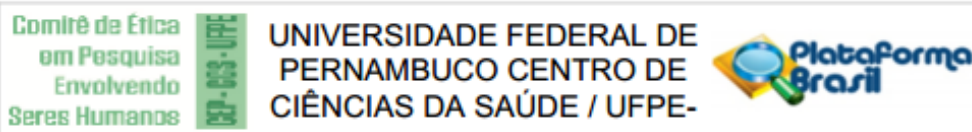
Avaliação dos Riscos e Benefícios:**Riscos:**

A participação neste estudo apresenta risco mínimo do ponto de vista da integridade física, social e emocional dos participantes (constrangimento). Como forma de minimizar a pesquisa será realizada em local reservado, de conformidade com a conveniência dos grupos participantes. Se por ventura, nas entrevistas algum constrangimento ou desconforto moral/emocional ocorrer ou for pelo participante revelado, este receberá orientação para buscar serviço adequado a sua necessidade.

Benefícios:

Esta pesquisa não prevê benefícios específicos diretos aos participantes. O principal benefício desta pesquisa é de natureza política e coletiva, na medida em que a divulgação dos resultados pode contribuir no desenvolvimento de políticas públicas. Ressalta-se que muitas pessoas se sentem beneficiadas em participar de pesquisas que focalizam problemas sociais e cujos resultados podem contribuir para transformações no campo dos direitos humanos. Além disso pesquisas no campo de gênero e sexualidade relatam, como benefício secundário, a satisfação dos

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS		
Bairro: Cidade Universitária	CEP: 50.740-600	
UF: PE	Município: RECIFE	
Telefone: (81)2126-8588	Fax: (81)2126-8588	E-mail: cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 748.653

entrevistados em falar sobre questões íntimas e pessoais, para um profissional qualificado, dada muitas vezes a dificuldade em seu cotidiano de falarem sobre suas vivências relacionadas a temas tabus.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é viável porém precisa de correções, esclarecimentos e apresentação de outros documentos. O tempo de 3 meses para realizar o projeto parece muito curto em função da grande quantidade de pessoas envolvidas. Financeiramente o montante representa uma quantia considerável pois não demanda custos laboratoriais, visto que o projeto será baseado apenas em questionários e entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

adequados

Recomendações:

nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

nenhuma

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado aprovou o parecer do protocolo em questão e o pesquisador está autorizado para iniciar a coleta de dados.

Projeto foi avaliado e sua APROVAÇÃO definitiva será dada, após a entrega do relatório final, na PLATAFORMA BRASIL, através de "Notificação " e, após apreciação, será emitido Parecer Consubstanciado .

RECIFE, 13 de Agosto de 2014

Assinado por:
GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO
 (Coordenador)

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)2126-8588 Fax: (81)2126-8588 E-mail: cepccs@ufpe.br

ANEXO B

TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde
Pesquisador responsável: Mariana Azevedo de Andrade Ferreira
Instituição/Departamento de origem do pesquisador:
Instituto Papai
Telefone para contato: 32714804
E-mail: mariana@papai.org.br

O(s) pesquisador (es) do projeto acima identificado(s) assume(m) o compromisso de:

- Preservar o sigilo e a privacidade dos voluntários cujos dados (informações de prontuários) serão estudados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o voluntário da pesquisa.

O(s) pesquisador (es) declara(m) que os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos e filmagens), ficarão armazenados em um computador institucional, sob a responsabilidade da pesquisadora Mariana Azevedo de Andrade Ferreira, no endereço Rua Mardônio do Nascimento, 119, Recife-Pe, CEP 50741-380, pelo período de mínimo 5 anos.

O(s) Pesquisador(es) declara(m), ainda, que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco – CEP/CCS/UFPE.

Recife, 30 de julho de 2019.

Mariana Azevedo
Coordenadora Geral

Assinatura Pesquisador Responsável